FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 030

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Estruturas sociais africanas

pelo prof. SILVA CUNHA

O tipo predominante das sociedades africanas formadas sob a influência da colonização europeia é o da sociedade plural, integrada por diversos grupos sociais justapostos que, na sociedade global por eles constituida, não perdem a sua individualidade.

Efectivamente a estrutura típica das sociedades africanas é em esquema a seguinte:

Um grupo formado pelos descendentes dos primeiros colonos, por outros elementos provenientes de Estados colonizados ou de outros Estados do mesmo tipo étnico e cultural e pelos nativos que assimilaram a cultura dos colonos;

O grupo formado pelos nativos que conservam a cultura tradicional e que se mantêm integrados nas organizações sociais próprias;

O grupo formado por aqueles elementos das populações nativas que estão a passar por um processo de evolução cultural;

Os grupos formados por elementos

(Continua na página seguinte)

Criado gatuno
no palácio real

COPENHAGUE, 19. — Um criado ao serviço da família real dinamarquesa foi surpreendido em flagrante delito de roubo, no palácio de Emelienborg — informa o «Berlingske Tidende», acrescentando que dois antiquários suspeitos de cumplicidade, foram igualmente presos.

Há dois anos que o criado gatuno se apropriava de jóias e outros objectos de grande valor. — (F. P.).

Três bombas núcleares
rebentaram acima da atmosfera em sensacionais experiências
feitas pelos Estados Unidos

WASHINGTON, 19. — Os Estados Unidos provocaram a explosão de três bombas nucleares, acima da atmosfera terrestre, em Setembro de 1958, na região do Sul do Atlantico — anunciou o secretário-adjunto da Defesa, Donald Quarles. Acrescentou que estas experiências secretas, com finalidade principalmente científica, deviam permitir a recolha de informações sobre a natureza da banda de radiações que circunda a Terra.

Herbert York, director do Serviço de Pesquisas do Departamento da Defesa, explicou, por sua vez, que as explosões provocaram radiações muito escassas e que se pretendia, com elas, comprovar certas teorias relativas á captura de electrões pelo campo magnético terrestre. Recusou-se a indicar a profundidade da «cortina» de electrões provocada pelas explosões. Essa «cortina» é que constitui o aspecto militar das experiências agora reveladas. Dizem personalidades oficiais que o seu o objectivo teria sido verificar a possibilidade de espalhar neutrões destinados a neutralizar a explosão da ogiva nuclear de um engenho balístico inimigo. Há quem afirma, por outro lado, que os ensaios se destinaram a desencadear uma explosão suficientemente perto de um engenho balístico para neutralizar o seu potencial explosivo.

Herbert York, que não deu esclarecimentos sobre este aspecto das experiências, notou, entretanto, que os electrões libertos pela deflagração das bombas foram captados pela banda magnética que rodeia a Terra e cria uma vasta cortina em redor do Globo.

Tão-pouco se conhecem indica-

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
28 PÁGINAS
nas quais se inclui
o «Suplemento Literário» e um numero dedicado aos concelhos do Barreiro e do Seixal.

Kruchtchev afirma que a Rússia
está disposta a examinar as propostas apresentadas pelo bloco ocidental
e a eliminar as ameaças de guerra

MOSCOVO, 19. — «Exortamos todos os países que tomaram parte na guerra contra a Alemanha hitleriana a reunir-se em volta de uma mesa redonda, para solucionar os problemas em suspenso e concluir um tratado de paz com a Alemanha» — declarou o primeiro-ministro soviético na reunião de hoje, no Kremlin, com os representantes da Imprensa. Continuou: «Estamos dispostos a examinar todas as propostas apresentadas pelas potências ocidentais, e a estudá-las em pé de igualdade com as nossas».

Kruchtchev fez a seguinte declaração:

«E' unico objectivo do Governo soviético, com as suas propostas de tratado de paz com a Alemanha e de liquidação do regime de ocupação em Berlim-Oeste, suprimir os vestígios da segunda Guerra Mundial, normalizar a situação em Berlim e na Alemanha inteira e marcar, assim, um início auspicioso da liquidação da «guerra fria».

«E' nossa convicção firme que a conclusão de um tratado de paz com a Alemanha e a cessação da ocupação Alemanha e a cessação da ocupação de ses nacionais do povo alemão, aos da consolidação da paz e da segurança colectiva. A atmosfera internacional não só pode mas deve ser saneada. Apenas lutamos por uma coisa: eliminar de uma vez para sempre as nuvens escuras de nova guerra do horizonte internacional».

Kruchtchev lembrou que, nas suas conferências com MacMillan, se assentou na necessidade de proceder, num futuro próxmo, a conversações entre os Governos interessados, a fim de se aplanarem as divergências, incluindo as que se referem ao tratado de paz com a Alemanha e á questão de Berlim.

(Continua na ultima página)

Muito abatido e pálido, o ministro Foster Dulles, internado no Centro Médico de Washington, em tratamento de um cancro, saiu há dias da sua reclusão, para dar, com a mulher, um pequeno passeio de automóvel. Ás perguntas que lhe fizeram acerca das suas melhoras, respondeu apenas: «Perguntem aos médicos». Estes dizem que o seu estado é satisfatório

Uma madeixa
de cabelo de Napoleão

WORCESTER (Inglaterra), 19. — Vai ser hoje leiloada, nesta cidade, uma madeixa de cabelo de Napoleão, trazida clandestinamente para Inglaterra depois da sua morte, na ilha de Santa Helena, em 1821. — (A. N. I.).

Nota do dia

Brinde

O «Times», tão conservador em política como no gosto, em boa hora resolveu tomar a defesa do vinho do Porto contra o exagero dos direitos alfandegários que o oneram á sua entrada na Inglaterra. O velho, o nobre, o fino, o generoso «Port wine», que era acolhido naquele país como um hóspede de marca, tornou-se de um dia para o outro, desde que o jogo dos interesses aduaneiros entrou a funcionar, um hóspede quase indesejável. «A histórica aliança de Portugal com a Inglaterra — escreve o venerável orgão da City — tem sido sempre fortalecida e regada, desde o tratado de Methwen, há dois séculos e meio, por copiosas torrentes de bom vinho do Douro». Estipulava aquele instrumento diplomático, cujo vigor os anos foram abalando, como acontece a tudo na vida — seres, coisas e tratados — que «Sua Sagrada Majestade Portuguesa» poderia «justa e legitimamente proibir os panos de lã e todas as demais fábricas de lanifícios de Inglaterra», se em qualquer tempo o vinho do Porto deixasse de gozar da dedução ou abatimento de direitos que lhe era concedido pelo tratado. Ora a verdade é que o delicioso nectar, se não perdeu o favor dos bons apreciadores ingleses, perdeu em grande parte o seu mercado tradicional. Para efeitos alfandegários, o vinho do Porto passou a ser classificado na Inglaterra como um «vinho pesado». Nós podiamos, de igual modo, não considerar leves as preciosas lãs da Escócia que nos aquecem no Inverno ou os primorosos tecidos do Lancashire que vestem os nossos «dandies». E o prato da balança começaria a pender de um modo desfavorável para o lado dos nossos amigos ingleses, o que não é de boa política comercial, nem serve a cordialidade das relações entre os dois seculares aliados. Na próxima visita da princesa Margarida, gostariamos de poder brindar já, com um «vintage» da melhor qualidade, por uma redução substancial de direitos que restituisse aos Ingleses o gosto e o hábito do vinho do Porto — e á economia portuguesa esse factor essencial do seu equilibrio que é a exportação daquele afamado produto.

As importantes conversações
entre MacMillan e Eisenhower
para a coordenação da política ocidental
começam amanhã e serão secretas

WASHINGTON, 19 — O primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd e outras individualidades, chega aqui hoje, cerca das 17 horas (T. M. G.) para conferenciar com o presidente Eisenhower. Depois de visitarem o secretário de Estado, John Foster Dulles, no hospital, os estadistas britanicos deverão seguir, amanhã, para a casa de campo do presidente Eisenhower, nos montes Maryland, para um fim-de-semana de conversações secretas.

Eisenhower, que aceitou, condicionalmente, uma reunião de chefes de Governo com os Russos, no próximo Verão vai estudar, com o primeiro-ministro britanico a coordenação da política ocidental em relação á U. R. S. S.

As conversações entre MacMillan e Eisenhower decorrerão desde amanhã até domingo no «Campo David», a 100 quilómetros ao Norte de Washington, nos Montes Catoctin, no limite setentrional do Mary-

(Continua na ultima página)

Visado pela Comissão de Censura

NO RESTELO

O Benfica
e o Belenenses
igualados (1-1)
no fim da 1.ª parte

O encontro-repetição entre o Belenenses e o Benfica, travado esta tarde no Estádio do Restelo atraiu as atenções gerais das massas asso-

(Continua na ultima página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

O «OURO ENGARRAFADO»

O «Diário de Lisboa» fez há anos, pela pena de um dos seus redactores, o mais largo e profundo inquérito ás condições de vida de quem produz o vinho do Porto e como é dura a crise que atinge a gente que o faz e que o vende. De então para cá, nada alterou as causas e os efeitos da sua crise. Algumas medidas, mesmo (como a da compra de aguardentes em França para o seu fabrico) revelaram-se contrárias á posição do nosso «ouro engarrafado» e da legitimidade da sua ética. A exportação desceu, a crise, portanto, subiu. Os ecos da situação subiram á Assembleia Nacional, onde a voz do dr. Manuel Nunes Fernandes pôs com elevação soluções do problema. Estão em causa cerca de 27 mil lavradores (cerca de 19 mil produzem menos de cinco pipas). Quem vai valer aos pobres produtores do Douro, se não for valorizado o vinho? A terra não produz mais nada, e este ano produziu muito menos. Depois, o Douro não produz só vinhos generosos. Tem também vinhos de consumo e estes, embora dos melhores da nossa terra (e dos que mais se recomendam para a exportação) vendem-se a preços inferiores aos das áreas da Junta. Uma política de inteligência, de coração e de muita compreensão pedem as pobres e desesperadas gentes do Douro: as que trabalham a terra ou a mandam trabalhar, porque uns e outros, da crise, têm muito que contar.

FEIXE DE NOTICIAS

O caso da morte do casal Trist, ocorrido em Vale de Gatos, parece voltar á luz dos acontecimentos falados. Desta vez, trata-se de actualizar ideias sobre as causas da sua morte, através dos relatórios entregues na embaixada de Portugal em Londres. O subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros anunciou-o na Camara dos Comuns. Os técnicos portugueses vão ter agora oportunidade de dar a tréplica aos técnicos ingleses.

✱ Na reunião ordinária do Senado da Universidade de Lisboa (assistiu, pela primeira vez, o novo director da Faculdade de Letras, prof. Orlando Ribeiro) foi aprovado, por unanimidade, um voto de pesar pela morte de Gago Coutinho, «doutor honoris causa» em Ciências Matemáticas pela Universidade de Lisboa. Salientou-se, ao ser proposto, que o grande almirante «foi um notável exemplo de aliança do labor científico á acção».

✱ Da cadeia principal de Sevilha evadiram-se dois presos (o José Gonzalez Machibo e Juan Rodriguez Moreno). Andaram, atravessaram a fronteira, mas em Barrancos detiveram-nos. Quem eram, donde vinham, para onde iam, como e onde faziam? Quintiliano não prepararia hexametro mais contrário aos interesses dos próprios. Diziam-se contrabandistas mas acabaram por contar a verdade. E por ela serão recambiados.

✱ Manuel da Costa Faustino é ferrador na Amoreira (Obidos). Na noite passada, ao regressar a casa, três meliantes desceram de um automóvel, manietaram-no, remexeram-lhe as algibeiras e amarraram-no ao tronco de uma oliveira. Depois, puseram-se em fuga, enquanto o pobre Faustino em vão cortava a noite com os seus gritos. Só de manhã uns rurais que iam á sua vida deram com ele na lastimosa situação. Tudo isto aconteceu por causa de 100$00. Que tanto foi o que lhe roubaram.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o contra-almirante Lopes Alves, ministro do Ultramar, e dr. Augusto de Castro Fernandes, No seu livro de cumprimentos inscreveram-se o embaixador dr. Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Carlos de Matos Moreira, director-geral dos Serviços de Registo e do Notariado; dr. José Manso Preto, procurador da Republica junto da Relação de Coimbra; e major António Jorge da Silva Sebastião, governador de distrito na província de Angola. ✱ O general Luís Domingues foi homenageado com um banquete pelos oficiais em serviço na Guarda Fiscal que, durante três anos, foi comandada pelo homenageado. ✱ O Conselho de Ministros nomeou o major Fernando Barata governador de Timor; promoveu a general o brigadeiro Holbeche Ferro; e a brigadeiros os coronéis tirocinados de Artilharia, Moura de Azevedo e Ferraz Pinto de Oliveira. ✱ Anunciou-se para breve a construção do Palácio da Justiça e do quartel da Guarda Fiscal em Olhão. Pede-se também a construção do novo edifício da capitania do porto. ✱ Numa serração da Casa Diamantino Tojal («vila» Berta, Travessa da Pereira, 16-A, á Graça), manifestou-se incêndio cujas maiores consequências foram o alarido da população. ✱ Regressaram a Londres o secretário da Defesa e o chefe do estado-maior naval da União Sul-Africana.

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA

MERCÊS

(Sede da Junta — Travessa das Mercês, 23 Telef. 25982)

Partindo do cruzamento da Avenida de D. Carlos I com a Calçada da Estrela, segue para Nordeste, pelo largo fronteiriço ao Palácio da Assembleia Nacional, até á Rua de São Bento; toma o eixo desta rua, continuando, para Norte, até á Rua da Imprensa Nacional, cujo eixo acompanha, no sentido nordeste, até á Rua de Marcos Portugal inflectindo primeiro para Sueste e depois para Leste, e segue pelos eixos da Rua de Marcos Portugal e da Trav. de São Sebastião, até encontrar a Rua de Cecilio de Sousa; desvia-se para Norte, seguindo pelo eixo desta rua até ao seu cruzamento com a Rua da Escola Politécnica; continua para Sueste, pelo eixo da Rua da Escola Politécnica, e contorna, pelo Nordeste, a Praça do Principe Real; desce pelo eixo da Rua do Século, até ao ponto de interceptar com a Rua da Academia das Ciências; desvia-se para Oeste, prosseguindo, num percurso de cerca de 70 metros, pelo eixo da referida rua, até ao termo das instalações do jornal «O Século»; inflecte para Sul, contornando, pelo Poente, as mencionadas instalações e, pelo Nascente, as do Liceu Passos Manuel; toma a direcção Oeste, continuando a contornar, agora pelo Sul, o dito liceu, até atingir a Travessa do Convento a Jesus; desce, pelo eixo desta travessa, até ao Largo do Dr. António de Sousa Macedo; orienta-se, finalmente, para Oeste, e segue, pelos eixos da Rua dos Poiais de São Bento e da Calçada da Estrela, até ao ponto de partida.

Professorado liceal

Foi homologado o parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa que determina que os licenciados em Ciências Geofísicas pelas Faculdades de Ciências poderão concorrer aos quadros do 8.º grupo (Matemática) do professorado liceal, nos termos legalmente estabelecidos para os licenciados em Ciências Matemáticas.

Estruturas sociais africanas

(Continuação da página anterior)

extra-europeus, principalmente asiáticos, que, em grande numero emigraram para certos territórios africanos (é o caso, por exemplo, dos Libaneses na Guiné, dos Indianos e Paquistaneses em Moçambique, na União Sul Africana e em quase todos os territórios da Africa Oriental);

Por vezes, principalmente nos territórios em que se adoptou uma política de separação ou segregação racial, como na Africa do Sul, ainda se poderá individualizar outro grupo — o dos mestiços. E' o caso dos «coulored» do Cabo.

A paz na convivência entre todos estes povos é assegurada pela autoridade exercida pelos colonizadores, a qual se exprime em quadros políticos e jurídicos comuns a todos, mesmo quando se consente uma certa especialização de instituições sociais e de sistemas de direito.

O colonizador não se reduziu, porém, a esta mera função de enquadramento.

O contacto entre todos os grupos sociais mencionados é um contacto entre portadores de culturas diferentes. Quer dizer; é, em ultima análise, um contacto de culturas, de que rsultam influências recíprocas traduzidas na transformação das várias culturas em presença.

O grupo colonizador não se limitou a ser mero espectador destas transformações. E' um elemento activo que usa a sua hegemonia política para imprimir um certo sentido á evolução cultural dos outros grupos, principalmente do que mencionamos em segundo lugar. E' nisto que consiste a acção civilizadora.

O colonizador, tomando como padrão a sua própria cultura, procura transformar a cultura do nativo melhorando-a em todos os seus aspectos — o material, o intelectual e o espiritual.

Na prossecução deste objectivo, porém, cada povo actua segundo a sua maneira de ser. Os Ingleses procuram manter separadas as sociedades brancas e negras encaminhando estas para a autonomia. Os Portugueses e os Franceses, pelo contrário, tiveram sempre em toda a sua acção colonizadora o objectivo da integração, isto é, de fazer dos povos que colonizaram novos elementos dos respectivos agregados nacionais.

Os processos e técnicas usados, não é para aqui expô-los, mas há um ponto que merece ser posto em relevo.

O processo de aculturação que a política de integração supõe, não decorre sem o que alguns sociólogos denominam efeitos de oposição ou de protesto por parte dos colonizados. Quer dizer: sem que, por parte destes, se verifique, por vezes, uma certa reacção.

Esta reacção é tanto menos intensa, quanto maior for a adesão que os seus espíritos ofereçam á influência cultural dos colonizadores.

Um factor essencial para conseguir essa adesão e para evitar ou anular a reacção é a atitude de simpatia humana, de fraternidade cristã de que forem capazes os elementos do grupo colonizador, na sua convivência quotidiana com oc colonizados.

E' indispensável evitar as asperezas nos contactos, a discriminação, o desrespeito dos direitos, o atropelo dos legítimos interesses, os obstáculos á ascensão social correlativa da evolução para formas de cultura mais perfeitas.

Se assim não se proceder, por mais generosa que seja a doutrina oficial, fatalmente que há-de surgir o ódio mais ou menos recalcado, a frustração e o desejo de revolta.

As violentas reacções anti-europeias de que a Africa quotidianamente está a ser teatro têm causas muito complexas. Em alguns casos, porém, a causa profunda está em não se ter adoptado aquela atitude.

Foi o sentimento de revolta que o procedimento menos fraterno dos colonizadores gerou nas populações que as tornou propícias aos manejos dos agitadores e ás manobras subversivas.

Portugal na sua colonização sempre foi guiado por um alto sentimento de caridade cristã. A continuidade da obra, a realização integral do princípio da unidade nacional que o texto da nossa lei fundamental inscreve, porém, só poderá verificar-se se não surgirem, por parte das nossas populações africanas sentimentos semelhantes aos que tornaram possível a agitação que vai lavrando por quase toda a Africa. E' imperativo nacional, portanto, uma política firme que assegure a plena concretização da doutrina tradicional portuguesa, eliminando todos os abusos contra os nativos, onde porventura existam, e garantindo-lhes o pleno respeito pela sua dignidade de pessoas humanas.

SILVA CUNHA

Amigos de Olivença

A reunião de hoje, dos «Amigos de Olivença», na Casa do Alentejo, presidiu o professor Ramos e Costa, presidente da direcção do patriótico agrupamento.

Assistiram outras altas individualidades civis e militares, e muitas senhoras.

O coronel Carlos de Figueiredo Pereira Botelho fez uma interessante conferência, intitulada: «Campanhas do Rossilhão e 1801 — Olivença».

NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
RIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC

Drogaria e Perfumaria
CEZAL
CASA FUNDADA EM 1910
Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial bijuterias, brinquedos e artigos para brindes.
RUA DO COMERCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 LISBOA

LORY
JOIAS INTERESSANTES — LINDO SORTIDO DE OBJECTOS DE PRATA — PEQUENAS LEMBRANÇAS — TRANSFORMAÇOES — PREÇOS MÓDICOS. Calçada do Carmo, 3, 2.º, Dt.º

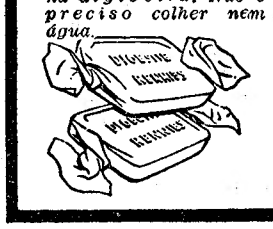
Pastilhas Kissinga
O mais eficaz e mais antigo remédio contra a OBESIDADE, completamente inofensivo, preparado pela Casa Boxberger, fundada em 1711 em Bad Kissingen (Alemanha). Em todas as Farmácias e nos depositários exclusivos: Farmácia Teixeira Lopes & C.ª, Ltda., Rua do Ouro, 154 — Lisboa. Telef. 24816.

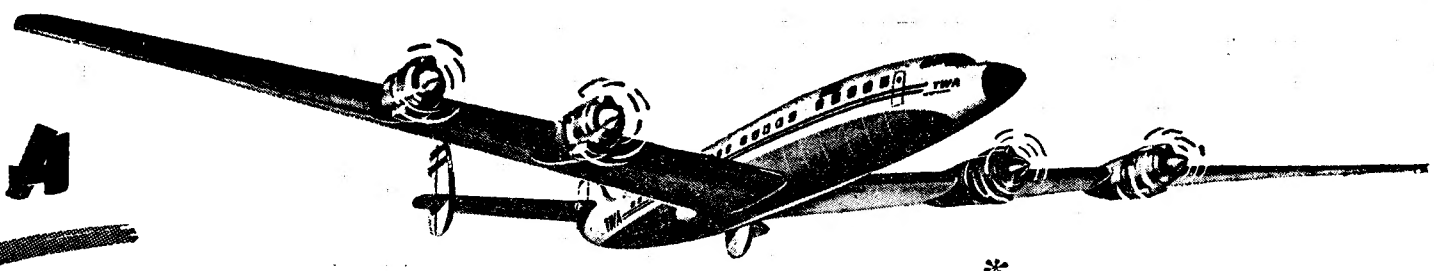
SAPATARIA
ORION
Apresenta a sua *colecção de modelos* para as estações de Primavera e Verão, com *um novo tipo de forma*, executados nas suas oficinas, com as *ultimas novidades em pelarias estrangeiras.*
RUA GARRETT, 42 TELEF. 25943

ANGÉLICA
COSTURA
Apresenta a sua Colecção amanhã às 15,30.
Rua Alexandre Herculano, 17 r/chão, Dt.º — Tel. 50586

ACABE COM ESSE ARDOR

DEPRESSA

Esteja onde estiver — desde que tenha Rennie consigo — pode enfrentar a azia, sem receios — aliviando o padecimento de maneira agradável e rápida. Aos primeiros sintomas, chupe duas pastilhas, uma a seguir à outra, e o ardor desaparecerá.
As Rennie proporcionam alívios rápidos porque os anti-ácidos de que se compõem são dissolvidos pela saliva e vão directamente para o estômago. Não são necessárias doses maciças; a sua acção é suave e regulariza ràpidamente as funções digestivas normalizandó as secreções ácidas.
Se as Rennie não lhe derem alívio consulte o seu médico.
PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50
As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.




AGORA VOE NO JETSTREAM*

o mundialmente famoso avião da TWA

de LISBOA para os ESTADOS UNIDOS

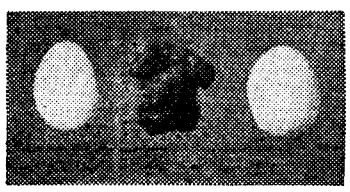
* JETSTREAM é um exclusivo da TWA

PLANO FAMILIAR
Reduções desde 2.893$00 a 8.679$00
Aplicável:
- ✓ através do Atlântico
- ✓ entre 15 de Outubro e 31 de Março
- ✓ em qualquer classe
- ✓ a esposa e filhos de mais de 12 e menos de 26 anos

PREÇO ESPECIAL PARA EMIGRANTES
Reduções de 30°/o e 40°/o
Aplicável:
- ✓ para América do Norte e Canadá
- ✓ entre 15 de Outubro e 30 de Junho
- ✓ em Classe Turística e Económica
- ✓ 30 Kg. de bagagem grátis

Só a TWA liga Lisboa e Nova-York com 70 das principais cidades da América

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU TWA Lisboa Av. da Liberdade, 258 Telefone 58:23



Amendoas

CONFRONTE E VERÁ

As melhores que se fabricam, vende-as **A MARIAZINHA.**

Lisas, de cores, quilo	30$00
Molar, ou Coimbra, quilo ...	40$00
Sobremesa, 1.ª, quilo	42$00
Tipo francês, quilo	44$00

Em lindos sacos, para oferta

Rua Barros Queiroz, 28 — Lisboa - 2
Av. Rio de Janeiro, 25-B (Frente á Igreja) — Lisboa - 5

Em CHAVES o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic. Rua Direita, 71.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Temporada de Ópera de 1959

AVISO

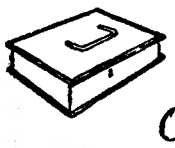
Por motivos de força maior a Direcção do Teatro Nacional de S. Carlos vê-se obrigada a **adiar para amanhã, dia 20,** à mesma hora, a recita com a ópera **O Trovador** que deveria ser representada hoje.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas,
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — Às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes. prótese — Às 10 horas

«Ou sim, ou não!»



CONCURSO

Ou Sim, ou Não!

Nome .....

.....

Morada .....

Telef. .....

IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

Juntamente com os principais jornais diários do País, continuamos a publicar o boletim de inscrição do já popular concurso «Ou sim, ou não!», promovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Este boletim será publicado diáriamente, até ao próximo dia 22.

Como os leitores do «Diário de Lisboa» já sabem, para concorrer a «Ou sim, ou não!» bastará enviar á R. T. P., devidamente preenchido, o referido boletim. Os concorrentes terão, ainda, de observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes, de forma bem legível e de modo a não suscitarem qualquer duvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

A não observancia de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não!», R. T. P. — Radiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos, á Lapa, 26 Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.

SABENA A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS

LISBOA
LEOPOLDVILLE
JOANESBURGO

Peça informações à sua Agência de Viagens ou à

SABENA
LINHAS AÉREAS BELGAS

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Veja a Televisão
Mas defenda os seus olhos.
Com os óculos próprios de protecção.
Exclusivo de:
GIL — OCULISTA
138, Rua da Prata, 140
LISBOA Telefones: 25881-22829

Cafiaspirina BAYER
CONTRA DORES · MAL-ESTAR · ABATIMENTO

AMANHÃ no **EDEN**

UM FILME SURPREENDENTE! UM DRAMA INOLVIDAVEL!

A célebre obra de **BERNARD SHAW** numa espectacular realização de **OTTO PREMINGER**

SANTA JOANA

A revelação de uma grande actriz
JEAN SEBERG
a nova Joana d'Arc escolhida entre 18.000 pretendentes

com
RICHARD WIDMARK ● ANTON WALBROOK ● RICHARD TODD ●

Um momento da história da humanidade realizado com autenticidade e emoção que traz o passado ante nossos olhos!
O apaixonante drama de «Joana d'Arc» visto sob um novo prisma!
Um filme que ficará na história da cinematografia moderna!
Um exclusivo da
INTERNACIONAL FILMES
(Maiores de 12 anos)

Em 2.ª SEMANA

NO

ROMA

Telef. 727778

Às **15.30** (a preços reduzidos) e ás **21.45**

UMA HISTÓRIA ADORÁVEL SOBRE O PRIMEIRO GRANDE AMOR DE UMA ADOLESCENTE COM MÚSICA DE DOMENICO HODUBNO

ALESSANDRA PANARO
MARIO GIROTTI
TINA PICA

LAZZARELLA

(MAIORES DE 12 ANOS)

TALMA FILMES

TRINDADE HOJE às 21,45 UMA GRANDE CRIAÇÃO DE **EUNICE MUÑOZ**

Os pássaros de asas cortadas

SÓ ATÉ DOMINGO — DIA 21 ÚLTIMO SÁBADO UNIVERSITÁRIO (M/17 anos)

! Mais perfeita Mais económica !

É assim a escrita **BIC**, que pela sua esfera de alta precisão, nível visível e a sua famosa tinta Imac. reune as maiores vantagens para escrever à mão, conhecidas até agora.
Experimente-a e dirá satisfeito
!QUE BEM SE ESCREVE COM A **BIC!**

BiC

LAFOREST, LDA.
AV. DA LIBERDADE, 140-2.º • LISBOA
TELEFONE 368452 • 21441

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — **RAIZES DO CEU** — **POLITEAMA**

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) **em 2.ª semana**
Uma história de amor de apaixonante interesse
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paul Newman** e **Burl Ives** em Metrocolor
Rigoroso exclusivo de temporada

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
3.ª SEMANA
Ultimos espectáculos
A COSTUREIRINHA DA SÉ
O filme português colorido com **Maria de Fátima Bravo** — (M/12 anos).

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
do empolgante filme em Dyaliscope
OS VIOLENTOS
com **Paul Meurisse, Françoise Fabian** e **Fernand Ledaux**
Amanhã (M/12 anos) — o filme de acção em Cinemascope e technicolor **7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS**, com **Jane Powell** e **Howard Kell**

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) (M/6 anos) e 21.30 (M/12 anos)
JOSELITO vive uma história encantadora e canta lindíssimas canções no seu novo filme
O PEQUENO PASTOR
com CAMARDIEL
Rigoroso Exclusivo de Época
Bilhetes á venda para os dias seguintes

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope col.
CONTIGO NOS MEUS BRAÇOS
com Tab Hunter
TALISMÃ
com Virgínia Mayo

CINEMA IDEAL
A's 21 (M/12 anos)
CORRIDA PARA A VIDA
O gigante dos mares

LIDO TEL. 48560
21 h. (M/12 anos)
TOTÓ, FERNANDEL E A LEI
Cinemascope
KELLY E EU

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/12 anos)
Em Cinemascope
Um novo filme do grande realizador John Huston
O BÁRBARO E A GUEIXA
com **John Wayne** e **Eko Ando**
A história do primeiro consul americano que entrou no Império proibido.

POLITEAMA TEL. 26305
21.45 (M/17 anos)
Grande ESTREIA!
Um filme de rara classe de espectáculo em Cinemascope
RAIZES DO CEU
com **Juliette Grecco, Trevor Howard, Errol Flynn** e **Eddie Albert**
Uma história que revela um tremendo libelo vivido com coragem e sangue.

Hoje, ás 18 h.: **Sensacional comemoração do 1.º aniversário da série «Os grandes romances de amor», com Arturo de Cordova e Marga Lopez no filme em ANTE-ESTREIA**
UM AMOR QUE NÃO MORREU
No palco: PASSAGEM DE MODELOS DA «CASA AGUIAR» («BOUTIQUE») e CONJUNTO SHEGUNDO GALARZA em novos ritmos.
(Adultos — (M/17 anos)

ALVALADE Telefone 763080
15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Um filme ardente baseado na célebre peça de **Tenessee Williams**
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paulo Newman** e **Burl Ives**
Rigoroso exclusivo da temporada

AVIS Tel. 47163
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
O grandioso poema épico de TORQUATO TASSO
JERUSALÉM LIBERTADA
Supercinescope com **Sylvia Koscina** e **Francisco Rabal**
Batalhas aguerridas e impressionantes duelos.

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
A AUSENTE
com
Arturo de Cordova

IMPÉRIO Tel. 55134/5
15.15 e 21.30 (M/17 anos)
EM 3.ª SEMANA
«Suspense» e emoção num filme extraordinário
Testemunha de acusação
com **Tyrone Power, M. Dietrich** e **Charles Laughton**
de **Billy Wilder**
A's 18.15 (Adultos—M/17 anos) — «**Humberto D**» — Esp. do Centro Univ. da Moc. Portuguesa.

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
Às 15, 18 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma obra de choque!
Aldo Ray — Cliff Robertson — Raymond Massey
OS NUS E OS MORTOS
Devido á extensão do filme as sessões começam ás 15, 18 e 21.30.

ROMA Telef. 727778
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma alegre canção transformou-se numa deliciosa comédia romantica
LAZZARELLA
com **Mário Giroti** e **Tina Pica**
Um poema de mocidade e frescura.

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 e 21.30 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Cinemascope
O mais estrondoso e triunfante êxito da comédia musical
GIGI
com **Leslie Caron, Maurice Chevalier** e **Louis Jourdan**
Rigoroso exclusivo de época

ROYAL TEL. 84503?
A's 21 (M/17 anos)
O AMOR QUE A MULHER DESEJAVA
c/ Barbara Rutting
CRUELDADE
com Fernandel

TERRASSE TEL 20917
DAQUI FALA O MORTO
Continuo
A's 21 (M/17 anos) **a esperar-te**

CASINO ESTORIL
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Às 21 (M/17 anos) **com Cantinflas**

HOJE o **POLITEAMA**

ORGULHA-SE DE APRESENTAR

A MAIS PODEROSA AVENTURA DRAMÁTICA QUE ABALA O CÉU E A TERRA!

OS ÚLTIMOS SEGREDOS DO CONTINENTE AFRICANO DESVENDADOS!

ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

UM INFERNO DE PERSEGUIÇÕES E DE CAÇADAS POR ENTRE O CLAMOR RITUAL DAS DANÇAS SELVAGENS!
UM ESPECTÁCULO COMO NUNCA SE VIU!
ARREBATADOR! SUSPENSE! AMOROSO!

Eis a "Mamã" do Ano!

A PARAMOUNT APRESENTA

JERRY LEWIS

TRÊS VEZES MAIS CÓMICO QUE NUNCA!

O JERRY ANUNCIA, PASMADO E CONSTERNADO, A INESPERADA CHEGADA DUMA CEGONHA QUE LHE DEIXOU TRÊS LINDOS GÉMEOS À PORTA!

VISTAVISION

em TECHNICOLOR

JERRY AMA SECA

(ROCK-A-BYE BABY)

MAIORES DE 12 ANOS

MARILYN MAXWELL · REGINALD GARDINER · BACCALONI · CONNIE STEVENS

PRODUTOR JERRY LEWIS REALIZ. FRANK TASHLIN ARGUMENTO DE FRANK TASHLIN BAS. NUMA HIST. PRESTON STURGES

PRODUTOR ASSOC. Ernest D. Glucksman · NUMEROS MUSIC. MONT. Nick Castle · CANÇÕES HARRY WARREN e SAMMY CAHN

AMANHÃ no CONDES

TEATROS e CINEMAS

Atrás do reposteiro

O grupo de amadores de Faro, vai brevemente levar á cena, o «Auto das Rosas de Santa Maria», original do poeta algarvio Candido Guerreiro.

— Continuam as negociações para que a companhia portuense de revistas possa estrear em Lisboa, em Sábado de Aleluia.

— A companhia do T. N. P., antes da sua estreia no Teatro S. João do Porto, aprazada para 28 do corrente realizará espectáculos em Coimbra e Aveiro, com o original de Costa Ferreira «Um homem só».

— Na terça-feira, a companhia do Teatro A B C, representa, em Almada, a revista «Vinho Novo».

— A companhia Laura Alves, em digressão pela província com a comédia «A rainha do ferro-velho», tem já marcados espectáculos até ao dia 19 de Abril.

— O actor Alvaro Pereira não participará do elenco que no Teatro A B C, há-de desempenhar, uma nova revista.

— Foi transferida para melhor oportunidade a montagem no Teatro A B C da peça infantil «O rapto da cebolinha», cujos ensaios foram suspensos.

— No reportório da companhia espanhola de operetas e zarzuelas, que em Sábado de Aleluia, se estreia no Coliseu, está incluida a opereta «Viuva alegre».

— E' provável, que da companhia que o empresário Giuseppe Bastos, tenciona levar em digressão pelo nosso Ultramar, faça parte a vedeta Beatriz Costa.

— Consta, que uma das nossas

(Continua na página seguinte)

AVENIDA

Telef. 27273

HOJE AS 21.45 HORAS

P. MAIORES DE 12 ANOS

A Companhia do Teatro de Sempre apresenta a comédia DE HENRIQUE SANTOS

Rogério Paulo

UM MARIDO EM RODAGEM

com Samwel Dinis—Carmen Dolores — Rogério Paulo—Madalena Sotto—Adelina Campos — Constança Navarro e Fernanda Alves

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

UMA OBRA DE CHOQUE!

SÃO JORGE

TELEFS. B. 54154—P. 54153

OS NUS e os MORTOS

2.ª SEMANA

FILMADO EM RKO-SCOPE E TECHNICOLOR

«OS **MORTOS** SÃO OS QUE A VIOLÊNCIA DA LUTA CEIFOU, IMPIEDOSAMENTE; OS **NUS** SÃO AQUELES QUE DESVENDAM OS REFOLHOS DA NATUREZA HUMANA EM RAJADAS DE BRUTALIDADE, NUM CONFLITO AINDA MAIS CHOCANTE QUE O DAS ARMAS».

(Do «DIARIO DE NOTICIAS»)

DADA A EXTENSÃO DESTE FILME E PARA QUE POSSA SER APRESENTADO SEM CORTES NA SUA VERSÃO INTEGRAL, PREVINE-SE O PUBLICO QUE AS 3 SESSÕES PRINCIPIAM, RESPECTIVAMENTE, A'S 15, 18 e 21,30

UM GRANDIOSO EXCLUSIVO

LABOFILME

(THE NAKED AND THE DEAD)

ALDO RAY · CLIFF ROBERTSON · RAYMOND MASSEY · LILI ST. CYR · BARBARA NICHOLS

ARGUM. de DENIS e TERRY SANDERS DA NOVELA DE NORMAN MAILER PROD. PAUL GREGORY REALIZ. RAOUL WALSH

O MAIS SELECTO PONTO DE REUNIÃO

SÁBADOS e DOMINGOS «Matinées» das 18 ás 20 horas com todo o elenco de atracções

Pasapoga

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

DUAS ATRACÇÕES EM GRANDIOSO EXITO! EIS A MELHOR PROVA: SEMPRE ENCHENTES

O FASCINANTE "BALLET" ALECOS ALVAREZ

Um conjunto escultural de que todos falam

MARIO DE LA VEGA y su «BALLET» ESPAÑOL

Em danças e canções castiças de admirável estilo

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

ABC

E. Teatro ABC, Ld.ª—T. 366745

Às 20,30 e 22,45 — JOSÉ MIGUEL apresenta

SÓ ATÉ DOMINGO

ÚLTIMAS DA HILARIANTE REVISTA

VINHO NOVO

No Sábado de Aleluia, a Companhia do ABC apresenta-se no Porto, Teatro Sá da Bandeira, com o estrondoso êxito VINHO NOVO

(Para maiores de 17 anos) DOMINGO: Ultimos espectáculos á tarde

Leiam o «EMPRE FIXE»

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

empresas de teatro musicado pensa em contratar a actriz brasileira Berta Loran.

Em S. Carlos

foi adiada para amanhã a apresentação de «O Trovador»

Por motivo de força maior, foi adiada para amanhã, a récita com a ópera «O Trovador», que deveria realizar-se hoje. Como tem sido anunciado, a célebre ópera de Verdi, será interpretada por um grande elenco artístico. A cantora francesa Regine Crespin, o tenor italiano Franco Corelli e o barítono italiano Ettore Bastianini serão os principais intérpretes; e a seu lado ouviremos ainda outros artistas de renome: Lucia Danieli, Loretta di Lelio, Silvio Maionica, Mario Carlin, Manuel Leitão e Fernando Serafim.

A Orquestra Sinfónica Nacional será dirigida pelo maestro Antonino Votto e a parte coral está a cargo do coro do Teatro de S. Carlos, dirigido pelo maestro Mario Pellegrini, com a colaboração do maestro Carlos Pasquali.

O espectáculo repete-se no domingo pelas 16 e 30 horas.

Bailados

Luigi Gário vai fazer uma conferência

O crítico de bailado e cinema italiano, Luigi Gário, há muito residente no nosso País onde é correspondente da Imprensa inglesa, italiana e norte-americana, faz, amanhã, ás 18 e 30, no Estudio-Escola de Dança Clássica, na Avenida Infante Santo, lote particular n.º 5, 1.º, uma conferência sobre «A dança nos filmes e o filme «ballet», a qual será ilustrada com a projecção do filme «Suite en blanc», com Serge Lifar e o «Ballet» da ópera de Paris.

Primeiras exibições

«O Pequeno Pastor», no Odéon

Joselito conquistou tantos amigos em Lisboa, com seus filmes e discos, e com a sua presença, que bastou anunciar o seu nome para que no Odeon se esgotasse a lotação e iniciasse a marcação para noites sucessivas. De tal forma aumenta a família Joselito que já tem fundo de assistência á infancia, para o que o retrato do patrono se vende autografado á entrada do cinema. E o numero de admiradores aumentará com este filme, anunciado em Portugal com o título de «O Pequeno Pastor», e em que Joselito se mostra ainda mais actor, e melhor cantor, não só nos «fandaguilhos» como até uma canção mexicana.

Bem acompanhado por Camardiel na figura de um vagabundo simpático, Joselito representa com espantosa precocidade um pastorzinho que é protagonista de curiosa aventura desde a serrania ás feiras típicas, sempre cantando prodigiosamente.

António del Amo realizou com bom aproveitamento de Joselito o argumento que Jaime Herranz imaginou para o já popularíssimo actorzinho; e são de Moureal as inspiradas canções.

Complementos bons, com uma lição sobre latitude e longitude, uma excursão pela Itália, Noruega e Suécia, e geniais desenhos animados, com o pato Donald.

Visor 68

Para os nossos pobres

Da nossa leitora Irene, pelas melhoras de seus pais, recebemos a quantia de 40$00, para o empregado de «café» Adão Ferreira e Maria Candida Martins, em cujo nome agradecemos.

— Para o antigo empregado de café Adão Gonçalves, recebemos do sr. António Estácio a importancia de 20$00, que agradecemos.

No Monumental

Uma sessão do ABC Cine-Clube

Amanhã, ás 18 e 40, no Cinema Monumental, o ABC Cine-Clube promove mais uma sessão cultural, exibindo o filme de A. Joffe «Cada segundo conta» (Les assassins du dimanche).

Coliseu

DIA DE FURIA e HOMENS VIOLENTOS

Um extraordinário programa duplo de cinema do gigantesco ecran panorâmico do Coliseu. Hoje e todas as noites. Só até domingo

É verdadeiramente assombroso o sensacional programa duplo de cinema que, no gigantesco «écran» do Coliseu se exibe hoje e todas as noites.

Que ninguém deixe de ver os colossais filmes «Dia de Furia» em vistavision e tecnicolor e «Homens Violentos» a maravilha em cinemascópio numa interpretação magistral de Gleen Ford, Bárbara Stanwyck e Edward G. Robinson. Um espectáculo inesquecível a preços populares.

Carne estrangeira

isenta de direitos

Um decreto-lei, hoje publicado isenta de direitos de importação as seguintes quantidades de carnes adquiridas e importadas pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, com destino ao abastecimento do continente, e respectivas taras: 493 127 quilos de origem australiana; 949 735 de origem argentina; e 2 020 079 de origem brasileira.

Mais um numero de «Sempre Fixe» se encontra á venda, desta vez com uma primeira página em homenagem ao seu falecido director Artur Portela.

Embora o momento não seja como habitualmente festivo, «Sempre Fixe» insere as suas habituais secções e vasta colaboração humorística.

Não há que destacar qualquer assunto porque todos são ávidamente aguardados pelos seus leitores que já não dispensam a amável companhia do simpático hebdomadário.

As hastas públicas

de terrenos nos cemitérios

Do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, recebemos a seguinte informação, fornecida ao Ministério do Interior, pela Camara Municipal de Lisboa, em referência á local que, no dia 5 de Fevereiro, o nosso jornal inseriu, sobre a hasta publica, de terrenos nos cemitérios:

«São duas as modalidades de venda de terreno nos cemitérios da C. M. L. Quando se trata de terrenos livres e se destinam á construção de jazigos, o seu preço está fixado no Código Administrativo e no Regulamento dos Cemitérios Municipais. Este preço não tem sofrido qualquer alteração desde 1911.

Quando se trata de terrenos que vieram de novo á posse da Camara, por terem sido abandonados os jazigos neles edificados e cujas concessões caducaram, esses têm de ser vendidos em hasta publica nos termos do art.º 32.º, do citado regulamento, porque estão em causa condições muito especiais em relação ás construções existentes nos referidos terrenos e aos restos mortais que neles se encontram depositados. A hasta publica a que a notícia se refere foi de terrenos desta natureza e o preço-base de cada lote foi de 900$00, 2.400$00 e 3.600$00. A circunstancia de um dos lotes ter atingido quantia superior a 60.000$00 é, portanto, independente da vontade da Camara».

CONFERÊNCIA

de S. Sebastião

Com a presença das sr.as D. Maria Helena Antunes Varela, esposa do ministro da Justiça, D. Maria da Glória Barros, presidente-geral das Conferências, e D. Albana Polónia, presidente da Conferência da Freguesia de S. Sebastião, além de muitas outras senhoras, inaugurou-se esta tarde, na sede da Conferência daquela freguesia, uma casa de costura com uma exposição de trabalhos feitos por protegidas da referida benemérita instituição.

A nova casa de costura permitirá a manutenção de mais uma interessante obra de caridade.

VIDA RELIGIOSA

A Semana Santa em Braga

BRAGA, 18. — Principiam no sábado, nesta cidade, as solenidades da Semana Santa, que se prolongarão até ao dia 29, as quais deverão atrair como tradicionalmente, muitos milhares de fiéis e turistas.

VIDA SOCIAL

DR. HÉLIO DE ABREU

Chegou a Lisboa, por via aérea, o dr. Hélio de Abreu, director do jornal «O Tempo» de São Paulo, que se demorará alguns dias em Portugal, antes de seguir para a Alemanha.

HOJE
dia 19 de MARÇO
IR AO
MARIA VITORIA
VER A GRANDE REVISTA
DE
SALVADOR
ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...
com BIBI FERREIRA e ANTONIO SILVA

Emp.ª E. Salvador e R. Martins, Lda. — A's 20,30 e 22,45
Adultos — M/17 anos

TEATRO MONUMENTAL
Espec. Vasco Morgado, Lda.
Telef. 55 133
Adultos, maiores de 17 anos
Às 21.45 horas
NÃO HÁ DÚVIDA...
O PÚBLICO NUNCA RIU TANTO!!!
como com a peça de ANDRÉ ROUSSIN
Eles, Elas... e os Meninos
com IRENE ISIDRO — Benamor — Paula — Santana — Dulce — Macieira — Schulze — Florbela
BONS LUGARES DESDE 5$00
Suspensas as entradas de favor
Não peça para dar a unica coisa que tenho para vender

SÁBADO
ás 16 horas
TARDE POPULAR
a preços reduzidos
3.º balcão FRENTE a 5$00
2.º balcão a 10$00
Plateia desde 15$00

Hoje e Amanhã, em Santarém, LAURA ALVES em A RAINHA DO FERRO-VELRO (Adultos M/17 anos)

«BOITE DE NUIT» N-I-N-A
Amanhã ESTREIA
NADIA GAMAL
Egipcia
e a sua Orquestra Típica Libanesa — A melhor atracção que virá este ano a Portugal em rigoroso exclusivo, sómente durante 7 dias, de passagem para as Américas.
(Adultos M. 17 anos)

DESPORTOS

TÉNIS DE MESA

O Portugal-Brasil

disputa-se amanhã

no Liceu Camões

Novamente, os desportistas portugueses vão ter o ensejo de acarinhar e aplaudir atletas brasileiros por ocasião do 2.º Portugal-Brasil, em ténis de mesa, que se disputa amanhã, no Liceu Camões, pelas 21 e 30 horas.

O encontro está a ser aguardado com vivo interesse, visto que a selecção brasileira, propositadamente, permanece em Lisboa o tempo suficiente para enfrentar os jogadores lusitanos antes de seguir para Dortmund, onde tomará parte no Campeonato do Mundo.

A equipa visitante, um fortíssimo conjunto, é constituída por Ivan Severo, Jackes Roth, Alberto Kundoglian e Ubinacy Costa, o famoso «Biriba», que não obstante ter apenas 13 anos, de idade, é considerado a revelação máxima do ténis de mesa mundial.

O seleccionador nacional, sr. dr. Trem Torres, só amanhã indicará a formação da equipa portuguesa.

Devido ás dimensões do ginásio do Liceu Camões a lotação é limitada, encontrando-se os bilhetes á venda na sede da Federação.

A selecção brasileira chegou esta tarde, por via aérea.

HÓQUEI EM PATINS

Os jogadores de Moçambique chegaram a Lisboa

No avião da T. A. P., chegaram hoje, a Lisboa, os hóquistas moçambicanos para serem integrados na selecção nacional que vai disputar a «Taça das Nações», no torneio de Montreux (Suíça).

CONFERÊNCIA internacional

sobre Formação e Aperfeiçoamento em Administração de Empresas

Promovida pela Agência Europeia de Produtividade, sob a égide do Ministério da Educação Nacional e da Secretaria de Estado do Comércio, realizar-se-á em Lisboa, nas salas do Instituto Superior Técnico, de 5 a 8 de Abril, a 6.ª Conferência Internacional sobre Formação e Aperfeiçoamento em Administração de Empresas. Esta conferência será seguida, nos dias 10 e 11, de uma reunião dos directores dos estabelecimentos onde se ministra o ensino de administração de empresas.

Filtro especial, proporcionando maior poder de filtração, aroma mais intenso e aspiração mais fácil.

A' venda nas boas tabacarias

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O 46.º CAMPEONATO INTERNACIONAL DE CORTA-MATO

O belenense João Santos

foi chamado ao grupo nacional

Ingleses, Franceses e Belgas favoritos do «Cross das Nações»

Pela primeira vez na história do Desporto em Portugal, os Lisboetas vão assistir á maior competição europeia de corta-mato, que se disputa há mais de cinquenta anos. Não há duvida de que o «Cross das Nações» é uma prova internacional de grande porjecção e os atletas que nela participam conquistam, não só para si mas também para os países que representam, louros de glória.

Pelas listas dos participantes podemos verificar que a «fina flor» do corta-mato europeu está presente, no Vale do Jamor, neste 46.º campeonato internacional que Portugal conquistou o direito de organizar depois de quatro anos seguidos de participação.

Os Ingleses, Franceses, e Belgas, quesão, por asim dizer, os «mestres» do «cross», deslocam-se com todos os seus «ases», emprestando asim á luta um aspecto emocional, ao qual os Portugueses, no seu ambiente, não querem de maneira alguma tirar o brilho. A equipa nacional, com a sua base ainda intacta e perfeitamente pronta a responder ao que dela se espera, tem fortes responsabilidades nesta competição. Precisa, certamente, de demonstrar o que vale e até onde já chegou o progresso da modalidade.

Mais uma baixa se verificou no grupo dos seleccionados: Natalino de Almeida, do Casa Pia, que tanto fizera para ser admitido no «grupo dos nove», alcançando lugares de honra em todas as provas de selecção é constrangido a ceder o lugar, visto que a sua lesão muscular não desapareceu completamente, não se responsabilizando, assim, o médico da equipa, sr. dr. Didio de Aguiar, pela sua perfeita e integral condição física. Desta forma, foi chamado a substitui-lo o belenense João Santos, que já esta manhã se juntou aos novos companheiros. Todavia, Natalino de Almeida mantém-se em estágio, em observação constante.

Ontem, chegou a equipa inglesa. Como sempre, os «mestres» gostam de ser os primeiros, mesmo nas chegadas antes da partida se efectuar... E' uma tradição que respeitam e não querem perder. Além dos altetas vieram os srs. Richardson, secretário-geral da União Internacional do Cross-Country, e G. Dun, secretário da Federação Inglesa do Cross-Conutry. O primeiro teve já uma reunião com os federativos portugueses a fim de tratar de todos os pormenores técnicos da corrida e da forma como decorrerá o Congresso da modalidade, que se efectua amanhã na sede da F. P. de Futebol com a participação de dois delegados de cada país. Os Portugueses estarão representados naquele congresso pelos srs. Armando Sá e prof. Fernando Ferreira. O congresso será presidido pelo sr. Aníbal Vieira, que é também o presidente da F. P. A.

Os Espanhois e Franceses chegaram esta tarde ao aeroporto de Sacavém. As caravanas eram compostas pelos elementos seguintes: ESPANHA — Amorós («capitão»), M. Alonso, T. Barris, Luís Garcia, J. Hustado, J. Molins, Enrique Mormo, Carlos Perez e M. Vidal. Como suplentes: F. Aguilar, J. Castro e J. Guesada. FRANÇA — Alain Mimoun («capitão»), Abdallah, M. Bernard, C. Bousdita, S. Beddiaf, M. Chidet, Rhali Hamed, Texereau, Ameur e Bogey. Dos insteritos não vieram Jeneve e Vaillant.

E' esperada também a chegada das delegações da Bélgica, Escócia, Gales e Irlanda.

EMPRÉSTIMOS a agricultores

A Junta de Colonização Interna, por despacho do secretário de Estado da Agricultura, concedeu empréstimos no total de 1.696.500$00 a agricultores dos distritos de Beja, Castelo Branco, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém, Vila Real e Viseu. Desta importancia, destinam-se 609.980$00 a obras de rega, enxugo e defesa contra a erosão; 146.810$00 a surribas, arroteias e novas plantações; 134.410$00 a construções rurais; e 805.000$00 á construção e equipamento de oficinas tecnológicas.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — No ginásio do Técnico, ás 22 horas, Liberdade-Mundet, para o «Nacional» da II Divisão.

GINÁSTICA — Às 21 horas, na sede do Ginásio Clube Português, efectua-se a penultima da sua «Semana Desportiva», na qual participam as classes de educativa (rapazes) do Benfica (14 aos 17 anos) e Campo de Ourique (7 aos 9 e 10 aos 13). Haverá demonstrações de esgrima de pau, boxe e halterofilismo.

HOMENAGEM — Às 21,45 horas, na Academia de Santo Amaro, realiza-se uma festa de homenagem ao Atlético Clube de Portugal, campeão nacional da II Divisão.

O Desportivo de Chaves

perdeu com o Celta de Vigo

ORENSE, 19 — O Celta de Vigo, num encontro de futebol aqui realizado, venceu o Desportivo de Chaves, da II Divisão portuguesa, por 2-0. Ao intervalo o Celta ganhava já por 1-0. — (A. N. I).

O «SUL-AMERICANO» DE FUTEBOL

A Argentina e o Uruguai

ganharam os jogos de ontem

perante mais de 110.000 espectadores

BUENOS AIRES, 10. — Perante mais de 110.000 espectadores, efectuou-se, ontem, mais uma jornada do Campeonato Sul-Americano de Futebol, que englobou dois jogos importantes, que terminaram com as vitórias das selecções do Uruguai e da Argentina, por idêntico resultado (3-1), sobre as equipas do Paraguai e do Peru, respectivamente.

Para o primeiro encontro, sob a arbitragem do chileno Carlos Robles, formaram os seguintes grupos:

URUGUAI—Leiva; Alvarez, Seilveriro e Davoine; Gonzalez e Mejia; Borges, Demarco, Douksas, Sasia e Escalada.

PARAGUAI—Aquilar; Gini, Lezcano e Echaque; Villalba e Carlos Sanabria; Ildefonso Sanabria, Insfran, Aveiro, Re e Canete.

Os Uruguaios modificaram completamente o seu «onze», em consequência da derrota sofrida, no sábado passado, frente aos Peruanos.

Na primeira parte, os Paraguaios perdiam por 0-2. O primeiro golo surgiu, aos 3 minutos, marcado por Sasia, de recarga. O Paraguai reagiu fortemente, mas, aos 36 minutos, Douksas obteve o 2.º golo, também de recarga.

Na segunda parte, com Casco na baliza do Paraguai, os Uruguaios experimentaram algumas dificuldades. Aos 32 minutos, o marcador passou para 1-2, devido a um golo de Aveiro, mas, aos 39, Sacia, com um golpe de cabeça, tranquilizou a sua equipa, repôs a diferença de dois golos.

A derrota do Paraguai deve-se em parte á actuação dos seus guarda-redes, que estiveram inseguros. Em contrapartida, Leiva executou defesas magistrais.

A boa organização dos Argentinos superou o entusiasmo dos Peruanos

Os grupos formaram:

ARGENTINA — Negri; Griffa e Murua; Lombardo, Cap e Mourino; Corbatta, Pizzuti, Manfredini, Calle e Belem.

PERU—Asca; Fleming e Benitez; Fernandez, Grimaldo e De La Vega; Gomez Sanchez, Loyaza, Joya, Terry e Seminario.

Arbitrou o brasileiro Alberto da Gama Melchior, que realizou um bom trabalho.

Apesar dos Argentinos não terem desenvolvido um jogo espectacular, mostraram, todavia, melhor disposição no terreno e no esquema da sua manobra, enquanto os Peruanos, entusiastas e enérgicos, não puderam actuar com a mesma liberdade de acção demonstrada nos jogos anteriores, em consequência da cerrada marcação dos locais.

Na primeira parte, registava-se um empate a uma bola; golos de Belém, aos 33 minutos na sequência de um «canto», que originou grande confusão diante da baliza de Asca, e de Terry, aos 39 minutos, com um «tiro» disparado de fora da grande área.

No segundo tempo, o domínio da Argentina foi intenso, mas os seus avançados desperdiçaram grande numero de oportunidades. Aos 4 minutos, Cobalta, na transformação de um «livre», fez 2-1. Entretanto, verificaram-se várias substituições nos dois «quadros». Aos 38 minutos, Sosa obteve o 3.º tento da Argentina.

A receita foi de 4.355.475 pesos, o que constitui «record» absoluto na história do futebol na Argentina. —(A. N. I.).

Um inquérito

ordenado pela F. P. F. aos incidentes de Alvalade

Na sua reunião de ontem, a comissão executiva da F. P. F. resolveu ordenar instauração de rigoroso inquérito a todos os factos ocorridos durante o jogo Sporting-Benfica, com vista a um apuramento completo das responsabilidades, para que venham a ser punidos exemplarmente os prevaricadores, como também foi indicado pelas entidades superiores.

Os jogadores Angelo e Caraballo foram suspensos, preventivamente.

Dado que o Sporting solicitou á D. G. D. um inquérito e o Benfica requereu á F. P. F. no mesmo sentido, admite-se que o processo federativo englobe as duas petições.

O F. C. Porto no México?

A direcção do F. C. Porto recebeu um convite para deslocar a sua equipa de futebol ao México para realizar quatro jogos no mês de Julho.

As eleições da A. F. Porto foram anuladas

Por determinação superior, foram anuladas as eleições dos corpos gerentes da Associação de Futebol do Porto. Brevemente, o acto eleitoral será repetido.

Homenagem em Viana do Castelo ao jornalista Severino Costa

VIANA DO CASTELO, 19. — (Pelo telefone). — Efectuou-se ontem á noite a reunião do Rotary Clube de Viana do Castelo, dedicada á Imprensa, na qual foi homenageado o jornalista Severino Costa, que completa agora 40 anos de actividade. Assistiram como convidados os srs. dr. Sequeira Campos, presidente do Municipio; Julio de Lemos, major Carlos Hipólito e representantes de jornais de Lisboa e do Porto. Estiveram ainda presentes o sr. Joaquim Sá, Domingos Ferreira e Walter Stan, presidente do Rotary Clube do Porto, e presidentes doutros clubes rotários.

Falou o dr. Duarte Santos, presidente do Rotary local, que saudou a Imprensa.

O presidente do Municipio procedeu depois á cerimónia da saudação á bandeira nacional.

Usaram a seguir da palavra os srs. João Freitas Julio de Lemos, dr. José Barbosa, Walter Stan e dr. Sequeira Campos.

O sr. Domingos Ferreira proferiu uma palestra intitulada «A Imprensa e o Rotary — duas prestigiosas instituições ao serviço da Humanidade».

Ao encerrar a reunião, o jornalista vianense Severino Costa, agradeceu as palavras com que o distinguiram e a salva de prata que lhe foi oferecida pelo Rotary Clube de Viana do Castelo.

VIDA MUSICAL

Audições escolares

O Conservatório Nacional apresenta amanhã, ás 17 e 15, em 5.ª audição escolar, um programa de especial interesse, constituído por obras pouco conhecidas do nosso publico. Estas obras, algumas delas utilizadas como provas de concurso no Conservatório de Paris, serão executadas por um numeroso grupo de alunos da classe de instrumentos de sopro, regida pelo professor Edmond Colli Vignarelli, compreendendo trechos solísticos para trompa, tuba, trompete e trombone, com acompanhamento de piano, e de conjunto para trompetes, trompas e trombones.

Serão interpretadas obras de Cherubini, Douliez, Haydn, Guy Ropartz, Mozart, Beethoven, Banchieri, Andrea Gabrieli, Bernard Krol, Johann Pezel e Melchior Franck, pelos alunos Jaime Guerreiro, António Peixoto, Óscar Correia, Emidio Coutinho, João Moita Judas, Carlos Silveira, Vítor Manuel Correia, António Firmino da Silva, Manuel dos Santos de Oliveira, José Joaquim Alves, José Ferreira da Silva e Leonel Covas, colaborando também o professor Vignarelli na execução de uma das obras de conjunto.

Assembleias gerais

Banco Burnay

Sob a presidência do sr. dr. Tito Arantes, e secretáriada pelos srs. Jayme de Carvalho Ferreira e eng. João Leite de Castro, realizou-se a assembleia geral odinária do Banco Burnay, para aprovação do relatório e contas da gerência de 1958.

Depois oo administrador-director, sr. dr. António José Brandão ter feito uma exposição, foi aprovado um aumento do dividendo e um reforço substancial da reserva disponível do Banco.

Em seguida, foram eleitos presidente da assembleia geral, o sr. dr. Tito Arantes; administradores, os srs. Raul Empis, George Regnier e Edmond Feron; e componentes do vogal do conselho fiscal, o sr. dr. Manuel de Castro.

Vedação de trânsito

Com o fim de se proceder á colocação das linhas de eléctricos na sua posição definitiva, na Avenida de Republica, junto á Avenida Duque d'Ávila, vai ser vedada ao transito de veículos, a partir do próximo dia 23, e durante cerca de 8 dias, o troço desta ultima artéria, compreendido entre as Avenidas 5 de Outubro e da Republica.

Durante a vedação, o tráfego que actualmente utiliza o troço vedado, poderá utilizar o seguinte itinerário: Avenida 5 de Outubro, Avenida João Crisóstomo e Avenida da Republica.

A burocracia administrativa
vai ser simplificada
por deliberação do Governo

Os métodos burocráticos da administração publica do País vão ser simplificados, em benefício do publico, que frequentemente tem feito justos reparos acerca da excessiva complexidade dos processos da actividade administrativa, que bastantes prejuizos provoca na resolução dos seus problemas, além de obrigar a arreliadoras perdas de tempo e a despesas dispensáveis.

O secretário nacional da Informação reuniu-se esta manhã com os representantes da Imprensa, para dar conhecimento das normas do estudo dessa simplificação, problema de que ontem o Conselho de Ministros, sob a presidência do sr. prof. Oliveira Salazar, atentamente se ocupou e tomou as seguintes deliberações:

1.ª — Em todos os ministérios civis será constituída uma comissão de simplificação administrativa, composta por três funcionários de nomeação do ministro;

2.ª — A cada comissão competirá rever ou promover a revisão dos métodos de trabalho burocrático e a organização dos processos por que se estabelecem as relações com o publico ou que se destinam a fazer valer pretensões ou direitos dos particulares, a fim de propor as providências que julgar indicadas para a sua simplificação, tendo em vista a eficiência dos serviços, a maior produtividade do trabalho dos funcionários e a comodidade do publico;

3.ª — As comissões deverão acolher e estudar igualmente as sugestões que lhes sejam apresentadas por particulares ou através da Imprensa periódica e estimular as iniciativas dos funcionários, mencionando nos seus relatórios quais de entre estas mereçam especial destaque e propondo para os seus autores a recompensa adequada;

4.ª — A secretaria-geral da Presidência do Conselho orientará a acção de todas as comissões, estabelecendo, de harmonia com os respectivos presidentes, regras comuns de procedimento e respondendo ás duvidas, cujo esclarecimento lhe seja solicitado;

5.ª — Os resultados dos trabalhos das comissões irão sendo postos em prática á medida que forem aprovados.

Assim, a exemplo de muitos outros, que, pelas mesmas razões, estão a proceder a estudos destinados a permitir larga e profunda reforma da organica e dos métodos de administração, no nosso País, através da acção das entidades competentes, vai procurar-se a solução de um problema sobremaneira incómodo para os multiplos serviços e para o publico. O estudo será, compreensivelmente, dificil e demorado, mas, segundo acentuou o sr. dr. Moreira Baptista, o Governo pensa que será possível fazer um esforço imediato no sentido da almejada simplificação poder ser posta em prática em breve prazo em todos os sectores onde seja aconselhável.

O problema da atluência
da população
aos grandes centros
foi apresentado na Assembleia

A' sessão de hoje, da Assembleia Nacional, presidiu o conselheiro Albino dos Reis, sendo a ordem do dia o debate, na especialidade, e a votação da proposta de lei relativa ao fomento piscicola nas águas interiores do País, e a eleição de vogais para as Comissões de Redacção e Legislação e Contas Publicas.

Antes da ordem do dia, o sr. dr. Nunes Barata tratou do desequilibrio económico e social existente entre Lisboa e o resto do País, localizando o problema em Arganil, do distrito de Coimbra, pelo qual é deputado, e preconizando imposições tendentes a reter o surto de emigração para os grandes centros industriais, com prejuizo do campo e, de uma maneira geral, das terras do interior.

Também antes da ordem do dia, está inscrito o sr. dr. Armando Candido de Medeiros, deputado por Ponta Delgada.

Colhido pelo comboio

O corpo de um homem que aparenta 65 anos e que foi colhido por um comboio na Cruz Quebrada recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

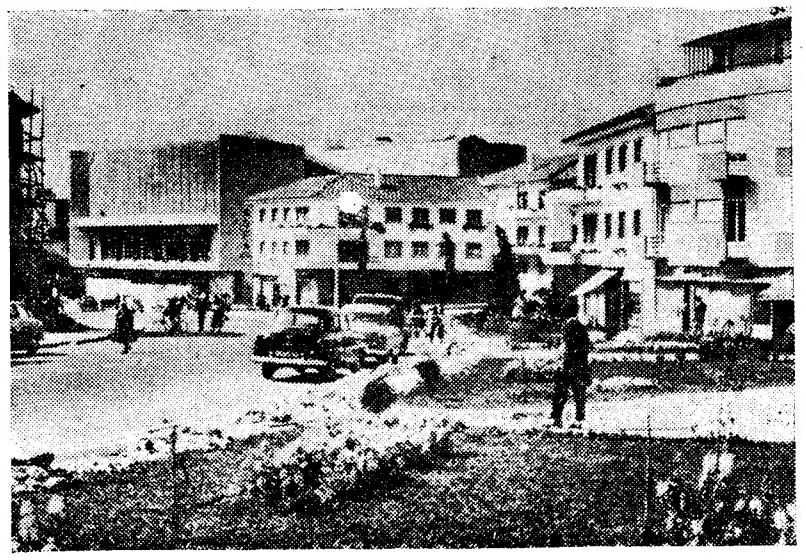
COMPRE V. EX.ª NA
Ourivesaria da Guia
Casa fundada na R. Martim Moniz em 1875
O MELHOR SORTIDO DE JOIAS, OURO, PRATAS, RELOGIOS
Rua D. Duarte, 4-B
(no edificio do Hotel Mundial) Telef. 863936

Pasta Medicinal Couto
TRATA—Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA —Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA —Os micróbios da boca

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata 251

A Póvoa de Varzim
pede melhoramentos
especialmente a construção
do seu porto de pesca

Encontra-se em Lisboa uma comissão da Póvoa de Varzim, de que fazem parte o presidente da Camara e diversos vereadores, além de outras entidades oficiais, que vem expor a vários membros do Governo prementes assuntos de interesse local. Durante o dia de hoje, acompanhados pelo sr. governador civil do Porto, os membros dessa comissão avistaram-se com os srs. ministros do Interior, das Obras Publicas e da Justiça, com os quais trataram algumas daquelas questões especialmente os problemas relacionados com a construção do porto de pesca da Póvoa, cuja necessidade mais uma vez foi posta em relevo.



No novo conjunto de edifícios que valoriza a vila de Cascais, o Teatro de S. José, á esquerda, destaca-se pelas suas linhas modernas

Nova casa de espectáculos
no coração de Cascais

Cascais, a linda vila de pescadores, que os reis e os príncipes elegeram sua estancia de paz e de repouso, se tem perdido alguma coisa das razões dessa preferência — o que nela havia de mais intimamente ligado ao homem e á sua faina do mar — vai ganhando, entretanto, como centro elegante e aristocrático de turismo. Rasgam-se novas avenidas, erguem-se novos edifícios, valoriza-se o seu património artístico e paisagístico. E, a partir de hoje, Cascais tem algo mais que valorize as suas condições turísticas, um belo e elegante ciné-teatro, o São José, cuja sala comporta cerca de mil lugares. Tão arrojado melhoramento deve-se á iniciativa do sr. José Afonso Vilar que, em menos de um ano, conseguiu transformar um projecto em realidade — uma realidade que, no seu género, é a mais categorizada da Costa do Sol, pois esta é a sua melhor e mais bela sala de espectáculos. Construído segundo o risco dos arquitectos Joaquim Ferreira e Gonzaga Bronze, os trabalhos de engenharia foram dirigidos pelo eng.º Nuno Abrantes, cabendo a decoração a Fred Kradolfer. Beneficia de ar renovado, quente e refrigerado, dispõe de dois «foyers», dois «bars», do palco montado sob a direcção do mestre Mota, do Teatro Nacional de S. Carlos e, ainda, de um «écran» gigante.

A inauguração do S. José faz-se esta noite, com a representação da peça «Tá-Mar», de Alfrdeo Corzet num espectáculo de gala, a que assiste o chefe do Estado. A companhia do Nacional desloca-se a Cascais, com o prestígio do seu nome e do autor levado ao Festival de Paris. Amanhã, a mesma companhia, irá ali representar «O processo de Jesus». Depois, o Cinema chamará a nova casa de espectáculos ás suas verdadeiras funções.

PAQUETE
com excursionistas
no Tejo

Procedente do porto de Nova York, está no Tejo o paquete «Britanic», a bordo do qual viajam 413 passageiros, na sua quase totalidade americanos e ainda alguns ingleses. Muitos deles desembarcaram, uns para fazerem o passeio do circuito turístico Lisboa-Estoris-Cascais — e outros, para visitarem o Santuário de Fátima.

O «Britanic» deixa o nosso porto na madrugada de 21, em direcção a Cherburgo de onde se dirigirá depois para a Inglaterra.

1933
XXVI—ANIVERSÁRIO
1959
LOJA DAS MALHAS
RUA DO CARMO, 99
a gerência ao agradecer a todos os seus Clientes e Amigos as felicitações e a honra concedida com as suas visitas nos dias 16 e 17, tem o prazer de lhes comunicar que amanhã, **6.ª feira, dia 20**, faz a sua
ABERTURA DE ESTAÇÃO
apresentando as ultimas novidades de Primavera

A Polícia Judiciária
está a investigar
a origem dos incidentes
no Estádio de Alvalade

Ainda não se extinguiram os ecos das cenas desagradáveis que macularam o ultimo encontro entre «os dois grandes» tradicionais do desporto nacional — o Sporting e o Benfica. Os incidentes que transformaram uma pugna desportiva numa triste sequência de desforços pessoais continuam a ser comentados nos mais variados tons em diversos sectores, especialmente nos meios desportivos.

A's decisões tomadas pelas direcções dos dois clubes, solicitando da Direcção-Geral dos Desportos um rigoroso inquérito, antecipara-se já aquele organismo, confiando a sua organização á Federação Portuguesa de Futebol. O primeiro acto da comissão executiva desta Federação foi a suspensão preventiva de dois dos jogadores expulsos (Angelo e Caraballo).

Na Polícia Judiciária, onde estão sendo instruídos os processos por queixas apresentadas, apareceu esta manhã o jovem causídico dr. Mário Reis, que se foi constituir advogado de defesa do sr. Felisberto Vaz, director do Sporting.

Muitos dos jogadores dos dois clubes em causa têm passado por ali, entre eles Travassos. O caso está entregue á 3.ª secção e pensa-se que a investigação esteja praticamente concluída.

Entretanto, o publico aguarda com apaixonado interesse o resultado destas investigações.

A exploração
do Metropolitano
principia em meados deste ano
afirma o seu conselho de administração

Sob a presidência do prof. José Gabriel Pinto Coelho, efectuou-se, hoje, a assembleia geral ordinária do Metropolitano de Lisboa.

No relatório da gerência do exercício findo, apresentado pelo conselho de administração, a que preside o eng.º D. Francisco de Melo e Castro, grande obreiro deste empreendimento, e de que fazem parte o eng.º Alexandre de Vasconcelos e Sá e o dr. José Coelho da Cunha, começa-se por salientar que «no ano decorrido foi dado um grande e decisivo passo para a instalação do 1.º escalão na rede», estando práticamente concluída a referida instalação, «prosseguindo-se básicamente, portanto, com acabamentos e afinações, e iniciando-se ensaios e adestramento» e principiando em meados do ano corrente a sua exploração.

Chegados «ao termo da grande «etapa» que houve que considerar», informa-se que «só a realização integral de três escalões da 1.ª fase — em síntese, equivalente á instalação no Rossio de um placa giratória assegurando a continuidade entre todas as grandes radiais — constitui a necessária solução para a vida da cidade, que o mesmo é dizer estar-se agora em face não de um fim, mas de um princípio».

A assembleia geral aprovou a emissão de 60.000 contos de obrigações, destinada a fazer face aos investimentos previstos para a execução, no corrente ano, do 2.º escalão da 1.ª fase da rede, emissão que foi, aliás, já aprovada por decreto-lei publicado hoje, no «Diário do Governo».

No preambulo do referido diploma, o Governo afirma que continuará «a reconhecer o elevado e premente interesse publico do empreendimento».

O novo governador
militar de Lisboa
tomou hoje posse

No quartel-general realizou-se esta tarde a cerimónia da posse do sr. general Luis Gonzaga da Silva Domingues do cargo de governador militar de Lisboa, para que foi recentemente nomeado, em substituição do sr. general Valente de Carvalho, que passa a comandar a Guarda Fiscal.

Ao acto assistiram o 2.º comandante, chefe do Estado-Maior, os comandantes de todas as unidades e outros oficiais do Governo Militar de Lisboa e muitos amigos do empossado. A' entrada do edifício, no Largo de S. Sebastião, a guarda de honra foi feita por uma companhia do Batalhão de Caçadores 5, com guião, banda de musica e fanfarra.

No salão, onde decorreu a cerimónia, os comandantes das unidades foram apresentados ao novo governador militar pelo sr. brigadeiro Barbieri Cardoso, 2.º comandante da G. N. R.. Depois, na galeria dos generais-governadores foi descerrada uma fotografia do sr. general Valente de Carvalho, usando da palavra o sr. coronel Daciano Pereira de Barros, chefe do Estado-Maior também do G. M. L.

Ant
na
do
mas
que

Muito
magem
(«La fe
jornais
deturpa
nalmen
fetada
priment
infligir
e o inc
adveio
sa dos

Quem
gitte B
imensa
língua
faz) ao
mas qu
dançar
gaze ne
plateau
eram á
e dos
abaixo
prestíg
go?!

Pobre
lhos se

Brigitte
ca

tónio V
a coisa
de uma
tebra

A
c

Quise
tória t
destas
dosa, d
sogros

AGORA, TAMBI
CARO
Tem a honra de anun
delos que se realiza no
TAURANTE ALVALA
CAROCHINHA apresen
Entrada exclusiv
Av. Guerra
e Rua da

APARTAMENTOS PARA
comércio ou habitação; vestíbulo, 2
cozinha adaptável a arquivo, aquec.º
R. António Maria Car

ria
gar
es
lade

s ecos
e ma-
entre
is do
ting e
trans-
ortiva
forços
nenta-
em di-
e nos

direc-
do da
s um
-se já
a sua
tugue-
eto da
eração
e dois
gelo e

estão
s por
eu es-
r. Má-
ir ad-
sberto

dois
o por
so es-
nsa se
rática-

uarda
esulta-

no

ção

ndo-se
acaba-
ndo-se
princi-
rrente

rande
erar»,
ão in-
fase
insta-
gira-
uidade
ais —
para
é di-
ão de
».
vou a
briga-
e aos
a exe-
esca-
o que
ecreto-
rio do

diplo-
conti-
ado e
o em-

António Vilar não quis

magoar a «B. B.»

na cena da bofetada

do filme «A mulher e o fantoche»

mas lutou tão a sério

com os seus supostos defensores

que partiu uma costela

Muito tem que se lhe diga a filmagem de «A mulher e o fantoche» («La femme et le pantin»). Já os jornais de todo o mundo contaram, deturparam e exploraram sensacionalmente o célebre episódio da bofetada que António Vilar, no cumprimento do seu papel, houve de infligir á B. B., um tanto ao vivo, e o inchaço, nada fingido, que daí adveio á face mimosa da «princesa dos sentidos».

António Vilar esbofeteia «B. B.», por dever de ofício, durante a filmagem de «A mulher e o fantoche»

Quem é que não sabe já que Brigitte Bardot teve de vencer uma imensa relutancia para deitar a língua de fora (coisa que não se faz) ao seu *partenaire* Michel Roux, mas que aceitou com menos pejo dançar nua, envolta num chaile de gaze negra, diante dos espelhos do *plateau*? E que os maquinistas eram á bicha por trás dos móveis e dos barrotes, a termo que veio abaixo metade do cenário, tal o prestígio da panterazinha de fogo?!

Pobre Jean Duvivier, em que trabalhos se meteu! E o pobre do An-

Brigitte e António Vilar excelentes camaradas na vida real

tónio Vilar que tão a sério levou a coisa que não a saldou por menos de uma costela partida e uma vértebra deslocada!...

A história verdadeira da célebre bofetada

Quisemos tirar a limpo essa história tão falada e lá fomos, numa destas tardes de Primavera duvidosa, de sol e chuva, até casa dos sogros de António Vilar, para onde ele já trouxe umas imagens doiradas, fechadas em nichos andaluzes, e, nem se sabe como, o perfume dos nardos e dos jasmins do Bairro de Santa Cruz. Estava ele, ainda combalido de uma gripe, a ultima moda de Março, a saborear paulatinamente um salmonete, ás três da tarde, hora da «comida» espanhola, preparando já as malas para, num intervalo das filmagens do «Primo Basílio», dar um salto a Madrid, onde deve contracenar com Nadia Gray numa película de cartaz: «O Inocente».

— Ainda essa famosa bofetada, que a tantas confusões se tem prestado?! — exclama ele, resignadamente.

A quantos jornalistas indiscretos terá já António Vilar esclarecido que a B. B. tendo insistido em levar uma bofetada deveras, cometeu o erro de gritar no momento em que deveria cerrar os dentes, e que só por isso deslocou o gracioso maxilar? Animosidade dele? Nem por sombras. São os melhores amigos do Mundo. E gaba até o feitio artístico da caprichosa menina explosiva. «Uma óptima camarada. Admiro-a muito!».

— Cheia de personalidade — acrescenta. — Não é impunemente que se conquista o lugar que ela alcançou, mesmo com aquelas medidas!... — E, a confirmar estas palavras de simpatia, mostra-nos diversas fotografias em que a sua excelente camaradagem com a deliciosa «starlett» generosamente se documenta. Só numa cena eles divergiram, amistosamente já se vê, mas em absoluto: na cena do beijo. Vilar entendia que o homem peninsular é que deve tomar a iniciativa. A B. B. queria impor o seu estilo «bomba». Triunfou o critério dele.

Houve, porém — conta-nos An-

(Continua na 13.ª página)

Ficou com 120 contos

de um vigésimo em que tivera sociedade

A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal Criminal da Boa Hora um processo em que é arguido um motorista de pesados, acusado por um ajudante de se ter apropriado de 120.000$00 do prémio de uma cautela da lotaria do Natal, que o referido ajudante havia comprado e cedera uma parte ao arguido. É uma história complicada, que resultou de conversações no decorrer de uma viagem entre o queixoso, José Casaleiro Ramos, e o arguido. O que é certo é que este, após demorada conversa, acabou por ser admitido na «sociedade», apesar de, a principio, se ter mostrado alheio a ela. Foi-lhe confiado, então, o vigésimo, para poder consultar a lista e saber se estava premiado ou não.

Na verdade, o prémio foi de 120.000$00, mas ao «sócio» disse com o maior cinismo:

— Vá lá, vá lá — ainda tivemos muita sorte. Fomos premiados com 50$00.

O assunto ficaria assim arrumado se, logo em seguida, o motorista não tivesse comprado uma camioneta por 91.000$00, declarando que não estava para trabalhar para um patrão que tinha menos que ele.

O ajudante desconfiou da história e denunciou á P. J.

Esta por sua vez investigou e concluiu o processo que hoje seguiu para tribunal, em que figura como arguido o motorista José Casaleiro Ramos.

NOVO PROFESSOR

da Faculdade de Medicina de Coimbra

COIMBRA, 19 *(Pelo telefone)*.— Hoje, ás 10 horas, na sala dos Capelos, prestou a ultima prova para professor extraordinário da Faculdade de Medicina de Coimbra o sr. dr. Simões de Carvalho. Foi arguente o prof. dr. Maximino Correia. O juri era constituido pelos profs. drs. Hernani Cidade e Melo Adrião, do Porto e Vítor Fontes, de Lisboa.

O candidato foi admitido por unanimidade.

JÓIAS ANTIGAS
GRANDE VARIEDADE
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA 253 — Tel. 24564

Dois importantes

prémios literários

para a poesia

e para a prosa de ficção

No intuito de promover a publicação de obras poéticas inéditas, a família de Fernando Pessoa resolveu criar, com a colaboração da Editorial Ática, um prémio para a melhor obra de poesia, o qual consistirá na quantia de 5.000$00 e na garantia da edição do livro premiado. O prazo de entrega das obras para este prémio termina em 31 de Maio, e o juri decidirá até 31 de Julho.

A Editorial Ática criou também um prémio identico para romance, conto e novela, igualmente destinado a obras inéditas.

Indicam-se, seguidamente, as condições destes dois concursos.

Prémio «Fernando Pessoa»

O prémio «Fernando Pessoa» destina-se a obras poéticas inéditas, e será atribuído, independentemente de qualquer consideração de género literário ou de reputação do seu autor, á obra que o juri considere de maior interesse, tendo em atenção a necessidade de acarinhar especialmente a produção de autores inéditos ou pouco conhecidos.

Será essa obra premiada escolhida por um juri de três a cinco membros, na maioria escritores ou poetas, podendo a família de Fernando Pessoa e a Editorial Ática ter cada uma um representante no mesmo juri.

O prémio terá o valor de 5.000$00, em dinheiro; e a obra premiada será, além disso, publicada no prazo de seis meses, pelas Edições Ática, que pagarão os correspondentes direitos de autor, na base de 10 % do preço de capa.

O juri poderá, além da escolha da obra premiada, seleccionar outras que considere meritórias e recomendar a sua publicação.

Só serão apreciadas pelo juri as obras que tenham sido enviadas, dactilografadas em três exemplares, ás Edições Ática, Rua Alexandre Herculano, 17-A, em Lisboa, dentro do prazo fixado em cada ano, o qual poderá ser prorrogado uma só vez.

A decisão do juri será tornada publica nos sessenta dias posteriores ao fim do prazo de entrega das obras.

Prémio «Ática»

O prémio anual «Ática» que se destina por sua vez a obras inéditas de prosa de ficção (conto, novela e romance) será igualmente atribuído de preferência a produções de autores inéditos ou pouco conhecidos.

A obra premiada será também escolhida por um juri de três a

(Continua na 13.ª página)

OS MINISTROS

da Saude e das Obras Públicas

visitaram o hospital de Setúbal

SETUBAL, 19. (Pelo telefone), Os ministros da Saude e das Obras Publicas efectuaram, hoje, uma visita particular, ao hospital regional desta cidade, que será inaugurado dentro de pouco tempo.

Aqueles membros do Governo percorreram demoradamente as instalações daquele estabelecimento hospitalar, acompanhados de várias individualidades deste distrito.

Os srs. dr. Martins de Carvalho e eng.º Arantes e Oliveira estiveram também a observar o estado em que se encontra o balneário publico, e resolveram que se proceda á execução imediata das obras que se torna necessário fazer ali.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Sueste e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada a noroeste da Madeira.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 5°; Porto, 12°; Lisboa e Faro, 13°; e Coimbra, 14°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento fraco a moderado de Sueste. Possibilidade de aguaceiros, especialmente nas regiões do Sul.

FOI ADIADA

para o dia 31

a sessão do Município

Devia efectuar-se hoje a sessão publica mensal da Camara Municipal de Lisboa. Mas, tendo assumido a presidência, pela primeira vez, o vice-presidente, engenheiro Guimarães Lobato e procedendo-se á chamada, verificou-se que estavam presentes apenas cinco vereadores—os srs. coronel Afra Nozes, drs. Manuel Vicente Moreira e Raul Baeta Henriques, Aníbal David e Saphera da Costa —, faltando os srs. drs. Eduardo da Silva Neves, António Pinto Basto e Amaral Barata, engenheiros Francisco Ribeiro Ferreira e D. Francisco de Vilhena, arquitecto António Lino e Augusto Pinto. Por esse motivo, o engenheiro Luís de Guimarães Lobato anunciou que, não havendo numero legal, ficava a sessão adiada para 31 do corrente.

O prof. Manuel dos Reis

foi eleito para a Academia

Reuniu-se esta tarde a Classe de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa. Sob a presidência do prof Reynaldo dos Santos, a classe elegeu académico de numero o prof. Manuel dos Reis, catedrático de Matemática da Universidade de Coimbra e director do Observatório Astronómico daquela cidade.

Seguidamente, o prof. Asdrubal de Aguiar fez a sua comunicação subordinada ao título «Causas das mortes de el-rei D. Carlos, presidente da Academia, e de seu filho, o príncipe real D. Luís Filipe», que foi ouvida com muito interesse.

RA, TAMBÉM NA BAIXA!...
AROCHINHA
a honra de anunciar a sua passagem de mo-
ue se realiza no dia 24. ás 16.30 no **RES-
ANTE ALVALADE.** (Nesta passagem a
CHINHA apresenta modelos até 18 anos).
Entrada exclusivamente por convites
Av. Guerra Junqueiro 19-C
e Rua da Prata, 94-96

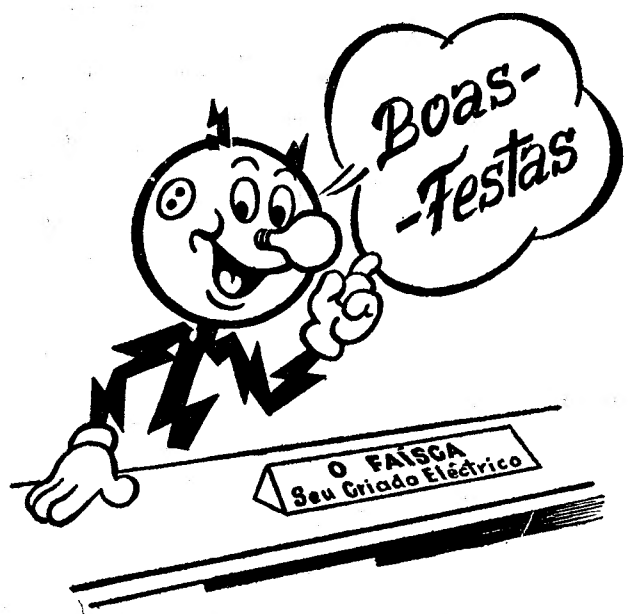
OS PARA ESCRITÓRIOS,
**vestíbulo, 2 salas, Banho e recanto
uivo, aquec.° central, etc.
io Maria Cardoso, 15**

HIPOTECAS
SOBRE PROPRIEDADES, EMPRESTAMOS AO JURO DA LEI, EM TODO O PAÍS. PRAZO ILIMITADO. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. NADA COBRAMOS A TÍTULO DE AVALIAÇÕES. MÁXIMO SIGILO
A CONFIDENTE
(A maior organização do País)
LISBOA-Rossio, 3-2.° PORTO-R. Passos Manuel, 14

TAPETE
QUINTÃO
DECORATIVO
RESISTENTE
ECONÓMICO
QUINTÃO
CASA ESPECIALIZADA
30, Rua Ivens, 34

Acaba de aparecer
NOVO ATLAS
escolar português
pelo prof. **João Soares**
7.ª EDIÇÃO, actualizada, com ilustrações no verso dos mapas e índice dos nomes das cartas históricas e geográficas
é o atlas mais completo em língua portuguesa
1 vol. cart. — 200$00
A' VENDA NAS LIVRARIAS
LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA
100 e 102, Rua Garrett
LISBOA

PÁSCOA 1959

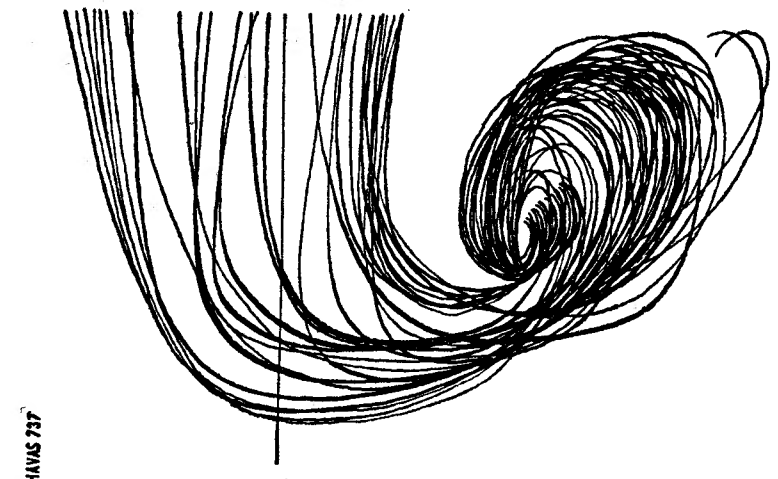


E PARA PRESENTES
UM BOM CONSELHO:

Dê objectos que sejam úteis durante muitos anos, que dêem prazer, ajudem e divirtam... como por exemplo, os aparelhos eléctricos.

RUA GARRETT, 2
COMPANHIAS REUNIDAS
GAS E ELECTRICIDADE
LISBOA

e nas casas da especialidade



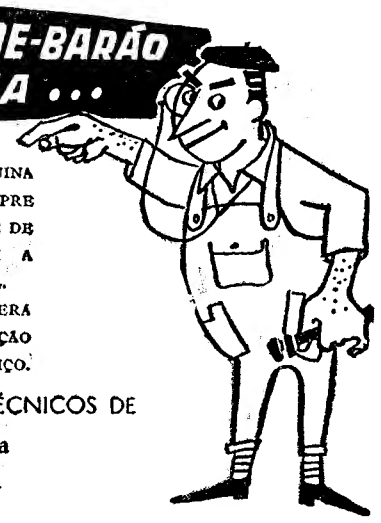
cabelos fortes

Uma aplicação de PETRÓLEO HAHN
fortalece o couro cabeludo
Com PETRÓLEO HAHN, todas as manhãs:
cabelos limpos e sãos,
cabelos macios e fáceis de pentear

PETROLEO HAHN

contra a caspa e a queda do cabelo

O SR. CONDE-BARÃO ACONSELHA...



UM AUTOMÓVEL É UMA MÁQUINA DE PRECISÃO. TRATE-O SEMPRE COM DELICADEZA E SIRVA-SE DE TODOS OS COMANDOS COM A MAIOR MODERAÇÃO POSSÍVEL. O SEU CARRO LHE AGRADECERÁ EM ECONOMIA DE REPARAÇÃO POUCO CONSUMO E BOM SERVIÇO.

UTILIZE OS SERVIÇOS TÉCNICOS DE

Conde Barão Lda
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL
AVENIDA 24 DE JULHO, 62 e 64
LISBOA

C. M. L.

«Concessão da «Casa de Venda» do Jardim Guerra Junqueiro, junto à entrada principal»

Em 6/4/59, ás 10 h., realiza-se na 2.ª Repartição da D. S. F. (Rua Gomes Freire, 92), a hasta publica supra.

As condições serão publicadas no «D. M.»; estando presentes na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. Gomes Freire, 94), das 9 ás 12 e das 14 ás 17 h.

Lisboa, 12/3/59.

O Vice-Presidente
Luís de Guimarães Lobato

António Grave

Missa do 3.º aniversário

Sua viuva, filha, primos e mais família, participam que será celebrada missa na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, amanhã, dia 20, ás 10 horas, pelo eterno descanso da sua alma pura e generosa. Pede a quem se digne comparecer ao acto piedoso.

P. N. A. M.

CAIAÇÕES:

DEKOROL

Juntando-lhes um pouco de «DEKOROL» elas ficam resistentes ao atrito e ás intempéries e com a aparência de pintura. BELEZA E ECONOMIA.

Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ, Rua Rodrigues Sampaio, 55-1.º — LISBOA — Telef. 5 00 36. SANGALHOS—Telef. 167 e 3 P. B. X. LISBOA—CABO RUIVO Telf. 381596 e 382155

Brindes da Páscoa

Jóias, pratas, ouro e relógios, só na Ourivesaria Pinheiro
Praça Duque Saldanha, 24
Tel. 58005
Preços sempre mais baratos

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

AVISO

TROCA DE CARTA DE CONDUÇÃO PELA DE PROFISSIONAL

Foi superiormente autorizada e já não são exigidas habilitações literárias. Trata-se deste e de todos os assuntos relacionados c/autos e condutores a Agência Automobilística CERCEL, Lda., — R. Rodrigues Sampaio, 78-2.º — Telefs. 53442 e 731594, Lisboa.

CÁLEM

VINHOS DO PORTO E BRANDY

1859 — ANO CENTENÁRIO — 1959

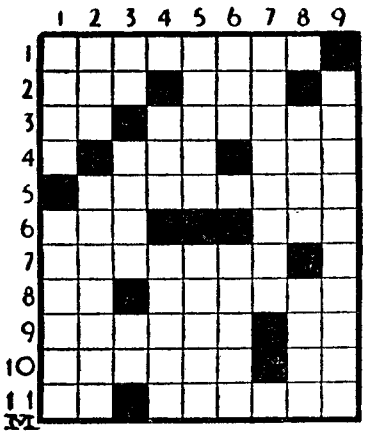
Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
PREÇOS DE POLICLÍNICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1539



HORIZONTAIS: 1 — Rainha de Halicarnasso, que tomou parte na guerra de Xerxes contra os Gregos e combateu em Salamina (480 A. C.). 2 — Caritativo; Agora. 3 — Artigo (pl.); Brandos. 4 — Deusa; Gritos de dor. 5 — Corpo sólido que tem muitas faces planas. 6 — Lavra; Pende (inv.). 7 — Desagradar. 8 — Prefixo de privação; Escava. 9 — Expiram; Quarto. 10 — Atiçara; Concede. 11 — Popa; Pessoas extremamente parecidas com outras

VERTICAIS: 1 — Depois; Efeminar. 2 — Gracejas; Noto préviamente. 3 — Porco; Transmites bens; Acusada. 4 — Bilis; Experimentarás. 5 — Residi; Sobrecarrego. 6 — Cólera; Períodos em que uma doença atinge a maior intensidade. 7 — Abanara. 8 — Entontece; Existência. 9 — Agregavas.

Solução do problema n.º 1538

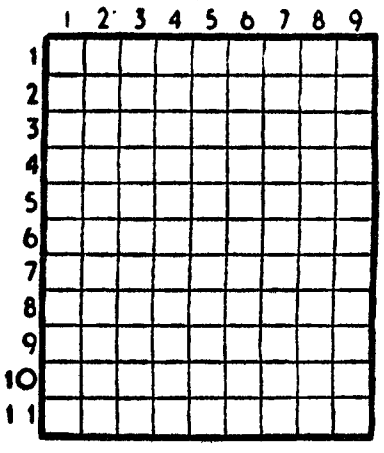
HORIZONTAIS: 1 — Com. Orçam. 2 — Aedo; Te. 3 — PERDER; Ri. 4 — Ar; Ai. NÃO. 5 — Vazados. 6 — FAZ; Medoc. 7 — Os; Mosa. 8 — Ricos. 9 — Abas; Sobe. 10 — Votos; El. 11 — Ama; Fio.

VERTICAIS: 1 — Cepa; Furava. 2 — Erva; BOM. 3 — Mar; Azorata. 4 — Edaz; Siso. 5 — Odeiam; Só. 6 — Ror; Demos. 7 — Nodoso. 8 — Atrasos; Bei. 9 — Meio; CABELO.

Provérbio: PERDER NÃO FAZ BOM CABELO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3609



HORIZONTAS: 1 — Atrapalhar. 2 — Rizoma. Enfeita. 3 — Vila e concelho do distrito de Lisboa. 4 — Compareciam. Fluido aeriforme. 5 — Planta que se aplica em culinária. Apelido da escritora e pedagoga alemã naturalizada portuguesa em 1913, autora de «O mundo em que vivi». 6 — Tostes. 7 — Rio de Portugal. Util. 8 — Mulo burreiro. Prefixo que designa ar. Algarismo. 9 — Má sorte. Nome de mulher. 10 — Nome vulgar de um género de herbáceas da família das canáceas (Bras.). 11 — Jarro (planta). Saudáveis.

VERTICAIS: 1 — Artigo definido. Seguiam. Carta geográfica. 2 — Tangei. Brilhar. 3 — Assentai arraiais. Altar. 4 — Chefe etíope. Ossaria. 5 — Entre nós. 6 — Hora do ofício divino. Galgos. 7 — Apelido. Nome de uma das filhas de Labão (Bibl.). 8 — Asas. Em grande quantidade. 9 — Batráquio. Ilha do Atlantico. Além disso.

Solução do problema n.º 3608

HORIZONTAIS: 1 — Acém. Leve. 2 — Orne. Isis. 3 — Ivã. Apa. 4 — Vai. Ana. 5 — Amarraram. 6 — Ró. Reis. 7 — Sal. Roa. 8 — Sá Ave. Rh. 9 — Umas. Ateu. 10 — Mais. Reis. 11 — Asselaras.

VERTICAIS: 1 — Ao. Vão. Suma. 2 — Criam. Samas. 3 — Enviara. Ais. 4 — Meã. Rolasse. 5 — Sr. 6 — Lia. Arreara. 7 — Esparso. Tem. 8 — Viana Areia. 9 — És. Ama. Huss.

Uma grande indústria

No concelho do Seixal vai ser instalada a indústria — base de maior projecção nacional que irá proporcionar trabalho a milhares de operários

Ao cabo de longos estudos, em que a técnica e a economia tiveram a ultima palavra, o País soube que havia sido a região do Seixal a escolhida para a instalação da Siderurgia Nacional.

São conhecidas as razões económicas e geográficas que presidiram á sua localização. Uma coisa é agora certa: — a de que, dentro em breve, irá surgir, bem perto de Lisboa e na margem esquerda do Tejo, a industria-base de maior projecção nacional.

As perspectivas que se nos antolham — pese muito embora a todos os maus profetas — são as mais lisonjeiras e promissoras. Cabe aqui uma palavra de relevo e justo louvor para quem, audazmente, soube quebrar a rotina tradicional e agitar de tal modo as águas paradas da industria nacional.

A projecção desta iniciativa deve ser analisada em todas as suas proporções. Não é só a industria que vai beneficiar nos capítulos de fornecimento e eficiência. Não são apenas as nossas fontes energéticas que assim encontram o seu mais azado e produtivo escoamento. Não é apenas a economia nacional — e aqui o termo nacional aplica-se em toda a extensão do seu significado — que vai sentir um ritmo jamais atingido. Um dos aspectos dessa projecção, que merece ser encarecido e sublinhado pelas suas repercussões de ordem económica, social e mesmo política, é o facto de tal industria ir mobilizar milhares de braços e, por isso mesmo, contribuir para a vida e tranquilidade de milhares de lares portugueses.

Ainda há dias, em breve troca de impressões com o presidente da Camara Municipal do Seixal, tivemos ensejo de ouvir estas palavras: — «A Siderurgia, cujos benéficos efeitos se reflectirão no plano do conjunto das actividades nacionais, é tanto mais para nós benvinda quanto é certo que a crise que se verifica na industria da cortiça ameaça levar para o desemprego muitas centenas de braços. Com os trabalhos de construção das grandes edificações muitos desses braços encontraram já ocupação, em condições que permitem o sossego e a tranquilidade noutros tantos lares.

Eu antevejo — e comigo toda a população do concelho — a era de prosperidade que se vai abrir e de que nós somos os mais directos beneficiários. Quando a industria estiver completamente instalada, quando ao cais chegarem em ritmo incessante navios provenientes das mais longínquas parcelas do mundo português e de todos os continentes, quando as chaminés do alto-forno descreverem no espaço o hino imponente do trabalho e do progresso, então ver-se-á a profunda, radical transformação que vai imprimir aos nossos hábitos a Siderurgia.

Milhares de trabalhadores encontrarão ali, além dos meios de uma existência digna, uma fonte perene de estímulos e de consciência do valor do seu trabalho».

Desta forma se pode concluir que o País, nesta época de renovação, empenhado em mais um Plano de Fomento em que deposita as mais justificadas esperanças, anseia pela conclusão dos trabalhos de instalação da Siderurgia Nacional.

E com este são alvoroço de todos os Portugueses e com a compreensão dos poderes publicos, a Siderurgia há-de ser muito em breve a mais expressiva realidade económica nacional.

O 1.º CENTENÁRIO

da «Companhia de S. José»

As Escolas Profissionais Salesianas comemoraram hoje o 1.º centenário da fundação da «Companhia de S. José».

De manhã celebraram-se quatro missas, uma das quais solene, acompanhada a canticos. Ao evangelho, falou o cónego dr. António Augusto Azevedo Pires.

A' tarde, os alunos externos das Escolas representaram o drama, em 3 actos, «Os dois sargentos» e a comédia «Eu quero ser actor». Também á tarde houve bênção solene.

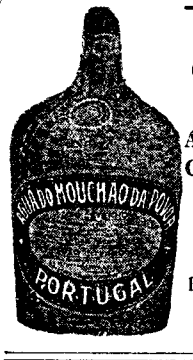
CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto

ANIBAL - Gravador

R. Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha



Tem **Prisão de Ventre?**

BEBA ÁGUA DO MOUCHÃO DA PÓVOA

Regularizador das funções intestinais

Laxativa

Dep. Geral: Conde Barão 48

Telefone 664378

SOFÁS-CAMAS

Modelo registado, contem colchão de arame, colchão e almofadas de sumauma e fecha com a cama feita, temos prontos de pessoa e para casal. Av. Marquês Tomar, 59 — T. 770735 e R. Cavaleiro Oliveira, 36-A. — T. 51028.

Necrologia

Brigadeiro Augusto Faria Pereira

Constituiu significativa manifestação de pesar o funeral do sr. brigadeiro Augusto Dantas Pereira Serra Faria Pereira, que foi chefe do estado-maior do Estado da India.

Incorporaram-se no prestito, que saiu da igreja de Santa Isabel, para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra, numerosas personalidades de relevo na vida social e política muitos oficiais do Exército e ainda membros do Conselho de Administração do Rádio Clube Português, de que o extinto era vice-presidente. Fizeram-se representar os srs. ministro da Defesa Nacional, pelo sr. tenente-coronel Augusto da Silva Viana; e ministro do Exército, pelo sr. major Pinto Bessa. Entre outros oficiais superiores, estiveram também no funeral os srs. generais Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; Valente de Carvalho, novo comandante da Guarda Fiscal; Aníbal Vaz, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana; Monteiro Libório, etc.

José Luís Vaz de Carvalho

VILA REAL, 19 — Faleceu, na povoação da Timpeira, freguesia de Borbela, o sr. José Luís Vaz de Carvalho, proprietário, de 80 anos, pai do sr. dr. Manuel Magalhães Vaz de Carvalho, advogado e vereador da Camara Municipal deste concelho.

Faleceu com 87 anos

um companheiro de Mouzinho

PORTEL, 19. — Com 87 anos de idade, faleceu o sr. Joaquim Cunha, antigo companheiro de Mouzinho de Albuquerque nas lutas de Africa, contra o Gungunhana.

O seu funeral foi extraordinàriamente concorrido.

Julgamento em Redondo

de ciganos

implicados num assassínio

EVORA, 19. — No tribunal de Redondo, reuniu-se, sob a presidência do corregedor dr. António Pedro Sameiro, o círculo judicial de Evora, para julgar um grupo de ciganos que, na tarde de 7 de Outubro, do ano findo, naquela vila, se envolveram numa grande desordem, da qual saiu sem vida a cigana Leonor da Conceição Maia, de 41 anos, casada, que foi atingida por dois tiros que lhe vararam o peito.

Apesar de nos autos figurar como presumível autor do homicídio Lucio Augusto da Conceição, de 61 anos, pai da vítima, quer na ocasião da desordem quer no decorrer do julgamento não se conseguiu apurar quem disparou os tiros que mataram a Leonor.

A própria arma nunca foi encontrada e todos os ciganos referidos nos autos se defenderam reciprocàmente.

Por isso, o tribunal lavrou a seguinte sentença:

Lucio Augusto da Conceição, Joaquim António Maia, de 22 anos, e Manuel Romão, de 46, absolvidos; José Maia, de 22, António José Parreira, de 27, e Inácio da Conceição Parreira, de 19, cada um condenado na pena de 60 dias de prisão, com a pena suspensa por 3 anos; e, ainda, António Catita da Conceição, de 21, em 60 dias de prisão e 1.000$00 de imposto de justiça e legais acréscimos.

Chuvas torrenciais

no Algarve

FARO, 18 — Estamos na contingência de um mau ano agrícola, devido ás chuvas torrenciais que têm caído nesta província, causando graves prejuizos nas searas, favais, etc.

COMUNICADO

A fim de evitar que se estabeleçam conclusões notòriamente erradas sobre os seus produtos, a SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS esclarece:

1.° O que se está a passar com os «refrigerantes» **não se dirige contra ela,** ou contra qualquer industrial ou comerciante, **em particular.**

Trata-se, sim e por parte de quem de Direito, de dar comesinha execução aos novos princípios instituídos no e pelo recente Decreto-Lei n.° 42.159, de 25 de Fevereiro próximo passado.

Deste modo,

2.° **Não é,** portanto, **exacto** e **carece de total fundamento** dizer-se que **só** a mundialmente conhecida e consagrada ÁGUA TÓNICA «SCHWEPPES» tenha sido proibida, por conter quinino. OUTRAS águas tónicas, sobre cuja qualidade o PÚBLICO já fez e criou certamente opinião e a que se não aludiu, FORAM **IGUALMENTE** PROIBIDAS **com o mesmo fundamento:** – existência nas suas respectivas composições de quinino.

3.° Importa assinalar, porque assim o impõe o merecido e nem por isso menos honroso prestígio industrial de que desfrutamos, que a ÁGUA TÓNICA «SCHWEPPES» se fabrica e vende em TODO O MUNDO debaixo da **mesmíssima fórmula** com que foi exposta à venda no CONTINENTE português, onde, como se verifica, se entende que o emprego de quinino é nocivo para a saúde. – Adita-se, para total compreensão do problema, que a quantidade de quinino usada em cada garrafa de ÁGUA TÓNICA «SCHWEPPES» é absolutamente inofensiva por igualar, apenas **20 miligramas,** e que o assunto, de ínfima importância aliás e como se observa, ESTÁ JÁ a ser considerado, a nosso pedido, por Sua Exa. o Snr. Subsecretário de Estado da Indústria e pelos cientistas oficiais.

4.° A falada «Introdução de estupefacientes nas colas» constitui outra afirmação ousada, por indiscriminada, uma vez que o nosso produto PEPSI-COLA – afirma-se SOLENEMENTE – **nunca** por **nunca,** consoante o comprovaram as análises **oficiais,** conteve qualquer parcela, por mais ínfima que fôsse, de **estupefacientes.**

5.° Salienta-se que ANTES da publicação da nova Lei **JÁ TODOS** OS NOSSOS PRODUTOS ERAM PRODUZIDOS NAS E COM AS CONDIÇÕES AGORA EXIGIDAS, o que muito nos satisfaz afirmar.

6.° Reposta, assim, a verdade dos factos em seus precisos termos,

a Sociedade Central de Cervejas

aproveita esta oportunidade para declarar que confia incondicionalmente no GOVERNO DA NAÇÃO e no estudo que o mesmo continua a fazer do problema pelos Departamentos competentes, pelo que não vê lugar para o alarme e comentário fácil que estão afinal, na base das notícias propaladas, DESTITUIDAS, como se vê, de fundamento sério.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTONIO VILAR E A "B. B."

(Continuação da página central)

tónio Vilar — quem, lendo, numa revista, o relato da cena do espancamento, em que ele, o grande-senhor sevilhano, persegue, implacávelmente, a voluvel beldade, através de um café-concerto, zurzindo-a com másculo vigor, houve quem tomasse a ficção pela realidade e dele fizesse o carrasco da Bardot.

Oito dias de pé com uma costela partida

Em seguida, Vilar levanta-se — já sorveu o seu café quente e engoliu a colher de «apigelina» com que supre a escassez de calorias das suas frugais refeições (a unica fantasia é o vinho verde) — e explica como foi que lhe quebraram a costela. Eram oito ou dez contra ele lutadores de «catch» vestidos de «marineros», bons rapazes aliás, cuja missão na vida, ou nos filmes em que «figuram», consiste essencialmente em fingirem que levam socos e em levarem-nos mesmo, ás vezes, por engano. A um deles, que avançou a cara mais uns milímetros do que a conta devida, rachou António Vilar o lábio superior, descolando-lho do nariz.

Indignados (no filme, é claro) com aquela orgia de socos e tabefes com que o eterno masculino vingava o seu orgulho na B. B., os espectadores da conscienciosa tareia, repelidos também de má catadura pelo ciumento «fantoche», que na versão cinematográfica já pouco ou nada tem do «fantoche» de Pierre Loüys, lançavam-se por sua vez contra ele e esmagavam-no finalmente pela força do numero. Esmagaram-no com efeito, porque Vilar quis dar á cena o máximo de realidade e, ainda por cima, houve uma mesa sobre a qual ele devia cair, que estava já toda serrada para se partir, e não se partiu, e houve ainda um lutador de cento e tantos quilos que veio desabar sobre ele e sobre a mesa.

Tiveram de lhe endireitar a vértebra deslocada, mas a fractura da costela só se descobriu oito dias depois, porque António Vilar, brioso, continuou a filmar, sem se queixar, sem bulir mais no assunto, até que as dores o traíram, já a película estava então rodada e ele podia enfim cuidar de si.

Eis o carrasco da Bardot !

Tal popularidade lhe trouxe a histórica bofetada que, tendo António Vilar descurado toda a vida a publicidade, uma noite em Paris, recentemente, á porta de uma *discoteca* em *Saint-Germain des Prés*, no momento em que, acompanhado de sua mulher, já desistia de entrar naquela espécie de sociedade secreta e limitada, por não possuir o cartão de sócio, um sujeito excitadíssimo o reconheceu subitamente e o chamou, em grandes gritos, para o coração da cave: *«Mais c'est Vilar: l'homme qui a giflé Bardot!»*.

Era preciso que o nosso público acabasse com o «parece mal»!

Agora, António Vilar resignou-se, tem por força de aceitar a lenda...

Falamos ainda do Carnaval do Estoril, em que ele foi uma das vedetas de cartel. Elogia convictamente «o milagre de Teodoro dos Santos», fotografado, no lapso de dois meses em quase todo o Mundo... Um homem que fez mais pelo Estoril e pelo seu turismo do que era plausível e concebível. «Um êxito que todos temos a agradecer-lhe!».

No entanto, António Vilar recorda que a primeira noite ia sendo funebre. Todos olhavam uns para os outros e só faltou cantar-se ópera. Depois, tudo correu bem, mas aquela primeira noite... As pessoas queriam divertir-se, claro, mas estão tão habituadas á máscara da compunção... Enfim, o gelo dissolveu-se e o Carnaval acabou por ser mesmo Carnaval. «Mas era preciso que o nosso publico se deixasse do *parece mal!* E' um provincianismo quase congénito, mesmo nas pessoas que se julgam mais refinadas. E contagioso, o que é mais sério...

Deixámos enfim, António Vilar a desfolhar revistas e recordações, com o seu bigode de Basílio, uma imposição do destino, pois terá de o conservar ainda por muito tempo dado que no Brasil lhe cumpre apresentar ainda — outro filme, para breve — uma identica máscara de sedutor...

ECLIPSE DA LUA

Na próxima terça-feira, será visível em Lisboa um eclipse da Lua, que principia ás 17 e 56 e termina ás 22 e 27. A Lua nasce nesse dia ás 18 e 44, isto é, já na penumbra.

A entrada da «Feira de Março», em Aveiro

A «Feira de Março» em Aveiro

AVEIRO, 19 — Foi esta manhã inaugurada a tradicional «Feira de Março», com a presença do presidente da Camara Municipal de Aveiro e de outras entidades oficiais. O certame, que encerra daqui a um mês, apresenta-se com aspecto muito atraente. Numeroso publico acorreu desde a abertura, interessando-se pelo mercado de todo o género de artigos.

Prémios literários

(Continuação da página central)

cinco membros, escritores ou críticos literários, podendo a Editorial Ática ter um representante no juri.

O prémio terá, como o anteriormente referido, o valor de 5.000$00, em dinheiro; sendo, do mesmo modo, a obra premiada publicada pela Ática, que pagará os correspondentes direitos de autor, na base de 10 % do preço de capa.

O juri poderá, além da escolha da obra premiada, seleccionar outra que considere meritória e recomendar a sua publicação.

As restantes condições são identicas ás do prémio «Fernando Pessoa».

Prémio «Camilo Castelo Branco»

Reuniram-se os corpos gerentes da Sociedade Portuguesa de Escritores para a designação do juri do Prémio «Camilo Castelo Branco», relativo á produção literária de 1958.

Aquela sociedade pede-nos que tornemos publico que aquele prémio é extensivo aos romances, livros de novelas e de contos, da autoria de escritores portugueses e associados da Sociedade Portuguesa de Escritores, que tenham sido publicados em primeira edição no decorrer do ano de 1958. As produções submetidas a concurso deverão ser entregues na sede da respectiva Sociedade, até 31 do corrente.

ANTÓNIO BOTO

Dentro de dias será posto á venda, numa edição da Atica, o ultimo livro de António Boto, intitulado «Ainda não se escreveu». Agora que para sempre a voz do homem se extinguiu, continuará a voz do poeta a cantar através do tempo.

Almoço de despedida a Ivon Curi

Regressa no domingo ao Brasil o grande artista Ivon Curi, que tão notável êxito alcançou recentemente nas suas apresentações no S. Luiz, em Lisboa, e no S. João, no Porto. Para lhe significar quanto foi apreciado o seu talento de artista e as simpatias e amizades que conquistou entre nós, uma comissão constituída por João Ortigão Ramos, Erico Braga, Igrejas Caeiro, Fernando Fragoso, Artur Agostinho, Armando de Aguiar, Armando Marques Ferreira e dr. Fernando Teixeira, promove, depois de amanhã, ás 13 e 30, no restaurante Alvalade, um almoço de homenagem e despedida que será também extensivo ao seu pianista privativo José Scarambone.

A inscrição para o almoço está aberta a todo o publico e só será limitada pela lotação da sala — pode fazer-se até amanhã, á noite, nas sucursais do «Diário de Notícias», do Rossio e do Chiado e no restaurante Alvalade (telef. 779151).

LAND-ROVER

CONFIRMA, MAIS UMA VEZ, DE FORMA INDISCUTÍVEL

7420

AS SUAS EXCEPCIONAIS QUALIDADES

NO RALLYE MAIS DIFÍCIL DO MUNDO

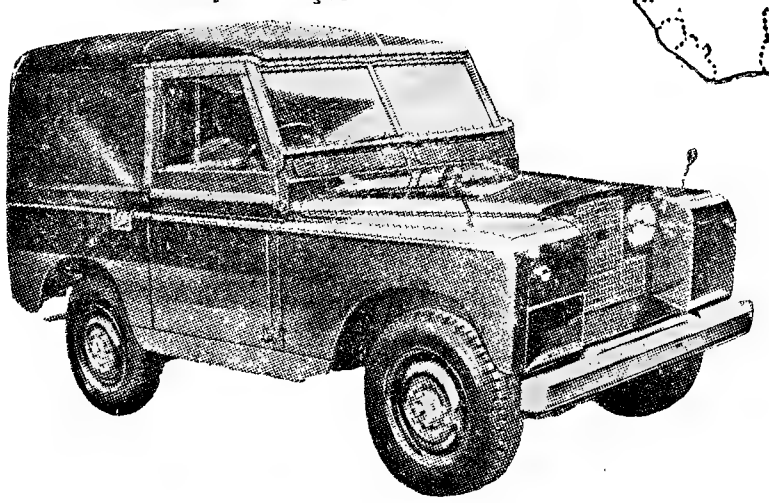
MEDITERRÂNEO — CABO

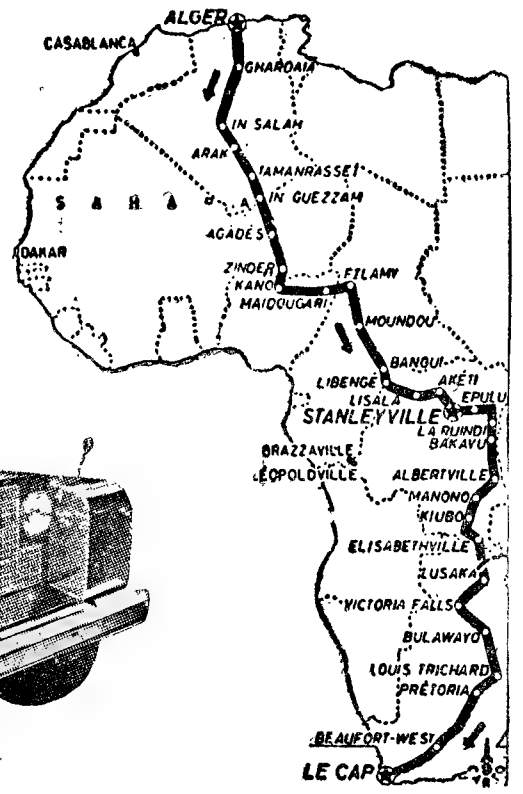
(14.000 QUILÓMETROS NAS PIORES CONDIÇÕES DE TEMPO E DE ESTRADAS)

O único «LAND-ROVER» inscrito, conquistou

1.° LUGAR DA CATEGORIA
(veículos utilitários)

3.° LUGAR DA CLASSIF. GERAL
tendo terminado a prova sem qualquer penalização





LAND-ROVER

Aumenta dia a dia o seu prestigio e a sua expansão em todos os mercados mundiais, graças, unicamente, aos resultados obtidos nas mais duras provas a que tem sido submetido, em todas as condições de estradas e de climas

O VEÍCULO EM QUE PODE CONFIAR — MOTORES DIESEL OU GASOLINA

DISTRIBUIDORES GERAIS: GARAGEM VICTÓRIA

Stand e Oficinas
3, RUA NOVA DE S. MAMEDE, 9
Telefs. 68 10 37 e 68 17 47

Secção de Peças e Acessórios
30, RUA NOVA DE S. MAMEDE, 32
Telef. 66 38 20

INACREDITAVEL

FRIGORÍFICOS FRIMATIC

Um frigorífico bastante económico, possuindo uma máquina universalmente famosa. Equipado com o grupo compressor hermético, americano, «Tecumseh», de grande rendimento, com 5 anos de garantia.

35 MILHÕES DE MÁQUINAS "TECUMSEH" ESPALHADAS PELO MUNDO ASSEGURAM A ALTA QUALIDADE DESTE FRIGORÍFICO

Linhas elegantes. Acabamentos perfeitos. Bom aproveitamento do espaço. Grande capacidade em pequeno êrea. Congelador e todo a largura com equitativa distribuição de frio. Produção rápida de sorvetes e gelo. Funcionamento automático silencioso. Consumo económico.

ILE-DE-FRANCE	4.500$00
CHAMPAGNE	5.500$00
AQUITAINE	6.500$00
ARMAGNAC	7.500$00
CHATELAINE	8.500$00

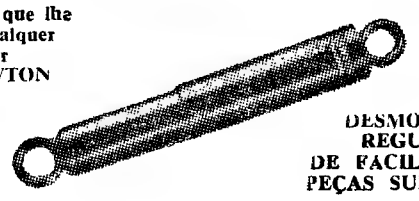
ADQUIRA UM BOM FRIGORÍFICO POR 150$00 POR MÊS
VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

FOGÁS, LDA
AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 84
LISBOA — Telef. 764081

NEWTON PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON

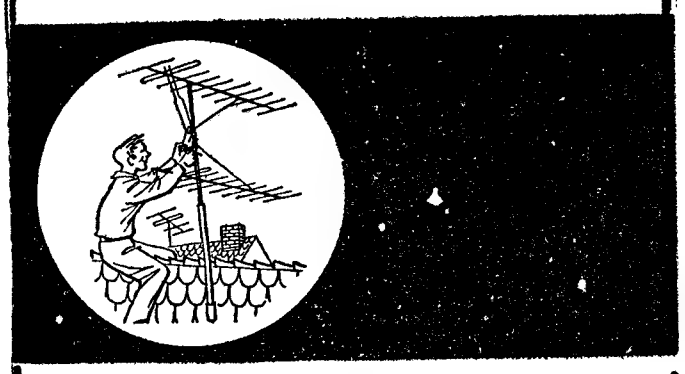


DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

ENGENHEIRO DE MINAS

Empresa importante admite para residir na província lugar de futuro. Resposta por escrito com referências profissionais e outras de possível interesse para C. Carvalho, Avenida da Igreja, 41, 1.°, dit.°, Lisboa.



A BOA RECEPÇÃO DE RÁDIO OU T V NÃO ACONTECE POR ACASO

É INDISPENSÁVEL

...ESCOLHER MATERIAL ADEQUADO E DE BOA QUALIDADE PARA A ANTENA (INDIVIDUAL OU COLECTIVA) E SEUS ACESSÓRIOS

...CONFIAR A MONTAGEM DA ANTENA A UM TÉCNICO ESPECIALIZADO

MANUEL PIRES PINHEIRO

Estação de Serviço PHILIPS

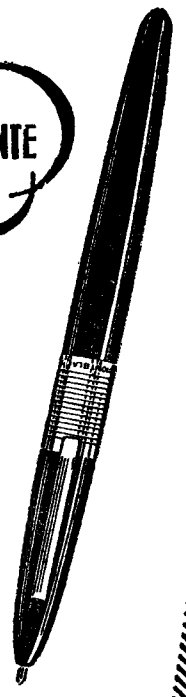
R. GARCIA DE HORTA, 37-A — T. 668435

EMPREGA EXCLUSIVAMENTE MATERIAL MUNDIALMENTE REPUTADO NAS INSTALAÇÕES DE ANTENAS E SEUS ACESSÓRIOS

PHILIPS-KATHREIN

PELA PÁSCOA OFEREÇA

UM BRINDE INTERESSANTE



MONT BLANC

BALLOGRAF

«MAGIC»

A maravilha das canetas esferográficas

ÚNICA NO GÉNERO

Ao voltar a caneta para cima a ponteira recolhe automáticamente

A «Magic» acabou definitivamente com os fatos sujos

PREÇO: 48$00

CAPITAL

Coloca qualquer quantia sobre prédios rusticos ou urbanos em todo o País, nas melhores condições

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede em LISBOA: — Av. da Liberdade, 3-2.º
Sucursal no PORTO: — Pr. da Liberdade, 12-2.º
Dependência em COIMBRA: — R. Ferreira Borges, 15-2.º

AUTO UNION

Auto Union **1000**

coupé de luxo

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS DECAUTO S. A. R. L.
RUA DUQUE DE PALMELA, 27-A, 27-B • LISBOA

†

João Brilhante da Silva Pessoa

e

Maria Andrade Pessoa

Libanio Pessoa e sua mulher Beatriz Pessoa, participam a todas as pessoas amigas que amanhã, dia 20, pelas 9,30 horas, na Igreja do Santo Condestável, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 19 de Março de 1929:

«E' no dia 18 do próximo mês de Abril que será inaugurado, no Jardim da Estrela, o monumento a Antero de Quental, cujo soclo é do distinto arquitecto Jorge Segurado e a figura devida ao cinzel inspirado de Diogo de Macedo. A iniciativa da sua construção pertence ao «Correio dos Açores».

EFEMÉRIDES

No dia 19 de Março de 1808 abdicou á coroa de Espanha o rei Carlos IV.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 45, Cançonetas hispano-americanas; 21, Noticiário.

Programa «A»—Ás 19, programa da M. P.; 19 e 30, Cançonetas e orquestras; 19 e 45, Ares da nossa terra; 20, Jornal sonoro; 20 e 30, Novidades em discos; 21 e 15, 2.º desdobramento e transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera «Trovador», de Verdi. No 1.º intervalo o 15.º episódio da adaptação radiofónica da obra do cardeal Wiseman «Fabíola», por Odete de Saint-Maurice, e musica de tecla; no 2.º, «Duas gerações» e musica de arco; no 3.º, Musica de camara; e no final da ópera, noticiário e encerramento.

Programa «B»—Ás 19, Musica de camara: «Missa I para a Páscoa», pelo Coro dos Monges da Abadia de Solesmes, sob a direcção de Dom Gajard; «Quarteto n.º 4», de Mozart, pelo Quarteto Loewengluth, e «Concerto em sol menor», para flauta, oboé, violino, fagote e cravo, de Vivaldi, por Jean Pierre Rampal, Pierlot, Gendre, Hongue e Fayron-Lacroix; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Que quer ouvir?: «Sinfonia n.º 3», de Russell, pela Orquestra da Suíça Francesa, dirigida pelo maestro Ansermet; «Jogos de Água», de Ravel, por Robert Casadesus, e «Suite Ibéria», de Albéniz-Arbos, pela Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção do maestro Ataúlfo Argenta; 21 e 15, Orquestras ligeiras; 21 e 30, Que quer ouvir?; 22, A voz da cidade, programa dos Serviços de Acção Cultural e Turismo da C. M. L.; 22 e 20, Roteiro musical; 22 e 45, Viagens ao mundo da dança; 23 e 15, Danças; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas; 18 e 15, Ritmos de baile; 18 e 45, Interludio; 19, Variedades; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 30, Magazine; 22 e 30, Orquestras e canções; 23, Concerto; 23 e 30, Musica do Brasil; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile; 0 e 55, Sumário; 1, Fecho.

Emissor de Miramar—Ás 18 e 15, Ritmos de baile; 19 e 15, Intermédio musical; 19 e 30, História da Rua das Flores; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Uma orquestra e uma voz; 20 e 30, América Latina; 20 e 45, Lendas da nossa terra; 21, Noticiário; 21 e 15, Melodias; 21 e 45, Cançonetas; 22, Leitura; 22 e 30, Orquestras ligeiras; 22 e 45, Cozinha alentejana; 23, Concerto; 23 e 30, Trechos recreativos; 0, Ritmos de baile; 0 e 28, Sumário; 0 e 30, Fecho.

RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção; 19, Missa vespertina; 19 e 50, Boletim do S. C. R.; 20, Fantasias; 20 e 10, Janelas da minha rua; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Canções da América Latina; 21 e 50, Solos de órgão; 22, Programa da estação do Porto; 22 e 20, Musica de bailado; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: «Cinema 59»; 21 e 35: «A Construção da Musica; 21 e 55: «Temas de inspiração»; 22 e 10: «O Despertador»; 23 e 5: Vida desportiva; 23 e 15: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30: Fecho da emissão.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO B — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja-D, (á Avenida D. Rodrigo da Cunha), Tel. 722384; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; Vera Cruz — Praça Afranio Peixoto, 2-B (á Avenida São João de Deus, Tel. 724941; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Miranda — Campo Pequeno, 36-B/C, Tel. 770776; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Cosmos — Avenida João Crisóstomo, 44-C, Tel. 40592; Cruz Nunes — Praça Duque de Saldanha, 14, Tel. 41845; Novais — Avenida Luís Bivar, 11-13, Tel. 44324; Jaime José da Costa — Rua Conde Redondo, 68-72, Tel. 54342; Ascensos, Ld.ª — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Nova Luz — Rua D. Domingos Jardo, á Av. D. Afonso III, 28-A, Tel. 843439; Martins, Ld.ª — Rua Fernão de Magalhães, 33, Tel. 849448; Arnali — Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Morão — Largo da Graça, 63, Tel. 860700; Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 842518; Nobel — Rua Actor Vale, 53, junto á «Fonte Monumental», lado Sul, Tel. 842152; Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215, Tel. 45079; Colonial — Rua Forno do Tijolo, 40, Tel. 841122; Intendente (Do) — Largo do Intendente Pina Manique, 50, Tel. 47838; Central de Campolide — Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; Soares — Avenida Alvares Cabral, 1, Tel. 684282; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9, Tel. 662838; Porfírio — Rua Francisco Metrass, 59, Tel. 663349; Paivas & Parente — Rua de Santo António, á Estrela, 96-98, Tel. 665196; Martins — Calçada da Estrela, 167, Tel. 660823; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; J. A. Silva — Rua dos Quartéis, 25-27, Tel. 637777; Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 15, Tel. 637020; Fontoura de Carvalho — R. de Santos-o-Velho, 12, Tel. 662075; Central — Rua de S. Paulo, 108, Tel. 20389; Valentim, Ld.ª — Rua do Poço dos Negros, 88-90, Tel. 661353; Labor — Rua do «Diário de Notícias», 81, Tel. 23428; Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289; Estácio — Praça D. Pedro IV—Rossio—60-63, Tel. 27067—A—; Farmácia Gasparinho—Rua Dr. Gama Braros, 54-A, Tel. 710465; Nova Iorque — Rua António Patrício — lote 347 — Av. Estados Unidos da América, Tel. 760658.

MARÉS

Preia-mar: hoje, ás 23 e 40 (altura 3,33); amanhã, ás 12 e 8 (altura 3,33). Baixa-mar: hoje, ás 17 horas (altura 1,71); amanhã, ás 5 e 39 (altura 1.51).

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Ás 21 e 30, no Instituto Português de Oncologia, realiza-se a segunda reunião sobre casuistica clínica, com a apresentação dos seguintes casos: «Tumor multiplo do intestino», pelo dr. Mário de Andrade; e «Gliollastoma cerebral. Resultados imediatos da cobaltoterapia», pelo dr. Moradas Ferreira.

ASSEMBLEIAS GERAIS

A assembleia geral da Sociedade de Língua Portuguesa reune-se hoje, ás 21 e 30, para discutir o relatório, as contas e os actos de gerência do ano anterior.

CONFERÊNCIAS

No Instituto Francês, hoje, ás 21 e 30, o sr. Jean Lurçat profere uma conferência sobre «A arte mural dos nossos dias e a renovação da tapeçaria francesa».

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45—«Um marido em rodagem».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».

CINEMAS

TIVOLI — «O bárbaro e a gueixa».
SÃO LUIZ — «Gata em telhado de zinco quente».
SÃO JORGE — «Os nus e os mortos».
IMPÉRIO—«Testemunha de acusação».
EDEN — «A costureirinha da Sé».
POLITEAMA — «Raízes do céu».
MONUMENTAL — «Ingi».
CONDES — «Os violentos».
ODEON — «Joselito o pequeno pastor».
ROMA — «Lazzarella».
CAPITOLIO — «Contigo nos meus braços».
COLISEU — «Dia de fúria».
AVIS — «Jerusalém libertada».
ALVALADE — «Gata em telhado de zinco quente».
RESTELO — «A ausente»
IDEAL — «Corrida para a vida».
JARDIM — «A sereia perigosa».
PROMOTORA — «Santiago».
CAMPOLIDE—«Antes do furacão».

QUEM PERDEU ?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma quantia em dinheiro, uma caneta, um embrulho, um tampão para roda de automóvel, uma touca, uma mala, um par de meias, uma chapa de inscrição de viatura automóvel, uma luva, argolas com chaves e várias chaves.

Também se encontram, no Sindicato Nacional dos Motoristas, dois pares de óculos, dois pares de luvas, luvas desirmanadas, três sombrinhas, um bibe, duas pastas de plástico, instrumentos musicais, umas galochas e argolas com chaves.

QUEM ACHOU ?

O cauteleiro n.º 1979, sr. António Vieira perdeu 8 décimos, com o n.º 42792, da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, para a extracção de amanhã. Os décimos foram perdidos entre o Rossio e o Largo do Príncipe Real. O infeliz cauteleiro, por nosso intermédio, pede, á pessoa que os achou, o favor de o comunicar para a Rua de Santo Amaro, 30, 1.º, dt.º, á Estrela.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	945$00	944$50	946$00
Cons. 3 % T. 10	983$00	982$50	983$50
Cons. 3 1/2 % T. 10 s/j	1.010$00	1.009$00	1.011$00
Centenários 4 % 1940	2.210$00	2.209$00	2.215$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 942	—	1.015$00	1.020$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.016$00	1.020$00
Externo 1.ª série	1.295$00	1.295$00	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.295$00	—
Externo 2.ª série	—	1.305$00	—
Ext.ª 2.ª série car.	—	1.305$00	—
Externo 3.ª série	—	1.405$00	1.420$00
Ext.ª 3.ª série car.	—	1.405$00	1.420$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	200$00	203$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	510$00	516$00
Norte de Portugal 5 %	105$50	105$00	106$00
Gás Elect. 3 3/4 %	948$00	946$00	948$00
Gás Elect. 4 %	—	966$00	967$00
Gás Elect. 4 1/2 %	999$00	998$00	1.000$00
Gás Elect. 5 %	1.020$00	1.019$00	1.021$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	90$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	94$00
U. E. P. 4 1/2 %	95$00	94$00	96$00
U. E. P. 5 % 1951	—	100$50	—
U. E. P. 5 % 1952	—	100$50	—
Metropolitano	1.023$00	1.022$00	1.023$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	500$00
Angola	—	700$00	740$00
Espirito Santo	—	8.700$00	8.800$00
Lisboa & Açores	—	2.850$00	—
Portugal	2.031$00	2.030$00	2.035$00
Ultramarino	1.650$00	1.649$00	1.655$00
Seguros			
Mundial	—	480$00	500$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.510$00	1.510$00	1.515$00
Ag. das Neves	—	660$00	690$00
Agric. Colonial	—	675$00	720$00
Açucar de Angola	1.960$00	1.955$00	1.1970$00
Boror	299$00	299$00	300$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	—	—
Colonial do Buzi	240$00	239$50	240$00
Ilha do Príncipe	—	1.900$00	1.950$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	136$00	135$50	137$00
Zambézia	—	127$00	128$00
Diamantes T 100	707$00	706$00	708$00
Lobito T 10	—	1.285$00	—

C.as Diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	490$00	495$00
Crédito Predial	—	41$50	42$00
Industrial Aliança	—	295$00	300$00
Portugal e Colónias	400$00	398$50	402$00
Nacional Navegação	—	—	—
Colonial Navegação	—	1.040$00	1.100$00
Port. de Celulose	2.350$00	2.330$00	2.360$00
Portuguesa de Pesca	—	1.310$00	—
Port. de Tabacos	298$00	298$00	300$00
Tabacos de Portugal	760$00	755$00	770$00
Sacor	3.370$00	3.350$00	3.400$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	—	300$00
Águas Lisboa 1936	—	—	—
Eléct. das Beiras	1.300$00	1.300$00	1.310$00
Gás e Electricidade	295$00	295$00	295$50
H. Alto Alentejo	136$50	136$50	137$00
H. E. Cávado	1.221$00	1.220$00	1.222$00
H. E. Zêzere	1.216$00	1.216$00	1.217$00
Nac. de Electricidade	—	—	1.345$00
União Eléct. Port.	—	188$00	190$00

Cotações fornecidas por PINTO DE MAGALHAES, LDA. — Banqueiros

PAÍSES	COMPRA	VENDA
África do Sul	78$75	80$25
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 a 2	28$25	28$55
Dólares de 5 a 1000	28$45	28$75
Argentina	$40	$44
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$55,3	$57,3
Brasil	$19	$21
Canadá	29$00	29$50
Congo Belga	$55	$57
Dinamarca	3$95	4$25
Espanha	$48	$49,5
França	$05,65	$05,85
Holanda	7$45	7$75
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04.5	$04.7
Marrocos	$05,8	$06,3
Noruega	3$85	4$15
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$56	6$68
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	273$00	283$00
Portugal — Barra	32$55	32$95
Portugal — Barra Fino	32$85	33$35

BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papeis de credito

Uma conferência ministerial preparará, em Washington a conferência a alto nível com os dirigentes da União Soviética

(Continuação da 1.ª página)

land, a cerca de 30 quilómetros da quinta do presidente e do célebre campo de batalha de Gettysburg.

Pela segunda vez, no espaço de vinte anos, o «Campo David» será local de importantes conversações anglo-americanas. Neste mesmo campo militar, inacessível a curiosos e a jornalistas, o presidente Roosevelt recebeu Winston Churchill em 1943, combinando com ele os pormenores do desembarque aliado na Europa. Roosevelt chamava a esse retiro, no meio de bosques, o seu «Shangri-La». Gostava de passar ali algum tempo, uma vez por outra, para repousar e pensar. O presidente Eisenhower tem passado pouco tempo no «Campo David», pois os campos de «golf» atraem-no mais. Mas escolheu este lugar retirado para receber o chefe do Governo inglês.

A razão desta escolha está talvez na inacessibilidade do local. Será impossível chegar perto dos estadistas britanico e americano. Os segredos das conversações serão ciosamente guardados.

Espera-se que haja duas conferências diárias de Imprensa, em Gettysburg. Na sala do cinema local, o secretário de Imprensa da Casa Branca, James Hagerty, e o seu colega britanico, Peter Hope, informarão os correspondentes de Imprensa do que se for passando, na medida em que isso não prejudique o segredo que se deseja guardar. — (R. e F. P.).

Reunião ministerial em Washington, preparatória da conferência a alto nível

LONDRES, 19 — Os planos ocidentais para solução dos problemas de Berlim e da Alemanha estão a cristalizar nas capitais ocidentais, enquanto o primeiro-ministro, Harold MacMillan, realiza a sua visita á América do Norte.

MacMillan declarou, em Ottawa, que se aceita agora, de modo geral, que «tem de haver negociações durante este Verão» entre os chefes mundiais. E, na capital do Canadá, as fontes autorizadas confirmaram que se pretende organizar uma reunião, em Washington, dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, da França, dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental, no dia 31 deste mês ou em 1 de Abril.

MacMillan, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, discutiu, em Ottawa, os problemas da Alemanha, de Berlim e da segurança europeia com o primeiro-ministro, John Diefenbaker, e outras altas entidades canadianas.

Entretanto, em Washington, assinalou-se um ambiente modificado. Diz-se que o presidente Eisenhower decidiu agir com mais rapidez do que anteriormente se julgava ser mais sensato para uma conferência de chefes de Governo.

Os títulos dos jornais, alegando «irritação» do Departamento de Estado, por causa da missão de MacMillan a Moscovo e da sua alegada pressão sobre o presidente dos Estados Unidos para concordar com uma tal conferência, sem condições, têm sido substituídos por afirmações confiantes em que o ambiente diplomático se encontra agora desanuviado.

Acordo nas conversações anglo-canadianas

Fontes autorizadas de Ottawa declararam que se chegara a acordo sobre a melhor maneira de tratar do problema da Alemanha dividida, durante as conversações anglo-canadianas. «Chegaram a uma uniformidade de pontos de vista» — disse um informador.

Julga-se que a fórmula envolvia uma variante de liberdade de compromisso, mas evitava cuidadosamente essa fraseologia, pedindo o congelamento de forças numa área da Europa, em que se chegasse a acordo. O plano incluiria medidas eficazes de fiscalização e inspecção de zonas rivais de uma linha divisória. Qualquer acordo desta natureza seria acompanhado, paralelamente, por um entendimento político. — (R.).

A 200 Km/H. por 60 contos!

Este é um dos muitos artigos de interesse publicados no ultimo numero da revista «Motor Ilustrado», que inclui ainda uma completa lista de preços de automóveis; Noticiário Internacional; As pistas de ensaio da V. W., etc. Preço 4$00.

Escreva melhor usando tinta SHEAFFER SKRIP — a única que contém RC-35 — elemento anticorrosivo exclusivo da SKRIP, que assegura integral protecção do aparo e do corpo da caneta, mantendo sempre limpo todo o sistema de enchimento

Agentes exclusivos:

AZEVEDO & DUARTE, LDA.

R. DO CRUCIFIXO, 76-1.º - TELEF. 26297 - LISBOA

As tropas da União Soviética permanecerão na Alemanha Oriental até à conclusão de um acordo definitivo — segundo declarou Kruchtchev

(Continuação da 1.ª página)

Acrescentou que o apoio do presidente Eisenhower, afirmado no discurso de 16 do corrente, á ideia de conversações, «confirma a oportunidade e o realismo das propostas soviéticas sobre o problema alemão». — (F. P.).

As tropas russas continuarão na Alemanha

MOSCOVO, 19. — Kruchtchev declarou hoje que as tropas russas permanecerão na Alemanha Oriental, mesmo depois de assinado um tratado de paz, até que se consiga um acordo entre as potências da N. A. T. O. e os países do Pacto de Varsóvia.

Nas suas declarações aos jornalistas, Kruchtchev acrescentou que a U. R. S. S. aceita a proposta ocidental para a reunião de uma conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, no dia 11 de Maio. Insistiu, no entanto, na necessidade de se realizar, também, uma conferência de todos os antigos inimigos da Alemanha, para se assinar um tratado de paz definitivo com a Alemanha. — (A. N. I. e F. P.).

Declarações do ministro francês dos Negócios Estrangeiros

PARIS, 19 — Falando, hoje, na Comissão dos Negócios Estrangeiros da Assembleia Nacional, Couve de Murville, referindo-se á situação da esquedra francesa no Mediterraneo, indicou que se trata, para a França, de harmonizar a necessidade de garantir as suas missões estritamente nacionais e as de uma cooperação eficaz entre os aliados da N. A. T. O.

Quanto ao problema de Berlim, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou: «As atitudes marcadas recentemente pelo presidente Eisenhower, no discurso ao povo dos Estados Unidos, correspondem muito exactamente ás do Governo francês». Pela sua parte, este está pronto a negociar, mas não constrangido, e está decidido a não renunciar aos seus direitos, entre os quais o de livre acesso a Berlim.

Disse ainda Couve De Murville que a finalidade da próxima negociação com o Leste seria determinar as condições de uma coexistência pacífica na Europa, isto é, de um «modus vivendi» até se reunirem as condições que permitam resolver o problema alemão.—(F. P.).

O problema da Alemanha visto de Bonn

BONN, 19—O chanceler Adenaur confirmou hoje á Comissão parlamentar dos Negócios Estrangeiros que as potências ocidentais elaboraram um contra-projecto ao tratado de paz com a Alemanha, proposto pela U. R. S. S. Expôs, a seguir, os resultados das conversações com o primoiro-ministro britanico.

Na mesma reunião, o presidente do Partido Social-Democrático Ollenhauer, e os dois vice-presidentes, o prof. Carlo Schmid e Fritz Erler, expuseram as suas conversações com o primeiro-ministro soviético.

Por sua vez, os representantes do Partido Liberal apresentaram um plano de reunificação da Alemanha, aliado á conclusão de um tratado de paz e de um pacto de segurança europeia. — (F. P.).

As experiências com três bombas nucleares

(Continuação da 1.ª página)

ções da altitude a que se efectuaram as experiências, mas York confirmou que se produziram «acima da atmosfera», quer dizer, a uns 160 kms. além da Terra.

Em nota distribuida á Imprensa, o Departamento da Defesa informa que as experiências proporcionaram sobre o campo magnético terrestre informações que completam as referentes á radiação natural proporcionadas pelos satélites «Explorador», na Primavera do ano passado, e que foram expostas pelo físico James Van Allen.

O «Explorador IV» recolheu informes destas explosões por cima do Atlantico do Sul, os quais serão publicados pelas vias científicas normais, uma vez interpretados e estudados convenientemente.

Referindo-se a esta série de explosões nucleares secretas, o «New York Times» diz que foram provocadas pela Marinha, sob a supervisão do Departamento da Defesa e da Comissão de Energia Atómica e são descritas como «os maiores ensaios científicos jamais efectuados». — (F. P. e R.).

Experiências com um foguetão portador de ogiva termo-nuclear

CAP CANAVERAL, 19. — Um projéctil balistico intercontinental, «Atlas», foi disparado durante a noite, iniciando um voo experimental de cerca de 22.500 quilómetros, com a duração de uma hora.

O foguetão transportava um novo e brilhante «focinho» cónico no topo, e funcionários deste centro declararam que, pela primeira vez, seria feita uma tentativa para recuperar toda a ogiva intacta.

O projéctil media cerca de 26 metros e meio e o cone era de forma diferente dos da frente romba, transportados por anteriores foguetões «Atlas». Anunciou-se que é o protótipo de um que levaria uma carga termo-nuclear, em caso de guerra.

O novo formato do cone causou alguma especulação sobre esta experiência, dizendo-se que poderia ser um ensaio fora do normal, embora se afirmasse tratar-se de, uma experiência regular.

Não se soube, imediatamente, se haverá qualquer comunicação oficial sobre se seria feita a operação da recuperação do cone, no caso de o voo experimental obter êxito. — (R.).

A Conferência de Genebra

GENEBRA, 19 — Os Ocidentais apresentaram á delegação soviética uma sugestão para o adiamento dos trabalhos da conferência sobre a suspensão dos ensaios de armas nucleares, até 13 de Abril.

Os Sovietes ainda não se pronunciaram sobre o assunto, mas prevê-se uma decisão de comum acordo, na sessão desta tarde.

A evolução das conversações tendentes á conclusão de um tratado pondo fim ás experiências nucleares parece estar ligada de perto ao resultado das conversações de MacMillan com os dirigentes soviéticos, em Moscovo, e as trocas de ideias que o primeiro-ministro britanico vai ter, em Washington, com o Presidente Eisenhower.—(F. P.).

No Estádio do Restelo

(Continuação da 1.ª página)

ciativas, dos dois clubes, a ponto do campo se encontrar quase cheio.

As equipas alinharam:

BELENENSES—José Pereira; Pires e Paz; C. Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Abdul, Tonho, Matateu e Yauca.

BENFICA—Costa Pereira; Serra e Hilário; Neto, Artur e Alfredo; Chino, Mendes, Águas, Coluna e Cavém.

Árbitro—José Alexandre, de Santarém.

As duas equipas ao entrarem no relvado foram calorosamente aplaudidas.

A bola de saída pertenceu ao Belenenses, que, a um minuto de jogo, beneficiando de um «livre» apontado por Pires, junto do limite da grande área, obrigou Costa Pereira, aliás, mal colocado a uma defesa de recurso, desviando a bola.

Seguiu-se, depois, um ataque dos «encarnados», no qual Neto entregou a bola em boas condições a Mendes, rematando este rasteiro; no entanto, José Pereira atento á jogada defendeu com segurança.

Logo em seguida, Cavém disparou um remate de longe que passou acima da trave.

Os lances passaram a desenhar-se num e noutro meio-campo e, aos 5 minutos, gerou-se perigo junto ás redes de Costa Pereira, numa ofensiva levada a cabo por Yauca e Matateu, intervindo com êxito Serra, que no melhor momento evitou o remate final.

Até aos 10 minutos a toada foi de equilibrio, salientando-se, entretanto, um remate comprido de Chino, que foi defendido por José Pereira. O guarda-redes belenense, embora a contas com uma lesão anterior, mostrou-se bastante atento, e aos 13 minutos foi, de novo, chamado a intervir a segurar um remate enganador.

Os donos do campo, bem apoiados pelo seu publico tentaram tirar partido das suas investidas e, aos 16 minutos, Yauca correu pelo seu lado, com perigo, tendo sido agarrado por Artur. Marcado correspondente castigo, por Paz, a bola foi desviada para «canto»... sem consequências.

Passado este período os «azuis» voltaram á carga e beneficiaram de outro «canto». Iam, então, decorridos 18 minutos. Tonho ao marcar o «canto» atirou com boa conta, a bola ainda roçou nas mãos de Costa Pereira, acabando por entrar na baliza, junto ao chão, do lado esquerdo.

O encontro tornou-se mais emotivo e o Benfica mostrava-se mais ameaçador do que o Belenenses, mas a verdade é que os «azuis», continuando bem organizados, conseguiram anular as tentativas do adversário.

Perto da meia hora o Belenenses foi punido com um «livre», por falta cometida por Paz. O castigo foi apontado por Mendes que, de fora da grande área e sobre o lado direito, com um fortíssimo pontapé — verdadeiro «tiro» — igualou a marca, tornando improficua a estirada de José Perciro.

Ao entrar-se no ultimo quarto de hora — mais concretamente quando havia 33 minutos de jogo — Carlos Silva teve um passe infeliz para o seu guarda-redes, sem olhar que entre os dois se encontrava Aguas, provocando, por isso, uma situação difícil para a sua equipa. Do lance resultou um canto que não trouxe consequências e os «encarnados» superiorizaram-se, depois, por alguns momentos, porque o Belenenses como que «amoleceu» após conceder o empate.

Aos 38 minutos, Paz provocou outro «livre», mas, desta vez, Mendes não rematou directamente, antes centrando, do que resultou a defesa «azul» intervir e gorar-se a oportunidade.

Pouco depois, o Benfica beneficiou de dois cantos seguidos, sem resultados práticos. Mais uma intervenção de José Pereira, a pontapé, seguida de outra a remate de Coluna e o intervalo chegou com o marcador em 1-1.

EM 2.ª TIRAGEM

publicaremos o relato completo do jogo Belenenses-Benfica.

PASCOA

O melhor Brinde

VISONS

Casacos e Estolas

Importação directa

LAURA CAMPOS

Av. Almirante Reis, 2, 1.º

LISBOA

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 34

Entrevista com Churchill

Winston Churchill, 11 Morpeth Mansions. A diferença do famoso numero da casa de Downing Street é, apenas, duma unidade. O chefe conservador, o político mais continental da Inglaterra, não vive num dos muitos palácios de Mayfair, espécie de St. Germain da aristocracia inglesa. Habita, modestamente, num quinto andar da City of Westminster, por detrás das torres de tijolo da catedral católica

... ...

Passam-se alguns momentos, ante a janela aberta, donde Winston Churchill domina Londres. Nisto sentem-se uns pesados e duros passos no corredor, como de um elefante que avançasse na selva, e um homem forte; corpulento, glabro, com a cara bezuntada da manteiga loura da barba, as faces em sangue, uns olhos de criança dum azul fixo de porcelana, de pálpebras sem cilios, entra estendendo com simplicidade a mão. E' Churchill. Parece um «bull-dog», com faces papudas, o olhar lento, mascando a ponta dum charuto, que não abandona mesmo quando fala. Senta-se e pergunta o que queremos tomar.

— Nada?!

Pois ele não dispensará o seu «whisky», que a secretária vai buscar, bem forte e dourado. Está vestido com um jaquetão preto, largamente cortado, e usa um velho laço, como se vê em alguns retratos de Garrick. Reparamos nos pés. Porquê? Talvez para vermos o pedestal da sua pesada figura, caricatura magistral de John Bull, tanto por dentro como por fora. A verdadeira Inglaterra, há cinquenta anos, era assim, e Bismark sabia-o. Calça uns sapatos de quarto, intimidade que contrasta no arranjo grave, até austero, da indumentária. Já bebeu o «whisky» mas não deixa o charuto. Quando fala parece que rosna e, como se esqueceu da dentadura e o seu francês é terrívelmente diferente, pior que o nosso, o diálogo ora é traduzido em português, ora é traduzido em inglês. Não diz uma palavra que encadeie a conversa. Espera e pergunta, responde, e, quando não tem mais nada a dizer cala-se, deixando cair a cabeça volumosa sobre o peito largo, e cerrando as pálpebras, como se dormisse.

— Acredita no perigo duma guerra próxima?

O «iceberg» começa a flutuar. Pôs-se contra a luz para nos ver bem, mas os seus olhos são tão azuis, no rosado da carne, que brilham na sombra.

— A guerra?! Mas tudo se encaminha para isso. Os acontecimentos marcham rápidamente. Há dois milhões de armas no centro da Europa, sobre a fronteira da Polónia.

... ...

— A guerra...

— A guerra se vier será longa. Pode durar três anos ou mais. No primeiro, a Inglaterra e a França não terão vantagem, mas depois o caso será diferente...

... ...

Levantámo-nos. A máscara empastada de Winston Churchill nada reflecte. A mesma serenidade, uma calma, como que indiferença.

— E' preciso defender os princípios de paz e de justiça das democracias. A guerra seria uma catástrofe para a civilização europeia. Receio-a. Quantos dias faltam para o primeiro de Agosto?... Terminam nessa data as férias do Reich! Aproxima-se o momento decisivo. E' possível que tenhamos de passar por duras provas, a não ser que tudo quanto se faz e se diz, para lá do Reno, não passe duma mistificação.

(Da entrevista publicada em 31 de Julho de 1939, um mês antes de estalar a guerra).

Artur Portela

jornalista e escritor

A terra desnuda-se como um ventre fecundo. O vinho vai nascer. E' uma nova vida, de misterioso destino, generosa e ardente, que correrá as incertas linhas deste vasto mundo, incorporando-se nas veias e na alma dos homens. Será alegria e crime, amor e fatalidade, volupia e sangue. Sofrerá como a vida e, como ela, envelhecerá. Agora, os cachos dobram as vides exaustas, uberes de apojadura carnal, que as bocas hão-de sorver em haustos profundos, até á saciedade dos sentidos. O homem, porém, paga a sua dívida á terra em sacrifício. O corpo de vinho antes de ser alegria é sofrimento. Em fila, a leva dos carregadores, vinte, trinta homens, com os seus cestos de vime, altos e estreitos como urnas funerárias, faz a primeira marcha.

Vêm de baixada e há que escalar toda a vertente, a pino, por côrregos seestreitos, escadarias sem fim, sempre a subir, quinhentos metros ou mais, até ao lagar, onde vazam aqueles despojos palpitantes e sangrentos. E' uma caminhada atroz, em que os ombros estoiram, retesados pelo peso de seis dezenas de quilos.

AS VINDIMAS

A respiração torna-se siflante, dobrado o peito para dentro, numa busca exaustiva de ar; grossas camarinhas de suor, pesadas de poeira, escorrem-lhes pelas faces cavadas; as pernas tremem-lhes, vergadas em arco; enquanto a camisa, trapo encharcado de água e de sangue — sumo roxo das uvas — pela transpiração ardente, parece curtir-se numa salmoira nauseabunda.

Lá vão, trôpegos, cambaleantes, numa dolorosa procissão, calvário acima, tropeçando, praguejando, com o capuz de serapilheira á cabeça, que os atabafa como um sambenito; a «estribeira», para cunhar bem a carga no dorso, não vá ela resvalar; e o cambito, pequeno cajado ou ferro, com uma volta que se prende á borda do cesto, e serve de apoio nas escarpas mais íngremes e abruptas.

Alguns oscilam sob a carga fragrante, bêbedos de cansaço, dando o ultimo arranco. Os ossos rangem, parece quererem saltar fora da carne, e o coração, oprimido, tal como um pesado ariete, bate, escabuja, dentro do peito, em surdas pancadas de aflição. Mas aquilo não termina nunca.

Ainda vão a meio da encosta, entre jardins de vinhedos e o céu dormente de sol, trepando, trepando sempre os altos degraus daquela infinita escaleira de socalcos.

A' frente, segue o homem do apito, que, em silvos curtos, cadencia a marcha, para que nenhum passo se perca na subida dolorosa.

Aquele som estridulo e intermitente é uma companhia. Encoraja, distral, mas eles mal o ouvem, os musculos retesados, as veias a latejarem, a cabeça ourada de fadiga, numa zoeira de febre.

Arquejam penosamente, os ombros curvam-se, e ouve-se o resfolegar exausto dos pulmões, como um fole roto, de onde se desprende uma baforada quente de forja, e ás vezes a vida, que tão dura é de ganhar:

—Anh! Anh! — o gemido da carga.

Dir-se-ia que o vinho só é bom quando engendrado na dor. O homem dá-lhe tudo, para ter a sua alegria — o que

(Continua na página seguinte)

O ARTISTA

Artur Portela era, fundamentalmente, um artista. Por circunstancias especiais o jornalismo atraiu-o, e esse grande artista foi um jornalista admirável, como poderia ter sido um poeta nacional ou um pintor famoso. Que sensibilidade, que vibratilidade, que sagacidade, que cintilação natural, que inquietação criadora, que talento, e — mais do que talento — que generosidade de espírito e que bondade de coração! Algumas vezes julguei surpreender nas palavras de Artur Portela a mágoa de se haver o artista — que ele acima de tudo era — revelado pouco no seu labor de jornalista profissional. Engano. Revelou-se plenamente. Que são as suas grandes reportagens, algumas delas reunidas em volume, senão a obra de um maravilhoso pintor? Que são as suas crónicas, as suas viagens, a sua actividade crítica — controvérsia subtil, fulgurante e cultíssima — senão literatura, da mais bela e da melhor?

JULIO DANTAS

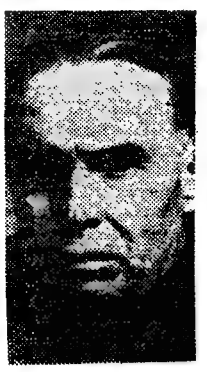
Um grande carácter

A morte de Artur Portela foi para mim um golpe muito cruel. Apesar da diferença de idade (eu com mais vinte anos) fomos amigos fraternos. Era um grande carácter, um grande espírito, um grande escritor, um grande crítico literário e artístico.

Estimulou sempre aqueles que tinham ou lhe pareciam ter algum valor. Fiquei a dever-lhe em generoso afecto o que nunca saberei nem poderei pagar á sua memória. As saudades que dele tenho são infinitas e não se apagarão enquanto viver.

JOÃO DE BARROS

Uma vibratilidade inteligente



Artur Portela deixou uma obra, que se pode chamar vasta para a média da produção nacional, multiforme, colorida, impressionista. A sua primeira qualidade talvez seja esta: vibratilidade. Uma vibratilidade inteligente e imediata. Nisso estava em consonancia com o nosso tempo. Não lhe sendo fortuito concentrar-se sobre si e um género, o seu temperamento de artista da prosa, rápido, incisivo, fulgurante, marcou-lhe um lugar inconfundível, pode dizer-se invejável, tanto no jornalismo como nas letras.

AQUILINO RIBEIRO

Fulgurante prosador

Artur Portela foi um dos mais fulgurantes prosadores dos nossos dias, com uma sensibilidade extraordinàriamente rica e penetrante. Várias vezes insisti com ele para abordar o romance. E cheguei a pedir a Joaquim Manso e a João de Barros para que insistissem também. «Um dia, talvez» — respondia-nos.

Artur Portela, meu amigo desde os vinte anos e cuja morte me parece ainda inverosimil, era um grande escritor que não quis a glória de o ser. Os milhares de páginas que escreveu no «Diário de Lisboa», tantas delas magistrais e muitas nem sequer assinadas, o demonstram de forma incontestável.

FERREIRA DE CASTRO

Mestre do jornalismo

Cá recebi o seu ultimo livro, «A Sombra de Camilo». Já não trazia a sua assinatura, mas até o seu nome era dispensável. Tem a dupla marca do seu génio: o estilo elegante, inconfundível, e a curiosidade do grande repórter e crítico dos acontecimentos presentes e passados. Chegou-me na hora em que deixava essa Casa da Imprensa, amparada pelo seu prestígio na hora incerta do alvorecer e á qual ficará para sempre ligado o seu nome glorioso. Abri-o com mãos trementes e olhos amarados de pranto. Não sorria da pieguice: os velhos têm a lágrima fácil. Deixe-me dizer-lhe, Artur Portela: E' melhor assim. Acabadas as tarefas no jornal, vai descansar. Sai nimbado por todo o fulgor do seu espírito e pela admiração dos seus camaradas e leitores. Mestre do Jornalismo, não esperou pela reforma. Não quis dar a «ultima lição». Deu-nos tantas! Outros mestres do nosso ofício — Avelino de Almeida, Norberto de Araujo, Aprígio Mafra — partiram assim: em pleno triunfo e em beleza. E' preferível não dar o triste espectáculo da decrepitude e a nossa Caixa de Reformas poupa os seus fundos, para os aplicar como muito bem entende. Obrigado por tudo, Artur Portela: pelas suas lições de Jornalismo, pelo seu nobre exemplo de defensor da dignidade da nossa classe, pelos seus livros que ficarão a demonstrar haver jornalistas que honram as letras portuguesas. Até breve. Abraça-o o seu velho camarada e admirador

JAIME BRASIL

(De uma carta de 14 de Março)

AS VINDIMAS

(Continuação da página anterior)

resta no Mundo! A leva pára, agora, a meio do calvário. Arreia os cestos num muro alto, e descansa.

Ofegantes, as caras desfiguradas, a gotejar um suor viscoso que o corrimento dos cachos tinge de vermelho, como se estivessem feridos, deitam-se no chão, a trouxe-mouxe, vencidos, aniquilados.

Durante largos minutos, ainda se sente a respiração esbraseada, rarefeita, dos homens, vagamente entontecidos por uma sombra de sono que lhes perpassa pelas pálpebras numa ilusória promessa de repouso.

—Que foste tu «agulhar» ao feitor, zorro do inferno?

—E tu, para que deixaste lá em baixo o cesto mais pesado?!... Não tens força para alombar?

E' o mais pequeno da «roga» quem fala, a morder raivosamente as palavras, saltando como um lebréu sobre o outro. Quando os carregadores chegam á vinha para levantar um cesto, escolhem, como é natural, o menos cheio, se é que não despejam parte da carga nos outros. O garoto tanto furou á procura do mais leve e maneirinho, tanto rebuscou, que lhe veio cair em sorte o mais pesado de todos.

—E' o melhor que aí vai! — diz o filho do feitor metido numa andaina citadina, bigodinho brejeiro de galã de aldeia, a riçar as penas de galarós ás cachopas da «roga», e a dar a dar com a bengalinha de mandarim.

Coitado, também já andou na estrada do vinho, palmilhando um a um os geios empinados que só acabam lá em cima, quando o céu começa libertando a terra.

Os homens levantam-se, carregam de novo os cestos, garrotes estranguladores que prendem com o «cambito», agora mais inclinados sobre a cerviz, repisando as cortaduras da carne que devem sangrar debaixo do trapo da camisa — e lá vão avançando, trepando, lentamente, o declive horrível.

Não falam e não cantam! Um silêncio de sombras, a mudez do desespero. O primeiro vai a dez metros de altura, enquanto o ultimo não se vê cá em baixo, no desnível do terreno.

E o apito estruge sempre, num canto intermitente de ralo, ziguezagueante e estridulo.

No meio de tanto sofrimento, a terra sorri com uma doçura de mulher farta, reclinada num leito de rainha, entre, cortinados de verdura recamados de oiro das suas vinhas fecundas.

Amorosa, não sente as pisaduras daquelas botas cardadas no corpo imóvel e adormecido. O Sol, ávidamente, beija-lhe a boca, cinge-a nos braços, com a violência inebriante de todos os desejos. Dir-se-ia que ela é feliz. Fechou os olhos. Agora repousa em beatitude, depois de ter gerado, nos seus ásperos flancos, mais um ano de vinho.

A chusma dos carregadores oscila, atrasa-se, já não pode mais, e agora os cestos, como troféus abatidos, quase que escorregam, não encontrando já a mesma dura resistência no pedestal vacilante dos corpos.

Pelo dorso dos carregadores, inundados pela transpiração violenta, as polpas ressudantes deixam escorrer uma baba violácea, que mancha a poeira do caminho.

De repente, todos se animam. Uma alma nova enfuna o peito dos homens. Agora, seriam capazes de transportar um mundo. As fisionomias perdem a dureza agreste do granito. Como que se humanizam, já brandas, num sorriso de alegria.

Não sentem a carga, nem a vertente áspera, nem mesmo o Sol que estoira, rubro e flamejante, numa explosão apoteótica de luz, levantando, nos braços de fogo, a terra inteira.

E' a banda da «roga» que vem ter com a leva, turbulenta e saltitante, esgarçando um fio de poesia por cujos cachos, lustres facetados, refulgem em cintilações de diamante.

O harmónio, de pistões vivamente percutidos, lança no ar quente e voluptuoso uma álacre desgarra do Douro, enquanto o bombo, pançudo e solene, e os ferrinhos, de fino toque argentino, animando endiabradamente a pastoral serrana, saltam ao encontro do cansado cortejo, insuflando-lhe um ultimo alento para vencer o resto do caminho.

Uma hora levou a marcha a atingir o lagar. Agora, com a arieta rustica, vão todos mais depressa.

—Numerar! — grita o feitor.

—Um! Dois! Três! Quatro!...

Não falta nenhum. Todos os cestos da baixada vieram mais ou menos atulhados. Então, os homens arremessam os «cambitos» para o chão e, numa corrida, despejam, de golpe, no lagar, numa cachoeira vermelha, purpurea, negra, azulada, os despojos sangrentos e frementes da vindima. Aquela massa gelatinosa, coagulada de uvas, parece palpitar como carne esquartejada num açougue monstruoso. Efluvios ardentes desprendem-se do tanque, numa tremulina de aromas embriagantes e violentos.

Que tudo é uva preta, carnuda, de bagos gordos e cheios, que pequeninos, têm qualquer coisa de jovial e infantil na sua pureza. São como mil olhos negros de criança — a brilharem, a sorrirem, a tremerem na penumbra do lagar.

A leva vai agora de retorno, serpenteando pelos arretos, descendo as escaleiras, saltando os calços, encabritando-se nos rochedos, desordenada, com os cestos a pingar sumo vermelho, como se, no seu bojo, tivessem rolado as cabeças de uma trágica guilhotina.

Agora, já o ar não lhes falta no fole esmagado dos pulmões; podem sorver o fumo do cigarrito, que passa, fraternalmente, de boca em boca; e atirar ás mulheres que andam na ladeira de cima, a vindimar, as suas pulhas jocosas.

Mas, nisto, estala um grito, que logo forma adjunto. Alguém que vem do Pinhão chama alvoroçadamente a má nova:

—Apareceu o cadáver do Januário!

O drama do vinho e do sangue. Quantos dias andou penando nas águas do Douro, que o não queria entregar, o corpo do montanhês? Foram encontrá-lo de bruços, arrimado a uns cachopos, meio despido, cabeça esfacelada, numa cratera horrível, ainda a esvurmar, que nem manta no lagar.

Bragante, ribaldeiro, todo farófias, pimpão, de varapau, com olhar de lobo a faiscar malícias para as cachopas, Januário vizra, há dias, com a «roga» do Marão para a quinta do Ramalde.

Todas as noites se escamugia do cardenho, onde a malta se alberga, mulheres a um lado, homens a outro — e descia ao Pinhão. Era certo na loja do Antunes, muito afreguesada, que a taberneira, ainda frescalhota, era como ramo de alecrim que todos gostam de cheirar.

Mas ninguém lhe punha as mãos, alva como o trigo na moenda do açude. O marido olhava-o de soslaio, rosnando.

—Que fazes por aqui, alma do diabo? Põe-te ao largo, que é melhor!

—Para que tem a venda aberta, se não quer que a gente cá entre?!

E repenicava a banza. O vinho fazia-o mais terno. Falsamente submisso, baixava os olhos, disfarçando o enleio. Por vezes, uma moda, garganteada a preceito, picava o ar fumacento da locanda numa flecha apaixonada. Errava sempre o alvo, mas teimava, até que um dia o marido resolveu depenar o galanteador.

O outro tinha os punhos rijos e era bravio como um javali. Nem negou a coima que o taberneiro lhe assacou. «E por que não?» — ripostou com arreganho. A luta foi de morte. Escabujaram como feras metidas no mesmo fojo, colmilhos acerados, a quererem morder-se.

Até que o mais forte se desprendeu, e agarrando um mocho, despediu-o com

(Continua na página seguinte)

AMÉRICA: «Nova York é um problema de trigonometria resolvido no espaço. É uma cidade perpendicular, onde os arranha-ceus em massa, esguios como torres alterosas, afuselados como pilones, em quadriláteros como templos assírios, cubistas, piramidais, rectangulares, quase sempre despidos de ornatos, se sucedem em pesados e majestosos blocos pelos quais é possível passar de helicóptero, sem sequer descer á Terra...». (De «Assim é a América», reportagem de Maio de 57.

«Don't walk» (vermelho) — Pare!

«Walk» (verde) — Ande!

Estes dois sinais de transito repetem-se, semafóricamente, até ao infinito na topografia linear da cosmopolis zenital. Iluminam constantemente as multidões niagarescas que sobem a 5.ª Avenida, cruzam Avenue Park atravessam a 42.ª, autêntico paralelo da cidade, ou param no Times Square, espécie de Capitólio da Broadway, onde já não habita o famoso jornal, mas cujo título ficou pendurado na tabuleta do céu, pintado a azul neon. Os «robots» obedecem, automáticamente, áqueles dois mudos e ditatoriais avisos. Perderam ou ganharam um minuto na vida, que se conta por dólares.

Quem se arrisca a afrontar o vermelho proibitivo suicida-se no meio do tapete rolante dos veículos — sempre pintados a duas cores vivas: verdes e azuis, amarelos e encarnados, ás pintas brancas e pretas, como os automóveis de crianças. Só carros do Estado e os funerários escuros.

(De «Assim é a América», reportagem de Maio de 57)

A voz de Herriot

«...Vamos encontrar «monsieur le president» no seu gabinete de trabalho. Lá fora cai a neve, uma neve branca, angustiosa, que dirse-ia ter evacuado Paris dos seus ultimos habitantes. As árvores dos jardins parecem de vidro e o pavilhão de Mansard, nas Tulherias, ergue-se desenhado a giz. Os candeeiros da Praça da Concórdia são como grandes lustres de cristal. Nas ruas há uma imobilidade cadavérica. Dir-se-ia que a vida parou. Aqui dentro, porém, o calor sufoca, congestivo. Herriot não se levanta. Encostado á sua mesa de trabalho, num vasto cadeirão verde, olha com certa curiosidade o intruso. E' o tipo do francês «moyen», tal qual os retratos o divulgaram: cabelos talhados á escova, pupila azul e sagaz, nariz cortado bruscamente, um tic nervoso, que lhe arrepanha a face esquerda, e um ar «debonaire», fácil e agradável. Procurámos o seu famoso cachimbo. Ei-lo. O presidente está, precisamente, despejando as cinzas na bandeja de um café forte antigripal. E' que, por vezes, tem fluxos de tosse, que sacodem o seu enorme cavername físico — cerca de setenta e cinco anos saudáveis, como os de um rachador de lenha, em plena floresta política. A sua mesa de trabalho é um oceano de papéis — leis, decretos, tratados.

Desistiu de encher o cachimbo. Não tem tabaco. Pressente-se que o seu vício sofre. Procura, nos bolsos, e encontra um «paquet» de «caporal jaune», que nos oferece.

—Merci, monsieur le president!

... ...

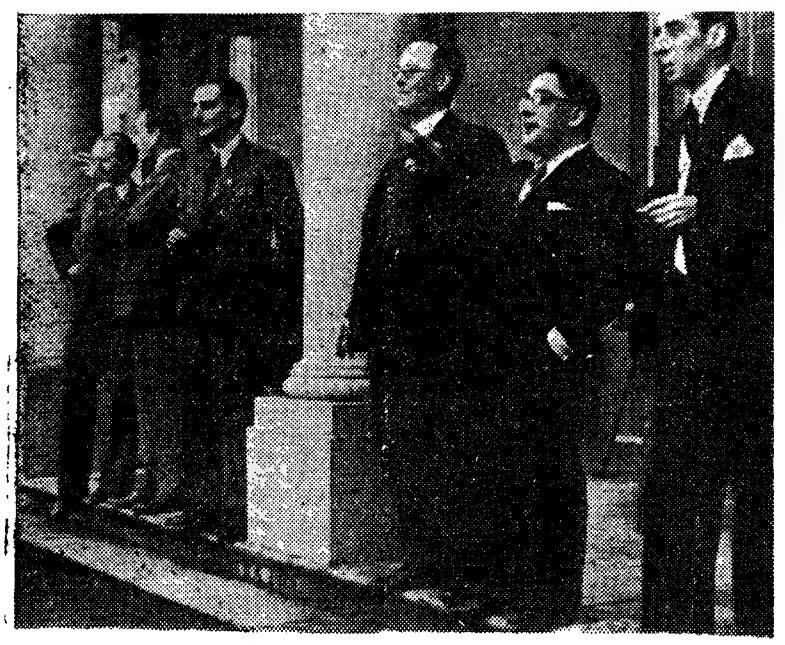
Herriot olha-nos paternalmente. Em frente deste grande homem estamos á vontade. Tem um sentido íntimo, familiar, de relacionar as almas. Mas já a sua voz vibra, mais alta, afirmando:

—Portugal guarda um carácter de civilização superior, sensível até nos seus filhos mais humildes.

... ...

—Mais uma vez nos encontramos em guerra. Qual a razão? Por acaso desejamos quaisquer terras, quaisquer riquezas? Não, decerto! Pegámos em armas, com os Ingleses, para defender estes princípios que são também os vossos: a dignidade humana, a liberdade.

(3-2-1940)



INGLATERRA: «Uma cidade não vale, apenas, pelos seus muros, mas pelo valor da sua população — afirmou há pouco Jorge VI, exaltando Londres. E assim é, de facto. Nem o ferro nem o fogo a dominam, por maiores que sejam as suas minas. Nobre, heroica, inabalável no seu orgulho e na sua decisão, ela esconde as feridas para melhor sorrir, numa dignidade e numa resistência que transcendem todos os exemplos da História. Combate na primeira linha, sem soltar um apelo de clemência, repudiando-o, até, como a ultima afronta ao seu carácter». (De um artigo de fundo do «Mundo Gráfico» — 1940)

OS NOSSOS CO

Toda a manhã se ouviu o ribombar surdo da artilharia. Parecia uma trovoada seca de verão, que a distancia abafava. A aldeia ficara meio deserta, mas ainda havia gente na estrada, sobretudo mulheres e crianças, que á pressa, emigravam para Leste, sobre carros enormes, carregados de trouxas, móveis desirmanados, sacos de trigo que os cavalos, de patas largas e ressonantes, puxavam, vigorosamente, como se o nervosismo humano tivesse contagiado os animais. Outros seguiam a pé, numa longa fila, os velhos e os animais de estábulo á frente, muito juntos á berma do caminho, para que as colunas motorizadas, que vinham da base, tivessem espaço livre. Os tanques rolavam, pesados e compactos, nas suas carapaças de aço, com uma bandeirola vermelha, as cupulas fechadas e o canhão luzidio, como focinho de lobo, apontado para o horizonte.

Estava uma manhã triste, de um cinzento de ardosia. O ventre das nuvens como que se pegava á terra, onde o trigo já fora cortado. A norte da aldeia, sobre um cabeço, denso de abetos, um bloco de artilharia varejava o inimigo. Golpes de luz dardejavam da espessura, e os fugitivos sentiam sobre as suas cabeças, que, instintivamente, vergavam, o sibilar das granadas que iam explodir na linha do rio, coberta de canaviais, que o invasor, desde a véspera, tentava passar em força.

Os camponeses olhavam, como uma luz que desaparece, para aquela terra que tinham semeado.

Voltariam? Ficava ali o seu sangue que fecundara as messes loiras, renovadas como gerações humanas. Era a sua mãe sagrada pelo pão e o trabalho milenários.

Um velho, tropego, curvou-se, e, enterrando as mãos no solo humido e avermelhado, arrancou um punhado de terra. Sem que ninguém o visse, beijou-a, sentindo na boca o sabor ácido e vivo do humus encharcado pelo orvalho da madrugada.

As casas brancas da aldeia já ficavam distantes na luz embaciada e suja da manhã. Os fugitivos iam acabrunhados. As pegadas na lama da estrada, não tardariam a desaparecer, sob as chuvas do Outono, apagando para sempre o caminho do regresso.

Potentes, resfolgantes, passavam os tanques, flanqueados de onde em onde pelo voo rápido e rasante das motocicletas armadas, com os metralhadores vestidos de couro, sem blante rígido, cruel, retesado pelo nervosismo da luta próxima e do frio com que o vento lhes chicoteava as carnes.

O resto seguia invisível! Mais lentos ou mais rápidos, os paquidermes de aço, densos de fogo concentrado, avançavam na estrada como uma serpente acizentada nua, no seu temeroso mecanismo.

E nem um grito, uma saudação, um farrapo de cantiga, esvoaçando ao vento, que brotasse de um dos queles carros de camponeses, tão pesados e vagarosos. Havia naquela caudalosa massa humana uma resignação triste.

A guerra chegara!

A gigantesca organização da C.U.F.

erguida pelo esforço de um homem excepcional

representa meio século ao serviço do País

e de prosperidade para a economia nacional

Na margem Sul do Tejo, onde o rio majestoso se espraia na amplitude do seu imponente estuário, ergueu-se, pelo notável esforço de um homem de larga visão e arrojadas iniciativas, um grande industrial português, aquela vila-cidade, trepidante de energias fecundas que é hoje o Barreiro e cuja industrialização trouxe os mais largos benefícios materiais e um notável surto de progresso a reflectir-se profundamente na economia nacional.

Ali na risonha e laboriosa vila sobranceira ao Tejo, diante de Lisboa situa-se o maior, o mais amplo e complexo aglomerado industrial do País — as gigantescas instalações da Companhia União Fabril, que abrangem uma área de cerca de 2.145.000 metros quadrados. Inclui esse notável conjunto — verdadeira Babilónia de industrias florescentes, onde trabalham cerca de dez mil pessoas — a parte fabril, pròpriamente, que ocupa 650.000 metros quadrados e é constituida por fábricas, oficinas, armazéns de matérias-primas e produtos fabricados, arruamentos, parques, docas e cais; uma parte social, que alastra por cerca de 140.000 metros quadrados, constituida por centros educativos, refeitórios, creches, parques desportivos e bairros operários; uma parte livre, destinada á expansão fabril com cerca de 900.000 metros quadrados, uma área livre, destinada á expansão de actividades sociais, com cerca de 210 mil metros quadrados, e ainda uma área de cerca de 245.000 metros quadrados, sem destino ainda fixado.

Nesta imensidade circulam comboios privativos da grande empresa, transportes rodoviários, de todos os tamanhos e para todos os fins. E, numa visita ás suas instalações, percorrem-se quilómetros e chega-se extenuado, ao cabo de um dia de intenso movimento, sem que tudo tenha sido visitado.

Como surgiu o grande centro fabril do Barreiro

As instalações no Barreiro começaram em 1907, quando, em 18 de Agosto daquele ano, principiou a construção da primeira unidade fabril, a qual iria entrar em actividade um ano mais tarde, exactamente em 19 de Setembro de 1908.

Foi neste dia que a Fábrica de Extracção de Azeite do Bagaço começou a produzir, iniciando-se assim a obra industrial mais importante de Portugal. A partir de então, a Companhia União Fabril desenvolveu uma actividade extraordinária e, no espaço de cinquenta anos, construiu-se no Barreiro o mais poderoso e complexo conjunto de actividades industriais do País, que o colocam a par dos mais importantes similares da Europa. A toda esta grandeza está, desde a primeira hora, ligado o nome de Alfredo da Silva, um homem extraordinàriamente inteligente, grande de mais, de horizontes largos e de uma audácia própria dos iluminados e dos eleitos.

Poucos acreditavam na vitória de quem saltava por cima da rotina, procurando levantar uma coisa quase desconhecida — a industria nacional.

Ao entrar para a Companhia União Fabril, Alfredo da Silva prestou um serviço inestimável ao País, á industria e ao operariado, que, então, não o compreendeu, nem aos seus sentimentos patrióticos e altruistas.

Grande, em toda a acepção e no autêntico significado da palavra, ele produziu uma obra perlurável e, a todos os títulos, notável e grandiosa. Vítima, como todos os grandes homens, de ódios mesquinhos, alvo de constantes atentados, contudo Alfredo da Silva não se atemorizou e prosseguiu, serena e corajosamente, na sua obra e no

D. MANUEL DE MELLO

seu objectivo: ser util ao País e á grei — toda a razão do seu ser, do seu eu, da sua preciosa existência.

Só depois da morte — ironia do destino! — e muitos anos após, se costuma prestar justiça a quem é devida e a merece. Todavia — e por significativa excepção —, ainda em vida, Alfredo da Silva foi compreendido pela comunidade — por toda a Nação. Era um grande homem!

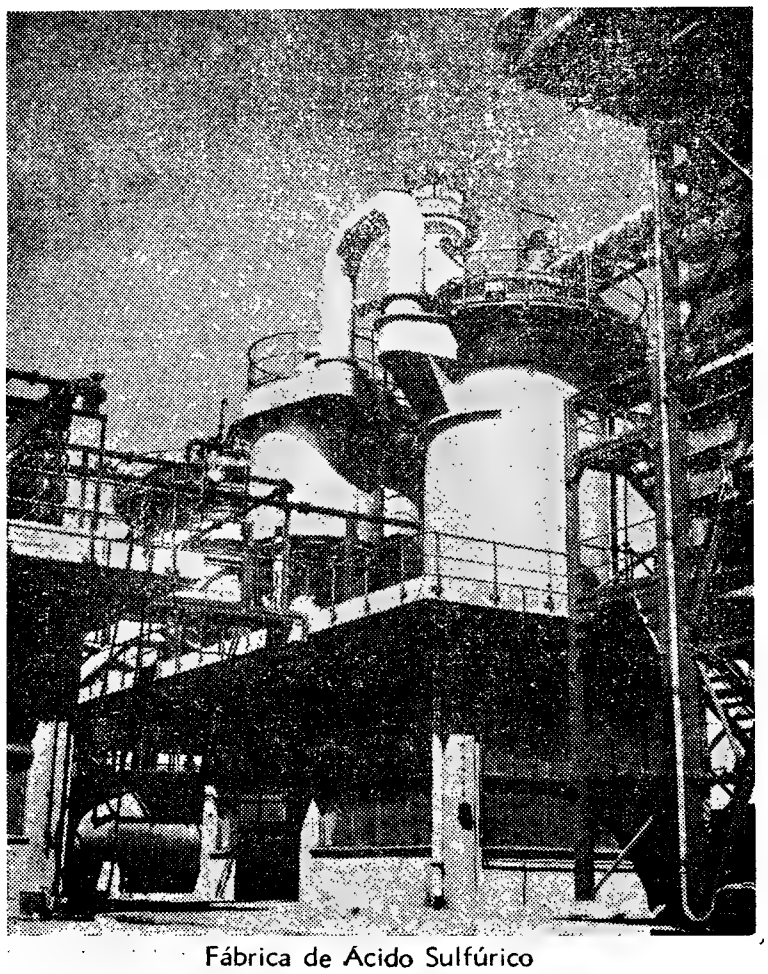
Pode-se dizer, sem receio de errar ou deformar a realidade, que foi ele, e só ele, quem colocou a primeira pedra no edifício industrial nesta Pátria de eleição.

Pondo no seu devido lugar uma acção, notável, inesquecível e imorredoira, de um homem que foi extraordinàriamente grande, é natural que nos voltemos para o presente, prestando sentida homenagem, também muito justa, aos actuais dirigentes da Companhia União Fabril, os quais tão bem, sabem continuar rectilineamente a linha inspirada por aquele que, oportunamente, lançou os alicerces de uma grande empresa de larga projecção, tão nítida e universal.

Realmente, não seria justo que se esquecesse a multiplicidade desdobrante, reflexiva e constante, em inumeras, diferentes e importantes actividades, dos srs. D. Manuel de Melo, dr. Jorge de Melo e José Manuel de Melo, seus ilustres e esclarecidos continuadores — continuadores, de alto brilhantismo, grande relevo e absoluta dignidade, de uma obra de vulto e de quem tanto e tanto mereceu e contribuiu para o prestígio industrial da nossa terra. E têm tido, da parte dos seus colegas da administração, uma colaboração plena de entusiasmo, de dedicação e proficiência, para prosseguimento de uma obra notável, em constante ascenção.

A direcção das fábricas do Barreiro pertenceu, de início, pràticamente, a técnicos estrangeiros, en-

(Continua na página central)



Fábrica de Ácido Sulfúrico

O grande industrial Alfredo da Silva

Alfredo da Silva foi um homem excepcional, de rara envergadura, que ergueu a mais poderosa, a mais vasta e produtiva organização industrial do País. Com o seu rasgado espirito de iniciativa, a sua inteligência, a sua dinamica energia, a sua acção positiva, mas tocado de sonho, ele foi, sem sombra de exagero e com inteira justiça, um dos artífices do progresso, no ciclo renovador da industrialização em Portugal, que tanto tem contribuido para a prosperidade da economia nacional, reflectindo-se a sua obra, no plano social, em benefícios para as classes trabalhadoras, de efeitos imediatos na elevação do seu nivel de vida, além de uma eficiente assistência em vários planos, incluindo a acção pedagógica, de protecção e educação infantis.

Com a invulgar estatura desses homens excepcionais, predestinados para grandes cometimentos, logo no começo da sua vida de trabalho revelou os méritos e as extraordinárias capacidades, a par de uma vincada e inconfundivel personalidade, consciente do seu destino, das suas possibilidades, do seu valor — tudo isso que fez de Alfredo da Silva uma figura de enormes proporções na galeria, aliás não muito vasta, dos valores eminentes aos quais a Nação muito deve pelo seu fecundo labor.

Nasceu o grande industrial em Lisboa, a 30 de Junho de 1871, e morreu em Sintra a 22 de Agosto de 1942. Fez-se á sua custa, com decidida e persistente vontade de triunfar na vida, mas, também, com a aspiração de rasgar mais dilatados horizontes onde coubesse aquele novo mundo de gigantescas organizações fabris que os seus arrojados planos arquitectavam e nos quais se polarizaram os seus sonhos e anseios da juventude, consagrada ao trabalho e ao estudo, que, nos momentos roubados ao repouso, lhe permitiram tirar o curso do Instituto Industrial e Cmercial de Lisboa, ao mesmo tempo que exercia a sua actividade como modesto empregado da Casa Burnay. A sua entrada para a comissão liquidatária do Banco Lusitano marcou logo uma etapa decisiva da sua existência, pois, graças á acção enérgica e inteligente de Alfredo da Silva, foram salvos integralmente, os bens dos credores e ainda grande parte do capital dos accionistas. Uma importante organização industrial, a Companhia Aliança Fabril, atravessava um período grave, que ameaçava a derrocada. Entrando para a sua administração, Alfredo da Silva, dando-se por inteiro a essa tarefa suprema, desenvolvendo espantosa actividade, com sensata e judiciosa orientação, conseguiu não só salval a debilitante empresa, mas insuflar-lhe nova vida, e assim a Companhia Aliança Fabril, numa renovação florescente, fundiu-se com a Companhia União Fabril. Estava arquitectada uma parte do seu ousado sonho, com a realidade positiva e promissora da C. U. F., que havia de tornar-se na gigantesca organização industrial, fonte de progresso e opulência, empório de actividades das mais fecundas no País.

Limitando-se, a princípio, essa empresa ás fábricas de sabões e velas de estearina, foi-se desenvolvendo e ampliando de forma notável, multiplicando-se novas fábricas em Lisboa, no Porto, no Barreiro, fulcro da imensa organização, que assim se tornou na «cidade industrital»; em Alferrarede e Mirandela, abrangendo a sua acção outras importantes e vastas zonas do País.

Alfredo da Silva, com a sua larga visão das realidades projectando-se no futuro, não se confinava, porém, aos êxitos dessa já tfa ampla organização industrial. Assim, procurando libertar a lavoura dos pesados encargos com as importações, tomou a iniciativa de construir uma fábrica de adubos químicos no Barreiro, onde, aliás, em 1908, já se produziam superfosfatos. Depois, foram os notáveis empreendimentos, que, partindo do desenvolvimento do conjunto fabril naquela vila da margem sul do Tejo, originaram novas industrias, tais como de tecelagem e fiação de juta, sulfato de cobre, ferro, ácidos, além da fundição e grandes oficinas de caldeiraria.

Tendo fundado em 1919 a Sociedade Geral de Comércio, Industria e Transportes, empresa armadora de navios, que deu novo impulso á Marinha Mercante Nacional, com carreiras normais de comércio para o Norte da Europa, as Américas e o Ultramar, tomou de arrendamento, em 1919, os estaleiros navais da Administração do Porto de Lisboa, que, pelas suas mãos, entrou numa era de progresso e inovação, ali se começando a construir, em Portu-

(Continua na página seguinte)

A vasta obra realizada no concelho do Seixal

traduz-se por valiosos melhoramentos

e o plano de actividade para o corrente ano

inclui realizações para a solução de importantes problemas

Um dos concelhos do distrito de Setubal mais prósperos e progressivos, onde se acentua um surto notável de realizações, com amplo espírito renovador, em constante desenvolvimento, é o do Seixal, que, há quase vinte anos, tem á frente do seu Municipio um homem activo, dinamico, empreendedor, com profundo conhecimento do complexo conjunto dos problemas administrativos, partilhando dos anseios e aspirações comuns, e a quem se deve a obra valiosa ali realizada.

O sr. Cosme Narciso Lopes, hoje o decano dos presidentes das Camaras Municipais do distrito, é uma figura de prestigio, espírito desempoeirado, inteligente e culto e um orador fluente, solicitado, muitas vezes, para discursar em cerimónias oficiais ou em nome dos seus colegas das edilidades concelhias, pois, falando com elegancia, os seus reptos oratórios atingem a eloquência sem ofuscarem a objectividade realista quando o objectivo da oratória são os grandes problemas da colectividade.

Considerado em todo o distrito, com uma obra que fala das suas grandes possibilidades, das suas iniciativas, da sua capacidade realizadora, muito esperam ainda da sua produtiva acção não só os inumeros amigos com os seus dedicados admiradores. Homem de direcção e de gabinete, revela-se sempre comprensivo, franco e generoso, cativante no trato, arrebatado, mas sem violências, dedica-se ao estudo de todos os problemas com o máximo interesse e profunda reflexão, de modo a resolver judiciosamente, em espírito de equidade, os casos mais complicados sem atritos ou conflitos e sem prejudicar quem quer que seja. Procurando sempre ajudar o próximo e praticar o bem, exerce as suas funções sujeitando-se á lei sem deixar de servir o coração, por isso a rectidão não exclui tolerancia, e pode orgulhar-se de cumprir sem praticar atropelos ou injustiças. A sua obra e a norma de conduta, que merecem aplausos unanimes, colocam o sr. Cosme Narciso Lopes num plano de grande relevo e justificam as esperanças do povo do laborioso e progressivo concelho num futuro cada vez melhor, propício á realização das suas mais caras aspirações, em parte já concretizadas graças ao esforço e á inexcedivel dedicação do presidente da Camara Municipal.

Vinte anos de acção administrativa

Numa larga conversa com o sr. Cosme Narciso Lopes, que nos recebeu amávelmente no seu gabinete da presidência do Municipio, falou nos seus quase vinte anos de actividade em prol do concelho, longo período de trabalho produtivo, durante o qual teve de vencer algumas contrariedades, mas alcançando, também, importantes triunfos em todos os sectores onde a sua acção se fez sentir.

Falou-se de tudo que interessa ao concelho do Seixal, dos seus anseios, das suas reivindicações, dos melhoramentos que já usufrui e das largas iniciativas planeadas, já em curso ou prestes a efectivarem-se. E, para uma melhor concretização dos vários problemas e seus objectivos, o presidente da Camara expôs-nos o plano de actividades para o corrente ano, organizado em harmonia com as disposições do *Código Administrativo* e que será submetido á apreciação dos conselheiros municipais —. Embora isto desagrade a alguns que possivelmente não vivam os problemas do concelho com aquela independência e a profunda atenção que seria de desejar! — como comentou o sr. Cosme Narciso Lopes.

Manifesta o presidente da edilidade a sua confiança na frutuosa orientação que, há quase duas décadas, vem sendo imprimida ao exercício camarário, a qual, como diz, tem beneficiado da colaboração de quantos directamente nela intervêm, acentuando a confiança usufruida, desde a primeira hora, pelos conselheiros municipais.

Definindo a sua linha de conduta, apontando realizações que têm fomentado o evidente progresso no conselho, nos ultimos anos, sem deixar de se referir a inevitáveis deficiências mas aceitando alvitres e sugestões, mas repudiando insinuações despropositadas, aduz razões que justificam a continuidade inalterável dos mesmos princípios, sem se furtar a reparos correctos e á crítica construtiva:

«Admito — diz — não ser louvável repudiar-se por princípio, o mundo de ideias estranhas ás nossas, que tendam, quando de boa fé, a querer impor ou sugerir melhor orientação no sentido de se conseguir, no campo das realizações possíveis e práticas, maior e melhor futuro, mórmente se elas vêm comprovadamente filtradas por sentimentos nobres que interessa sobremaneira ao bem comum e ainda autenticados por um conhecimento profundo de todo e qualquer problema. Se assim fosse, não hesitariamos sequer em dar a cada um dos seus mentores todo o acolhimento correspondente, uma vez que o trabalho se avoluma cada vez mais, na medida em que escasseia o numero de pessoas sumamente interessadas em colaborar, com aquela isenção desejável, e a finalidade por todos pretendida».

A Siderurgia Nacional e a indústria corticeira

Entramos depois nos grandes problemas locais, cuja importancia se reflecte nos interesses gerais e na economia nacional:

— Hoje, precisamente, está o concelho do Seixal em vésperas de duas metamorfoses, requerendo qualquer delas um trabalho de estudo adequado e bastante meticuloso, onde as melhores boas vontades poderiam assentar arraiais no campo das sugestões construtivas, embora essa situação que se avizinha se preste, igualmente, aos mais imaginativos, mas não menos irreflectidos, para encontrarem o clima propício ás suas sempre tão desejadas especulações negativas. Não surgirá, como sempre acontece, colaboração construtiva e sincera, exposta claramente á luz do dia com bom senso e trabalho efectivo, que pretenda com intenções louváveis passar além do comentário fácil. E' mais natural que continue a aparecer, como até aqui, quem pretenda sabotar á luz da noite a preparação ou execução das próprias realizações cuja indispensabilidade ou urgência encareceram antes, mais por propaganda inconfessada que por interesse colectivo.

«As duas metamorfoses a que aludo — prossegue o sr. Cosme Narciso Lopes — estão representadas na fixação da Siderurgia Nacional, por um lado, e na gravissima crise da industria corticeira, por outro, actividade esta onde, até hoje, tem estado fixada a base principal de toda a nossa economia. Infelizmente, parece-nos que já não podemos dar á vinda da Siderurgia Nacional aquela interpretação por todos desejada. Isso que, afinal, reputávamos como um reforço desejável para robustecer a nossa economia existente e admitida como estabilizada, já não se reveste, mau grado nosso, de essa caracteristica, para surgir antes como um amparo providencial — e ainda bem! — embora não seja fácil saber-se, neste momento, em que extensão e quando ele se fará sentir, tanto em trabalho como em rendimento municipal, nem mesmo avaliar dos encargos que uma industria como essa forçosamente arrastará consigo, mórmente na sua fase inicial. Em presença destas realidades é que as questões da vida do concelho deviam ser ponderadas, tanto no que respeita á sua conservação, como no que se refere á sua expansão, sempre tão legitimamente desejada por todas as partes que a discutem, sem olharmos agora ao aspecto intrínseco que as anima. E' precisamente em face dessas mesmas realidades que me parece oportuno voltar a reafirmar que toda a orientação administrativa trazida até os dias de hoje não só se me afigura totalmente acertada como inclusivamente se excedeu a si própria em previsões providenciais, uma vez que se mostra á altura de enfrentar, por si mesma, qualquer situação transitória em vias de operar-se e que os anais da terra necessáriamente hão-de registar como o período histórico mais complexo de toda a sua vida, pois que, se se não trata de um desmoronamento altamente substancial de toda a industria corticeira, é fora de duvida que se está a operar nela considerável redução do seu valor económico, o qual periga já parte importantissima dos nossos agregados familiares, colocando-nos, a par desse gravissimo problema social, em situação bastante problemática quanto ao equilibrio das nossas próprias finanças.

«Felizmente que o concelho, na sua parte administrativa, soube equacionar a tempo e bem todos os seus problemas considerados vitais, não só para robustecimento da sua própria economia como para o bem estar do povo, tendo-me sempre merecido cuidado especial o sentido de prioridade na execução das obras, especialmente daquelas que se me afiguravam de maior urgência e estivessem na razão directa das mais prementes necessidades humanas sem atender se elas se situavam ou não fora da sede do concelho».

COSME NARCISO LOPES
Presidente da Camara Municipal do Seixal

As finanças municipais

Sobre a situação financeira do Município, diz o presidente:

—A Camara do Seixal desfruta hoje de uma situação desafogada, precisamente por ter realizado a tempo quase todos os seus melhoramentos vitais e ter sabido aproveitar-se, na altura própria, de todas as facilidades que o Estado então concedia, furtando-se assim a tempos dificeis que já se anteviam e estão hoje patentes aos olhos de todos. Mas, mesmo com todos estes factores em evidência, não duvido ainda que a administração da Camara, baseada em outro critério orientador pudesse ter tomado outro curso para atingir, nesta altura, posição diferente, talvez melhor. Contudo, diz-nos a experiência da vida que, em mero campo de hipóteses, ainda são os factos que fazem a melhor lei e esses, na presente conjuntura, só podem abonar os princípios aplicados, visto termos sabido acautelar, em autêntico potencial de tesouraria, tudo aquilo que não interessou jogar á toa no complicado xadrez do económico.

«Felizmente que, em favor dessa posição, muito contribuiu o sacrifício deste bom povo do concelho, q u a n d o pacientemente esperava pela execução de certos melhoramentos que colidiam com o seu conforto, mas que considerados na sua essência, como gastos passivos, houve conveniência em retardá-los para atender a outros em primeiro lugar susceptíveis de rendimento, e poder com, a aplicação deste, arrumar então aqueles, tudo isso em razão de bons princípios administrativos que não podemos nem devemos abandonar».

Obras realizadas e grandes projectos futuros

Justificada já a sua administração, cuja continuidade no mesmo rumo se impõe ainda, «fixando-se agora a vida do conselho num ponto confluente de incertezas», pois esse sistema, «que já deu os seus frutos, mostra-se capaz de continuar a garantir o progresso do concelho, a passo lento mas firme». E, em reforço das suas afirmações, o presidente do Município aponta os factos justificativos do primeiro grande ciclo de melhoramentos inaugurados em 1950:

Melhoramentos publicos (1940-1950) — Aguas: abastecimento Seixal-Arrentela-Torre, 3.047 contos. *Esgotos:* saneamento do Seixal, 800 contos; Arrentela, 200; Torre da Marinha, 114; Amora de Cima, 166 (total, 1,280 contos). *Pavimentação:* Seixal-Amora, 345; Torre da Marinha, 119; estrada da Amora, 925; Lavadouro em Paio Pires 123, edifício para repartições publicas, 90; levantamento aerofotométrico, 62 (total, 5.991 contos).

Segundo ciclo de melhoramentos (1951-1959), parte já executada — *Aguas:* abastecimento ás povoações e lugares de Amora Zona Alta e Zona Baixa—Muxito—Cheira Ventos —Santa Marta—Corroios—Foros de Amora—Fogueteiro—Estrada Torre—Paio Pires—Estrada Paio Pires —Santo António—Bairro Novo ao Vale da Romeira, 4.000 contos. *Esgotos:* saneamento das povoações de Amora de Baixo—Cruz de Pau—Paio Pires—Corroios, 421. *Pavimentações:* Amora, 547; Paio Pires, 408; Corroios, 68; Seixal, 560 (total, 1.568). *Estradas:* Foros de Amora, 348, e estação dos caminhos de ferro do Seixal, 110. *Obras diversas*— Escolas (Plano dos Centenários): Fernão Ferro—Torre da Marinha— Amora, 500; quota-parte no Mercado da Arrentela, 40; cemitério do Seixal, 298; cantinas escolares e Comissão Municipal de Assistência, 500; contadores, 850; edifício, para instalação da Camara, 400, e grandes reparações, 200; *jeep* e atrelados, 230; motociclos, 30 (total, 9.495 contos).

O encerramento do segundo ciclo de melhoramentos, previsto para o próximo ano, aguarda apenas, consoante revela o presidente da Camara, a realização de outras obras, entre as quais avulta a do Matadouro Municipal, melhoramento indispensável e cuja importancia se torna desnecessário encarecer.

—Para efeitos da sua imediata execução — diz o sr. Cosme Narciso Lopes—, aguardamos que as entidades superiores nos devolvam devidamente aprovado o projecto respectivo, cujo valor em orçamento e com todos os apetrechos incluídos, monta a 3.000 contos, verba que só foi possível acautelar em disponibilidade, por força do apontado critério administrativo».

E, com a execução desse e de outros melhoramentos, e bem assim com os arranjos das freguesias de Amora e Paio Pires, aos quais se está a proceder, incluindo trabalhos de ajardinamento, toponimia e iluminação, extensivos a Arrentela e parte do Seixal, fecha-se um ciclo notável de grandes realizações, que ficará na História desta terra laboriosa e progressiva.

A urbanização e o problema habitacional

Seguir-se-á a terceira grande fase de melhoramentos publicos, assim delineada pelo presidente do Município:

—Essa terceira fase, que deve contar a partir de 1961, é a consequência lógica das duas primeiras, mas bastante mais trabalhosa e complicada, no capítulo preparação, por obrigar ao entrechoque de opiniões e interesses, que é ao fim e ao cabo onde existem os maiores fulcros da contradição humana.

Não é necessário ser profeta para prever tudo isso; basta afirmar que toda essa fase decorrerá na base total do problema *urbanistico do concelho* e terá por finalidade não só a resolução do grande *problema habitacional*, que é hoje um dos grandes problemas a acorrentar o Mundo inteiro, como, também e muito principalmente, terá de acautelar-se a escolha das novas áreas onde devem fixar-se em todas as freguesias os novos nucleos residenciais.

«Da extensão dessa terceira fase basta citar que a mesma prevê, em nomenclatura, tudo quanto se tem feito até hoje: *saneamento, águas, pavimentações, electrificação, escolas,* etc. Se juntarmos a tudo isso a vasta obra que a questão habitacional prevê e impõe, por si mesma, já se poderá fazer uma ideia de como tudo isso é amplo e complexo falando apenas da parte mais fácil, pois no que respeita a *expropriações de terrenos,* a custo compatível com a obra de fazer e com vista a rendas económicas, nem sequer temos ainda a menor noção, tanto em gastos como em demoras, de quanto isso representará. Cito apenas para termo de comparação, e mesmo assim em condições não ajustadas ao problema habitacional, o caso da expropriação do *terreno para o cemitério do Seixal,* que em demora e preço, ainda em discussão no tribunal, não nos oferece assim á primeira vista perspectivas risonhas. Mas, o grande futuro só a Deus pertence».

Os vastos planos de realizações para o exercicio actual reclamam uma estrutura organica, com as suas ramificações técnicas, para a solução de multiplos e complicados problemas que hão-de surgir, relacionados aos grandes interesses em curso, impondo, por exemplo, a necessidade da criação de um Gabinete de Serviços Técnicos e Urbanização. E' nesse departamento, segundo o presidente da Camara, que, «á base de plantas fotogramétricas-planos e técnicos se terá de estudar, sob a orientação de um arquitecto, todo um mundo de coisas, que, em conjunto com os encargos que isso representa, já chegarão para nos saturar o espírito e encurtar a vida».

«Quanto á urbanização indiscriminada, isto é, autorizada sem plano de conjunto estudado e superiormente aprovado no sentido de fixar gentes para animar o comércio ou de valorizar terrenos para auto-satisfação dos pseudo-interessados no desenvolvimento do concelho, não creio que estejamos chegando tarde, visto que, na medida do possível, foram dadas bastantes facilidades de construção onde as circunstancias permitiam, o que aliás se comprova pelas inumeras edificações dispersas pelo concelho, feitas quase todas agora com três e quatro pisos, critério esse que nos tem custado severos reparos, por parte das instancias superiores e não interessa agora circunstanciar».

Encarando no aspecto realista, o problema habitacional, para a solução requerido consoante as suas exigências sociais, afirma o sr. Cosme Narciso Lopes:

— Que não é problema fácil todos o sabem. Mas, precisamente por isso, é que cada um, em seu sector, devia dar a sua melhor achega para o encaminhar na solução desejável, não se compadecendo esta com expectativas, espasmódicas é certo, nem tão-pouco com delírios faustosos de construções que todos gostam, por empolgar o olhar, mas que, na sua maioria, só servem para agravar o problema pela promiscuidade que proporcionam e até pelos encargos que criam ao agregado, cuja economia comprometem.

«A Camara do eSixal, nas zonas que tem em vista urbanizar e constam dos planos do Seixal, de Amo-

(Continua na 24.ª página)

O concelho do Barreiro

em constante progresso e transformação

atravessa um periodo intenso de grandes e notáveis realizações

O populoso e activo concelho do Barreiro, com a vila progressiva e as suas multiplas actividades fabris, sem duvida, o mais importante aglomerado industrial ao Sul do Tejo e um plano de alto relevo no País, vive um período de grandes realizações, em permanente transformação, de amplo progresso em todos os aspectos. A esse surto renovador deve aliar-se a acção dinamica e inspirada do presidente da Camara Municipal, sr. eng. José Alfredo Garcia, tão compreensivo no que respeita ás aspirações do concelho e aos legítimos anseios dos seus habitantes.

Em face do vulto e da importancia da obra que ali vem desenvolvendo, tornava-se de flagrante actualidade uma esclarecedora troca de impressões com o presidente da edilidade barreirense. O sr. eng. José Alfredo Garcia aquiesceu prontamente, com requintes de cativante gentileza e consideração pelo «Diário de Lisboa», sempre atento a todos os problemas nacionais e aos interesses do publico.

Obras realizadas, em curso e projectadas

A nossa primeira pergunta visando, naturalmente, as prementes aspirações do concelho, logo o sr. eng. Garcia nos respondeu com toda a clareza:

— Uma das aspirações fundamentais é a da criação da Comarca do Barreiro! O respectivo pedido, que está em estudo, convenientemente elaborado e estruturado, será entregue ao Governo, dentro de dois meses.

Sobre as principais obras já concluídas, prontamente enumerou algumas de maior vulto:

— Pavimentos, uma rede de esgotos e, iluminação publica da Rua Miguel Pais, agora a mais bem iluminada do Barreiro.

E quanto a outras em curso:

— Pensamos na ultimação dos esgotos no Lavradio, obras de urbanização e ajardinamento da Avenida Marginal Eng. Duarte Pacheco. Há, também, as obras do Mercado e de urbanização para acesso ao hospital.

Em relação aos seus vastos projectos, o sr. eng. Garcia, referiu-se a uma importante série de obras delineadas, em estudo ou idealizadas e em pensamento, incluídas um plano admirável de largo interesse e ampla visão administrativa, das quais salientou:

— A construção do Matadouro Municipal, cujo projecto foi entregue ás entidades competentes, aguardando, assim, aprovação superior para inicio dos respectivos trabalhos. Esta obra, importantíssima e tão necessária, está orçamentada em cerca de quatro mil contos. Com a sua edificação fica satisfeita outra das grandes aspirações concelhias e preenche-se mais uma lacuna. Completar o resto da pavimentação e a rede de esgotos do Bairro da Quinta da Lomba, serão realizações imediatas da Camara do Barreiro.

O problema da assistência

O problema da assistência, em todos os concelhos, é complicado e reveste-se de aspectos difíceis, embora se conjugue esforços para solucioná-lo no plano mais equitativo, conseguindo-se soluções parciais, subsistem as dificuldades em muitos dos seus aspectos fundamentais.

No concelho do Barreiro, a acção do presidente do Município, tem sido norteada pelo firme propósito de resolver as questões prementes, dela resultando uma obra valiosa, que, além de reverter em prol da assistência local, procura contribuir para a solução do problema na sua generalidade.

O sr. eng. Garcia elucida-nos sobre o que tem sido feito no Barreiro, neste plano dos interesses sociais:

— Em 1957 gastou a Camara com a assistência municipal a importante verba de 834 contos e em 1958 despendeu 1.071 contos, ou seja, um sexto das verbas do orçamento camarário gasto com a assistência. Ainda em 18 de Janeiro deste ano, foi inaugurado o hospital, apetrechado com todo o material necessário, do mais aperfeiçoado, 50 camas e os requisitos modernos e indispensáveis.

Turismo e estradas e o problema dos transportes

Outro problema de capital importancia para o Barreiro e a sua região é o turismo, numa zona de condições magnificas, tanto pela paisagem como pelos aspectos típicos e de constante renovação, num vento de progresso constante e fecundo.

Neste aspecto, os objectivos imediatos, segundo nos disse o sr. eng. Garcia, são a construção de obras e melhoramentos de atracção turística, na Avenida Marginal, na Quinta da Lomba e arranjos, em futuro próximo, de miradouros em locais convenientemente escolhidos, ante o imponente cenário do Tejo com impressiva panoramica de Lisboa, ao fundo.

Ao turismo liga-se, implicitamente, o problema das comunicações, em especial rodoviárias, servindo, também, e principalmente, os interesses económicos da região, assunto sobre o qual o nosso amável interlocutor nos presta esclarecimentos:

— Está projectado um caminho municipal, chamemos-lhe assim, que sirva a zona agrícola do Barreiro e que se relaciona com a que vai, ou, para melhor dizer, á que abrange Penalva, Cova de Coina e Coina. É uma obra que se impõe e de grande utilidade!

Em íntima correlação com as comunicações, surge outro problema transcendente, o dos transportes, e em especial os colectivos. Neste aspecto, impõe-se, também, a obra do Município, que, embora com pesados sacrifícios, estabeleceu a rede de transportes colectivos para todos os pontos do Barreiro. Com a realização desse melhoramento indispensável e de há muito solicitado, resolveu-se um problema capital, de interesse comum.

As longas caminhadas que o operário e o menos abastado tinham de percorrer, diáriamente, para as suas ocupações, são hoje desnecessárias. Todos têm transporte cómodo, barato e rápido para todos os pontos deste grande e progressivo centro industrial. Há ainda, contudo, alguns aspectos fundamentais que interessa esclarecer Deles nos fala o sr. presidente da Camara, com realismo e objectividade:

— O concelho, posso dizê-lo com orgulho, está hoje muito bem servido, no que respeita aos transportes. Isto quanto á responsabilidade camarária e dos seus dedicados servidores. Os transportes colectivos vão a todos os pontos do Barreiro, e com eles creio que se resolveu um importante problema. A população deve estar satisfeita, os visitantes e os que tenham de vir ao Barreiro também o devem estar, como estamos, eu e os meus colegas.

E o sr. eng. Garcia cita factos e aponta numeros expressivos:

— Os transportes colectivos conduzem, diáriamente, a todos os pontos do Barreiro, cerca de 12.000 passageiros, o que demonstra á evidência a utilidade e necessidade dos autocarros. Começando com cinco desses veículos, hoje já são dez, numero que aumentará em harmonia com o movimento e as necessidades. Com uma população numerosa, há que ter sempre em conta a sua oscilação para que todos tenham o seu lugar nos autocarros e cheguem a casa refeitos do esforço diário, nas oficinas e outras ocupações. Nas oficinas da C. P. trabalham 1.400 operários, 2.500 noutros departamentos; nas fábricas de cortiça mais de 1.000, na construção civil uns 1.500, não falando no numeroso pessoal da C. U. F. Atendendo ao enumerado, o problema do transporte tem de estar sempre presente, para ser, no momento preciso, alterado e solucionado em face das necessidades da população.

Os números exprimem realidades, anseios, aspirações e uma obra de vulto

Falámos, depois, da generalidade dos problemas do Barreiro, dos seus anseios, das suas aspirações, do seu constante desenvolvimento e da notável contribuição do laborioso concelho para a economia e o erário da Nação. Servindo-se ainda da sugestiva linguagem dos numeros, o nosso entrevistado aponta, por exemplo, o sucessivo aumento do consumo de energia eléctrica, sem contar o volume da que alimenta as grandes industrias locais.

— O consumo de energia eléctrica atingiu, em 1953, 369.750 quilovátios-hora. E temos as cifras respeitantes aos anos seguintes: 1954, 389.978; 1955, 436.890; 1956, 464.352; 1957, 536.926. Isto para a iluminação publica, particular e comercial, pois o consumo industrial não está incluido nos numeros mencionados. De ano para ano, tanto na iluminação publica, como no consumo particular e no do comércio, o consumo de energia aumentou, e de forma que se deve ter em consideração. Isto prova, axiomáticamente, que o concelho se expande, de ano para ano, sempre com novos anseios, mais altas aspirações, encarando o futuro com promissora confiança.

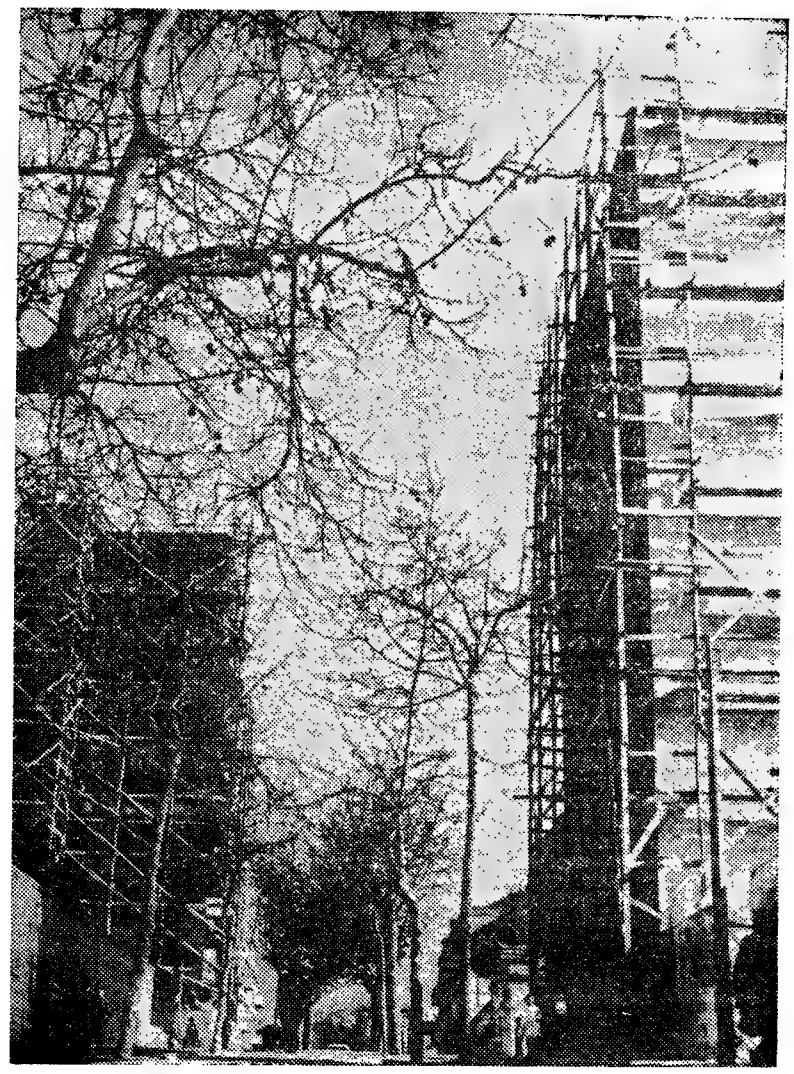
O presidente da edilidade continua a referir-se, com entusiasmo, ao desenvolvimento do Barreiro, acentuando a sua importancia, como dos principais concelhos que contribuem para a prosperidade comum, pois lhe pertence o 4.º lugar no País, quanto ao pagamento do imposto para o Fundo do Desemprego, á sua importancia fiscal, administrativa e, especialmente, como grande centro industrial. Faloure-nos, ainda na necessidade de criação de agências bancárias, de largo e premente interesse para o Barreiro, a sua industria e o seu comércio.

O abastecimento de águas merece também do presidente da Camara o máximo interesse e dedicação, e assim pela captação dos mananciais de Coina fica todo o concelho abastecido e com fornecimento aos domicilios.

Dois edifícios de grande projecção, com nove pisos, cada, estão em adiantada fase de construção, a par de outros empreendimentos notáveis.

Todos estes assuntos merecem do sr. eng. José Alfredo Garcia o melhor da sua atenção, do seu esforço, da sua inteligência, muito havendo a esperar da sua dinamica actividade ao serviço do concelho e das suas legítimas aspirações.

Inteira e merecida justiça se presta, colocando no devido lugar de grande relevo a acção de um homem que ao concelho do Barreiro, aos seus interesses e aos seus anseios, tem dedicado todo esse produtivo esforço. Desde a data da sua posse, o sr. eng. José Alfredo Garcia tem merecido a melhor gratidão dos seus munícipes, que envolve, também, os seus esforçados e não menos distintos colaboradores — todos trabalhando com o objectivo de justificar e engrandecer o laborioso e florescente concelho do Barreiro.



Dois prédios de nove pisos

Engenheiro José Alfredo Garcia, presidente da Camara Municipal do Barreiro

Joaquim F. Rocio & C.ª (Irmão)

Comércio de madeiras e todos os materiais de construção. Fábricas de Serração, Carpintaria Mecanica e Ceramica

Construtores civis. Obras publicas e particulares por empreitada e administração directa

Revendedores dos produtos Cimianto e cimento Secil. Agentes das tintas Dyrup

105, Rua Miguel Pais, 109

Telefones (**Sede 023018** ! **Ceramica 024942** **Barreiro**

A figura de Alfredo da Silva

(Continuação da página anterior)

gal, navios de aço. Fundou, também, a Tabaqueira e, á altura da sua morte, tinha em construção novas fábricas em Canas de Senhorim e Soure.

Foi, contudo, no Barreiro, onde ficou assinalada, com a perpeluidade do seu nome, a grande obra desse homem formidável, chamado Alfredo da Silva. Na «cidade industrial» por ele ali erguida, empregaram-se sete mil dos dezasseis mil operários que, no seu tempo, já trabalhavam na vasta e grandiosa organização industrial espalhada por todo o País.

Entre outros cargos, nos quais vincou, também, os seus raros méritos, exerceu as funções de vice-presidente do Conselho Superior Económico e vogal do Conselho Superoir da Marinha Mercante. Foi deputado, pelo Partido Regenerador Liberal, em 1906, e senador, em 1918, no tempo de Sidónio Pais; e, mais tarde, procurador á Camara Corporativa, fazendo parte da Secção das Industrias Químicas e Metalurgicas. Distinguido com a grã-cruz da Ordem do Mérito Industrial, foi alvo de expressivas homenagens. E uma delas, aquela que poderá simbolizar melhor o valor, a acção, a excepcional envergadura do grande industrial, será talvez a frase com que alguém vincou a sua perda: — «Se houvesse meia duzia de homens como Alfredo da Silva, Portugal, lançado no caminho da industrialização, seria um dos mais progressivos países da Europa moderna!»

O mais amplo e complexo aglomer
onde trabalham dez mil operários, constitui a "cid

(Continuação da 19.ª página)

tre os quais, pelo muito que fizeram, ainda hoje são recordados os nomes dos engenheiros franceses Stinville e Castéra.

Stinville, amigo pessoal de Alfredo da Silva, foi quem projectou as primeiras fábricas de ácido sulfúrico, superfosfatos e sulfato de cobre. A sua acção foi notabilíssima até 1927, e o seu nome ostenta-se numa das principais ruas de um dos bairros da C. U. F.

Desde essa data em diante, o difícil cargo foi sempre desempenhado por engenheiros portugueses, o primeiro dos quais Eduardo Madail, actualmente administrador da C. U. F., estando agora nessas funções o sr. eng. Ruy da Mota Guedes.

Citámos alguns nomes, entre muitos que estão ligados, por fortes e inquebrantáveis laços, á vida da C. U. F. no Barreiro. Enumerar todos eles seria pràticamente impossível, pois a companhia tem a rara felicidade de possuir centenas de autênticas dedicações — trabalhadores incansáveis, leais até o sacrifício e á morte.

A propósito, e oportunamente seja-nos permitida uma referência especial á admirável publicação, profusamente ilustrada, esclarecedora e elaborada com todo o cuidado e carinho e na qual se recordam, comemorando os 50 anos da C. U. F. do Barreiro, todos os seus dedicados servidores, não olhando a categorias, mas tendo em conta os seus méritos, a sua competência, a sua lealdade.

Desde o chefe de serviços ao mais humilde operário, tanto o empregado em actividade como o pensionista, nenhum é esquecido ou posto de lado, neste livro comemorativo da mais bela página da Industria Nacional.

Todos — absolutamente todos — que durante os 50 anos da C. U. F. do Barreiro lhe deram o melhor do seu esforço e da sua inteligência ali figuram. Não foram esquecidos, nem postergados na referida publicação, gràficamente impecável, impressa no melhor papel e de belo efeito artístico.

As principais indústrias do Barreiro

As principais industrias que conjugam a sua fecunda e larga actividade no Barreiro, em instalações e fábricas da C. U. F. são:

De ácido sulfúrico, cuja capacidade de produção ascende a 200.000 toneladas; de ácido clorídrico e sulfato de sódio, com a produção total, e também anualmente, de 5.600 e 6.000 toneladas, respectivamente; superfosfatos, com a produção, em igual tempo, de 600.000; sulfato de amónio, com o montante de 90.000; sulfato de cobre, com 18.000; cinzas de pirite, atingindo 190.000 e 2.000 de cobre; cobre electrolítico, 3.600; chumbo electrolítico, 300; farinha e óleo de mendobi, respectivamente, 34.000 e 40.000; enxofre, 12.500, 12.500, 15.000 e 5.600, divididos por enxofre moído, ventilado, sublimado e sal, sarjões, lonas e precintas de algodão e tapetes, alcatifas e industria metalo-mecanica, 2.500, 1.000, em rolos; sabão, 20.000; sulfureto de carbono, 2.000; industrias têxteis, 15.000, de fio de juta, e seus tecidos, sacos, fios e cordas de si-1.000, 150 e em estruturas metálicas, aço vasado, ferro fundido e não ferrosos.

DR. JORGE DE MELLO

Para movimentar esta gigantesca produção utilizam-se as seguintes matérias-primas: fosfarite, pirite, minérios de cobre, etc., como a seguir se verá.

Matérias-primas utilizadas e produtos fabricados

A fosforite, a pirite, os minérios de cobre, bagaço, sal, enxofre em bruto, aço laminado, lingotes e sucata, juta em rama, fios de lã, sisal e lã em rama, mancarra e ginguba, amoniaco, etc., são as matérias-primas utilizadas pelas fábricas do Barreiro, em ritmo certo e crescente.

Se de 1907/1917 a C. U. F. utilizou 300.000/350.000 toneladas de fosforite, de 1948/57 foram precisas 1.400.000!

O que sucedeu com o consumo de fosforite, verificou-se em relação ás restantes matérias-primas utilizadas.

Acentue-se que aumenta consideràvelmente, de ano para ano, a produção dos seguintes produtos: superfosfatos, ácido sulfúrico, sulfato de cobre, ácido clorídrico, sulfato de sódio anidro, carbonato de sódio, sulfato de ferro, cemento de cobre (C. U. F.), sabão «offenbach», sulfureto de carbono, enxofre, óleo de bagaço, parafusos, porcas e rebites, construção metálica, produção de fundição, farinha de amendoim, sulfato de amónio, «tourteaux», fios e tecido de juta, sacos e panos, sisal, etc.

O aumento desta produção, de forma considerável, demonstra que a C. U. F. do Barreiro tem desenvolvido uma acção meritória, sem par, durante estes 50 anos de triunfos consecutivos.

As unidades de produção de ácido sulfurico classificam-na no terceiro centro mais importante produtor da Europa; e a produção de tecido de juta é tal que, neste momento, figura já como a segunda mais importante da Europa!

O movimento do porto do Barreiro

O movimento do porto privativo das instalações do Barreiro atinge tal volume de tonelagem que o iguala ao de Leixões — o que prova eloquentemente a capacidade da C. U. F.

As estatisticas indicam que as cargas e descargas a bordo atingem, respectivamente, 155.000 e 88.000 toneladas. Cargas e descargas em terra (manual) sobem a 110.000 e 597.000 toneladas; e as mecanizadas somam sucessivamente, 40, 3 e 8, com transportes móveis, guindastes móveis e carregadeiras.

O tráfego fluvial anda por cerca de 180.000 toneladas.

Estes elementos, colhidos á pressa, demonstram, no entanto, a importancia da C. U. F. do Barreiro e quanto pesa na balança económica nacional.

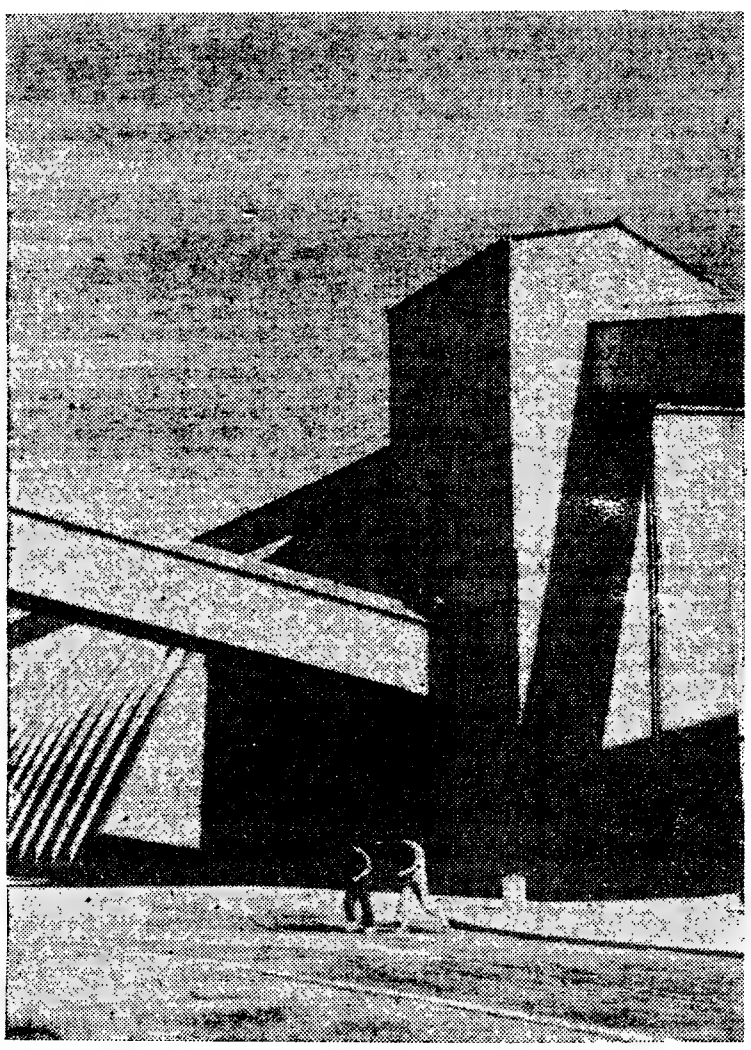
ENG. RUY DA MOTTA GUEDES
director desde Maio de 1956

Projecção da C.U.F. do Barreiro na economia nacional e no Mercado Comum

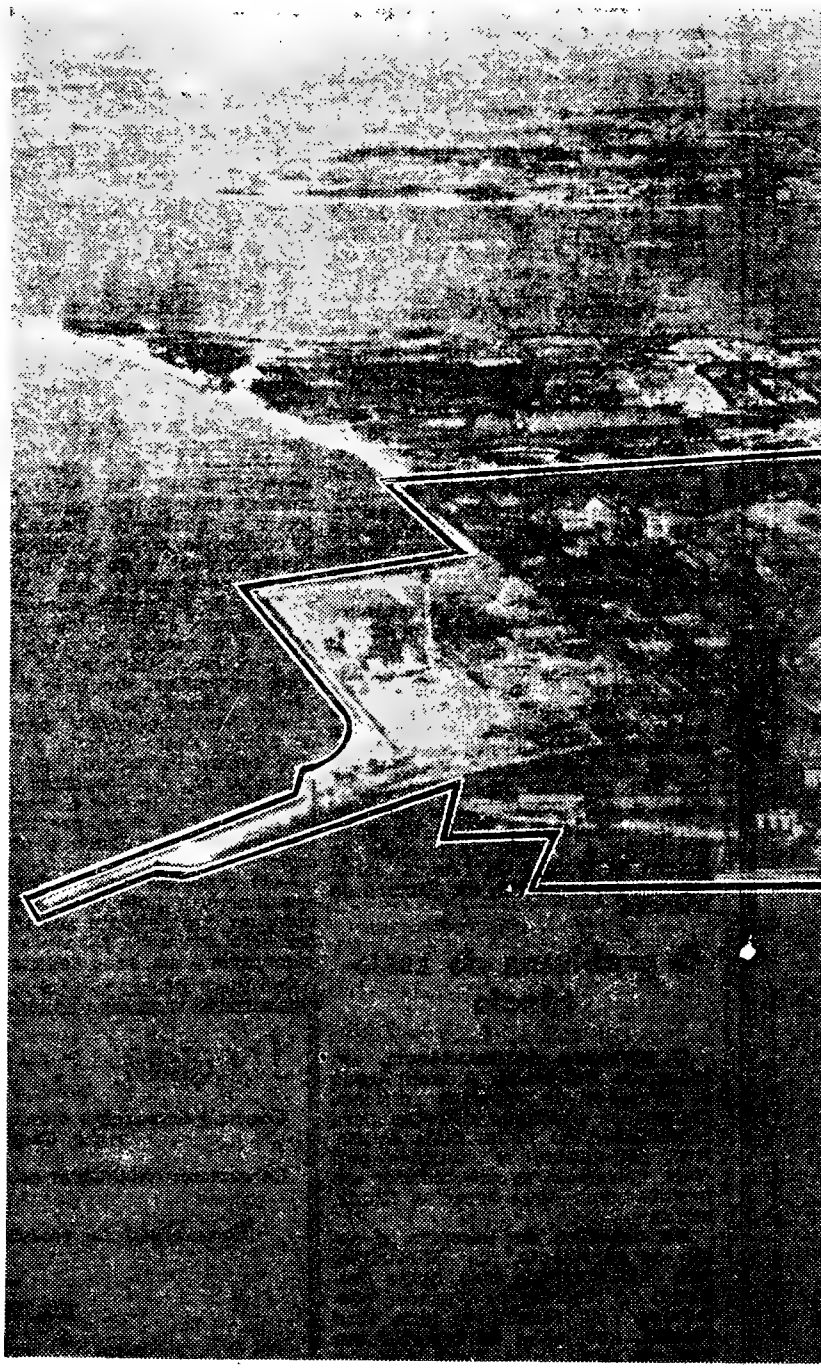
Conhecidos a importancia e o valor da organização excepcional que é a C
proj
cion
mum

Ef
tão
dust
nam
noss
buto
nom
que
ciosa
Com
liosa
tugu
ra a

Ob
co, t
têm
meti
ridos
e cl
etc.,
fica,
surg
tos e
traba
os d
vant



Fábrica de Sulfato de Amónio



Vista aérea c

nerado fabril do País
"cidade industrial" do Barreiro

GUEDES
1956

F. do
nomia
rcado

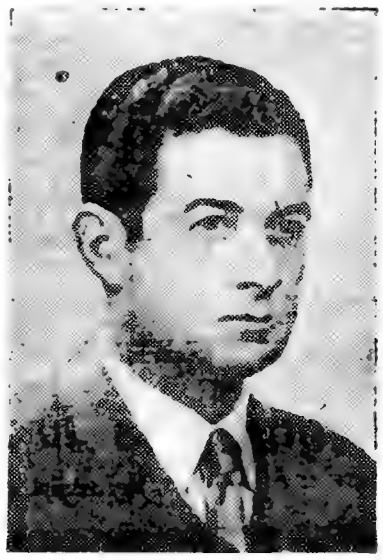
a e o va-
onal que

é a C. U. F., importa acentuar a sua projecção, tanto na economia nacional como até no Mercado Comum.

Efectivamente, a exploração de tão várias e importantissimas industrias, cujos produtos se destinam a variadissimas actividades no nosso País, representa um contributo de peso para a nossa economia, evitando saídas de divisas que tanta falta nos fazem e de preciosa colaboração com o Mercado Comum. Tudo isto é de grande e valiosa utilidade para todos nós, Portugueses, e, consequentemente, para a Nação.

Obedecendo a *standards* de fabrico, todos os produtos da C. U. F. têm caracteristicas definidas. Submetidos, todos os materiais adquiridos pela C. U. F., a identificação e classificação baseada, a códigos, etc., tudo se simplifica e se especifica, e, com a modelar organização, surge a estandardização de produtos e materiais, com a economia de trabalho e de estudos, facilitando os diversos serviços, ainda com a vantagem de se obter um maior e mais produtivo rendimento em todos os sectores.

A propósito, bem desejariamos



JOSÉ MANUEL DE MELLO

transcrever parte do ultimo discurso do sr. ministro da Economia que, tão notávelmente e com toda a oportunidade, abordou problemas de grande interesse para a C. U. F. e que a empresa tem procurado resolver convenientemente, com o seu assinalado patriotismo e a melhor colaboração em prol da economia nacional. Todavia, impossibilitam-nos a extensão desta reportagem e a falta de espaço, o que deveras nos penaliza. Mas, na verdade, o que o sr. ministro da Economia disse e sugeriu, há muito que é seguido fielmente pela C. U. F.

O problema social e a obra da C. U. F.

O problema social é encarado pelos dirigentes da C. U. F. com o maior realismo e objectividade.

Perfeitamente integrada no assunto, e conhecendo a complicada questão em todos os seus meandros, que afecta sempre os grandes aglomerados de trabalhadores das mais diversas profissões, a C. U. F. tem procurado resolver todos os problemas sociais, quer através de obras em benefício dos seus empregados, quer através de uma eficiente acção social.

Assim, procurou-se a solução mais lógica e, em consequência, as necessidades dos seus funcionários são bastante minoradas, com várias obras de defesa social, como os importantes bairros operários, cheios de grandiosidade, de Santa Bárbara e Lavradio, onde já, neste momento, têm guarida 580 famílias, por uma renda irrisória *(120$00, no máximo)*; os amplos refeitórios, onde são fornecidas refeições a um preço incrivelmente baixo: 2$00, por cabeça; os infantários e colónias de férias, por onde passam, anualmente, cerca de 1.500 crianças, filhas de empregados, etc.

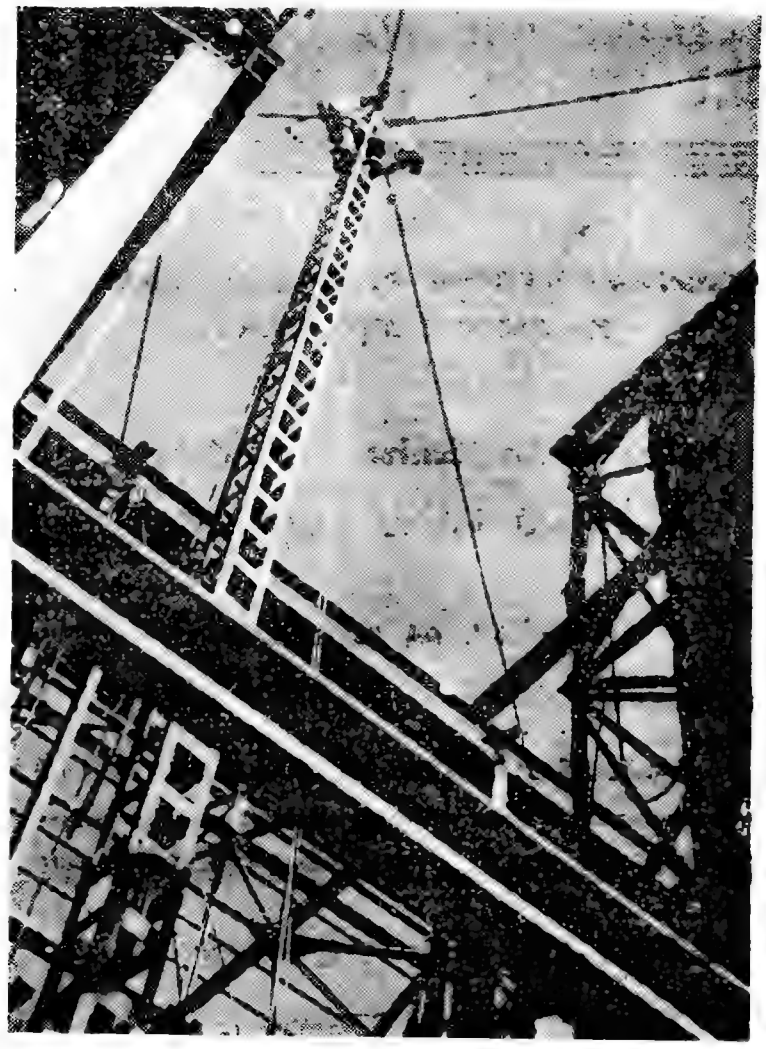
A acção social da C. U. F., faz-se ainda sentir através da cooperação económica com as suas «despensas» e «padarias», nas quais os géneros, principalmente o pão, são fornecidos ao pessoal a preços mais baixos do que em qualquer outro lado.

Existe uma escola primária e o auxilio escolar aos filhos dos operários estende-se, também, áqueles que frequentam outras escolas, mesmo secundárias. Apesar de tudo quanto a C. U. F. tem vindo a fazer em prol do seu pessoal, ainda, neste aspecto, não deixa, contudo, de procurar, cada vez mais e num ritmo impressionante, encontrar a solução dos problemas sociais, por meio da construção de mais fábricas, modernização das antiquadas e melhor aproveitamento da mão-de-obra.

São de interesse capital as seguintes palavras do actual administrador-delegado da C. U. F., sr. dr. Jorge de Melo:

«A maior obra social da Companhia foi e continuará a ser a criação constante de novas fontes de trabalho. E' necessário que os trabalhadores venham a possuir meios materiais e o nivel educativo suficiente para poderem resolver por eles próprios todos os seus problemas».

São palavras lapidares de um dig-



Uma nova fábrica em montagem

no sucessor de Alfredo da Silva!

Porque o aumento de salário só é possível através de um aumento de produção, a C. U. F., além de utilizar os processos de que toda a industria se serve para atingir aquele objectivo, criou uma Escola de Aprendizes, onde o futuro operário aprende convenientemente os segredos do ofício e se especializa, dotando-se de uma maior capacidade produtora, a qual, aliada á sua bem conhecida habilidade natural, faz dele um homem consciente e mais produtivo.

A direcção das fábricas do Barreiro, no sentido de perpetuar uma data de alto significado para a história da grande empresa, editou a publicação á qual já nos referimos, o que é um album maravilhoso, onde ficam bem vincados o esforço dos seus fundador, sucessores, dirigentes, empregados e operários e o movimento fabril, social e económico.

Em poucas palavras e profusamente ilustrado, diz tudo e tudo nos esclarece. Na realidade, este livro comemorativo do quinquagenário das actividades da C. U. F. do Barreiro esclarece-nos amplamente com toda a precisão e clareza. É, de facto, uma obra digna da outra que pretendeu, e muito bem, enaltecer.

*

Muito e muito mais havia a dizer e a salientar sobre a acção notável da C. U. F., nos seus multiplos aspectos. Mas o que se pretendeu foi referirmo-nos, resumidamente, nesta reportagem, á actividade da C. U. F. do Barreiro, desde a sua fundação, há meio século.

Como se viu, embora a traços largos, a C. U. F. do Barreiro honra a Nação e merece o melhor de todos nós pela maneira como sabe resolver todos os problemas, não esquecendo o social, e como patrióticamente contribui para a valorização do País e a economia nacional.

Vista aérea das Fábricas da C. U. F. no Barreiro

António M. Porfírio Lda.

COM

OFICINAS DE MARCENEIRO, POLIDOR, ENTALHADOR, ESTOFADOR E DECORADOR

(Orientador técnico e artístico:

ANTÓNIO FILIPE PORFÍRIO)

OFICINAS: AV. DA BÉLGICA, 26

Telefone 023497 BARREIRO

SALÃO DE EXPOSIÇÕES: RUA AGUIAR, 279

Vinte anos de actividade *progressiva e renovadora* desenvolvida pela Câmara Municipal do concelho do Seixal

florescente progresso, constitui a ambição em que se polarizam os produtivos esforços, a dedicação extrema e as dinamicas energias do sr. Cosme Narciso Lopes, cuja obra aqui se patenteia, embora resumidamente mas de maneira a dar a justa medida do seu valor.

(Continuação da 20.ª página)

ra, da Arrentela, de Corroios e de Paio Pires (em estudo), pode e deve expropriar vastos terrenos para escolher os locais mais adequados aos tipos de construção exigíveis pelo inquérito habitacional a que uma entidade oficial oportunamente procedeu, sem deixar, contudo, de encarar como possível o aumento demográfico com a fixação da Siderurgia Nacional, embora esta sociedade anónima deva ter, igualmente, em plano para execução oportuna a solução que lhe compete dar ao alojamento dos seus servidores, como é natural e humano admitir-se».

O presidente da Camara descreve depois tudo o que foi planeado para enfrentar tais problemas no momento oportuno, manifestando a decidida convicção de que todas as realizações se completarão até o encerramento do segundo ciclo de melhoramentos, «fazendo, ao mesmo tempo, prova definitiva de como é real o estado de adiantamento administrativo neste concelho, sendo para isso suficiente afirmar-se que o mesmo, a partir de 1960, é possível que nos deixe apenas um unico problema importante: o *problema habitacional*, concluindo-se assim que é evidente e nítido o seu progresso administrativo, sem termos de recear controvérsias, venham donde vierem e como vierem».

E, com vista aos exercícios futuros — acrescenta —, são de ponderar, para o orçamento de 1959, como remate do plano decenal, as seguintes obras do plano para 1959: Gabinete de Serviços Técnicos e Urbanização, 150 contos; Matadouro Municipal, 3.000. Estradas e caminhos: Cruz de Pau a Santa Marta, 150; Corroios a Vale de Milhaços, 150. Pavimentações: Rua General Carmona-Torre da Marinha, 20; Rua de Olivença-Seixal, 40; Avenida Vasco da Gama-Seixal, 20 (total, 3.530 contos).

Assistência e outros problemas

O problema da assistência merece também do sr. Cosme Narciso Lopes todo o interesse e desvelados carinhos.

Após várias experiências que, em seu entender, não resultaram convenientemente para auxílio ás crianças pobres, optou pela «sopa escolar», que tem dado os melhores resultados e todos compreendem e apoiam.

Começando por uma pequena verba de poucas dezenas de contos, a Camara despende, hoje, com a «sopa escolar», fornecida a todas as escolas do concelho, umas centenas de milhares de escudos.

A sopa é distribuida aos estabelecimentos escolares nas melhores condições e a horas matemàticamente certas. Não se limita, porém, a esta simpática e valiosa iniciativa a assistência da Camara, pois se estende e se desdobra até onde seja necessária.

Os problemas de turismo, das comunicações rodoviárias e de transportes vários estão sempre presentes, também, nas preocupações imediatas do presidente do Município, para soluções rápidas e adequadas que se tornem necessárias.

Além de tudo isto, atender os legítimos anseios e as prementes aspirações do concelho do Seixal, para sua constante valorização e

FÁBRICA DE CERÂMICA

— DE —

José Salgado de Oliveira

TELHAS e TIJOLOS de todos os formatos

Barreiras-MONTIJO

Telef. 030064

TELE { GRAMAS - JOMARCO / FONES 02 30 46 / 02 35 40

CÓDIGOS { A. B. C. 5TH & 6TH / BENTLEY'S / COMMERCIAL

Cantinhos & Marques, Ltd.

FABRICANTES E EXPORTADORES DE CORTIÇAS E SEUS DERIVADOS

Rua do Instituto dos Ferroviários, 5

BARREIRO (PORTUGAL)

Jacinto & C.ª, L.da

CORKWOOD AND ALL CORK PRODUCTS

AMÉRICO DE SOUSA JACINTO UVA

Managing Partner

ALHOS VEDROS

Telef. 024070

PORTUGAL

Sancho, Irmãos, Lda.

CORTIÇAS

Fábrica e Escritório

Av. da Bélgica e Rua Heliodoro Salgado

BARREIRO Telefone Barreiro 023091

Joaquim da Fonseca Júnior

Industrial com

FABRICA DE PRODUTOS PORCINOS

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

FABRICA DE PRODUTOS CERÂMICOS

Rua Joaquim d'Almeida, 201 Telef. 026119

— MONTIJO —

CASA TANECO

— DE —

BATATAS DE SEMENTE E CONSUMO

EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

CEREAIS — PALHAS E ADUBOS

MANUEL DOS SANTOS TANECO

Fundada em 1900, por Manuel Domingos Taneco

Rua 28 de Maio, 1 — Rua João Pedro Iça, 91

Telef.P.B.X. - 030164 MONTIJO

TELEFONE (P. P. O.) 02 30 51

Cabrita & Filhos, Lda.

OFICINAS METALÚRGICAS

19, RUA VASCO DA GAMA, 21 BARREIRO

José C. Cabrita Júnior & Irmão

FABRICANTES E EXPORTADORES

ALHOS VEDROS — PORTUGAL

CORTIÇA EM PRANCHA, BOIAS PARA A PESCA E SALVA-VIDAS, ROLHAS, QUADROS, GRANULADOS, ETC.

TELEFONE 024027 —— TELEGRAMAS LUSOCORK

Sociedade Industrial de Boias "SIBOL", Limitada

MANUFACTURERS OF CORK FISHING FLOATS AND CORK SPECIALTIES

CORKWOOD — CORKWASTE

VIRGIN CORK — REFUGO

Cable address: SIBOL-MONTIJO — Telephone: 026110

Offices & factory

MONTIJO — PORTUGAL

O espírito renovador

que orienta a acção do Município tem impulsionado uma obra notável no concelho da Moita

Uma das terras mais características, mais casquilhas e mais aliciantes á curiosidade do forasteiro no típico e rebrilhante cenário ribatejano, ao mesmo tempo das mais progressivas e de largo futuro, é a florescente e laboriosa vila da Moita.

Para o seu constante progresso, impulsionado por um largo espírito empreendedor, dinamico, activo, dedicado ao engrandecimento e á prosperidade do operoso concelho, muito tem contribuido a acção do presidente do Município, há catorze anos dirigindo os seus destinos e impulsionando um valioso conjunto de fecundas actividades.

Quando em Junho de 1945, tomou posse do cargo de presidente da Camara Municipal do concelho da Moita, um dos seus filhos dilectos e mais dedicados, o sr. José de Sousa Costa, grande proprietário e comerciante, um nome respeitado que desfruta das maiores simpatias, a Moita festejou o acontecimento com intenso jubilo e toda a população vibrou de entusiasmo, cheia de esperanças num futuro promissor, que não foram iludidas.

Havia a antecipada certeza de uma direcção competente, dinamica, empreendedora, com toda a dedicação, de há muito desejada. E o novo presidente da edilidade reunia o indispensável e valioso somatório de qualidades para um início auspicioso de uma era de desenvolvimento concelhio. Foi, efectivamente, um surto de progresso que começou, e todos os munícipes do concelho rejubilam por verem traduzidos em realidades os seus anseios e os seus vaticínios.

Ano após ano, a Moita vem progredindo e hoje ombreia orgulhosamente com os mais desenvolvidos e prósperos do País.

A Moita, tão rica de tradições, tão cheia de pitoresco, com o seu típico inconfundível na vibrante e colorida paisagem ribatejana, heróica, soalheira, de uma formosura que enleia e subjuga, é, também, pelas suas condições excepcionais e os seus singulares atractivos, um dos grandes cartazes de turismo — o que representa mais uma boa fonte de riqueza.

O «Diário de Lisboa», que acompanha a evolução de todas as terras do País, auscultando os seus anseios, escutando as suas aspirações, avaliando das suas tarefas, procurando defender os seus interesses, foi observar o movimento pletórico de energias trepidantes e produtivas que engrandecem o concelho da Moita e lhe dão a opulência, muito contribuindo para o esforço da economia nacional e marcando já hoje como importante centro industrial.

Ouvimos, pois, o sr. José de Sousa Costa sobre as suas realizações, a vasta obra executada e os seus planos futuros, numa breve e elucidativa entrevista.

Dificuldades vencidas, planos realizados, obras em curso

Aludimos ás dificuldades que lhe surgiram ao assumir o seu cargo e o presidente do Município respondeu-nos:

— Encontrei muitas e de toda a espécie, principalmente no campo económico. As receitas de toda a ordem eram reduzidas e não ultrapassavam setecentos e trinta contos. Um problema difícil e complicado, como é de calcular, para o concelho e para o que pretendia e pretendo realizar.

Falámos dos anseios e necessidades da população do concelho e das imediatas aspirações do presidente da Camara, que os foi enumerando:

— Primeiramente, luz e água para todo o concelho, depois, esgotos e arruamentos, bem como os bairros, em especial os bairros novos dos limites ou de Alhos Vedros, ou, ainda em toda a Baixa da Banheira. A construção de novo edifício dos Paços do Concelho merecem toda a minha atenção e inclui-se entre as nossas próximas iniciativas. A sua edificação será um facto dentro de curto espaço de tempo.

Inquirimos das obras realizadas, em curso e projectadas e o sr. José de Sousa Costa desenvolveu a sua exposição:

— Quanto a obras realizadas temos os edifícios municipais, electrificação de todo o concelho, grande reparação das estradas do Chão Duro a Sarilhos Pequenos, construção de um lavadouro publico na vila, larga e importante reparação da estrada turística do Rosário, pesquisa de águas, para abastecimento

JOSÉ DE SOUSA COSTA
Presidente da Camara Municipal da Moita

completo de Alhos Vedros e Baixa da Banheira, com o dispêndio de cerca de 530 contos; construção do mercado da Moita, de postos de análise de leite, construção da casa mortuária, edifícios constantes do Plano dos Centenários, com onze salas, etc. O plano projectado é vasto, util e de amplo interesse concelhio.

—E outros empreendimentos em curso?

—Temos — continuou o nosso amável interlocutor — maior abastecimento de água, e em melhores condições, a Alhos Vedros e á Baixa da Banheira, construção de um mercado na primeira daquelas localidades, terra que progrediu constantemente e nunca é esquecida por mim e pela Camara. Os arruamentos no Bairro Novo também caminham bem, como tudo o mais correrá, e a passos largos e firmes.

O problema da assistência

A propósito do importante problema da assistência, ao qual dedica também grande interesse e a maior atenção, falou-nos assim o presidente do Município:

— Alegre estou por me falar em assistência e no seu problema. Aqui me tem para lhe dizer que me merece o maior e mais profundo carinho. Contudo, muito mais temos feito do que verdadeiramente nos seria possível e o erário municipal nos permite. Gastando em 1958 mais de 245 contos, fizemos prodígios de equilibrio para compreensão desse problema delicado, mais além do nosso alcance. Se alegre ficamos por esclarecer o facto, tristes estamos por não fazermos o que queriamos e estava na nossa agenda de realizações quando tomámos posse do cargo. Esperamos, todavia, resolver o assunto e da melhor forma, com o tempo e a nossa vontade. Temos essa esperança!

Comércio, indústria e comunicações

Sobre a importancia comercial e industrial do concelho, formulámos algumas perguntas, que obtiveram as seguintes respostas:

— A importancia comercial é relativamente pequena, mesmo muito modesta, mas o seu valor agrícola é que tem de ser considerado, especialmente quanto á produção de batata, hortaliça e outros produtos para abastecimento da praça e dos mercados da capital.

— E a industria?

— Relativamente á industria é que o concelho marca principalmente com os produtos saídos das fábricas de cortiça. Sem duvida que o concelho da Moita é o mais importante centro corticeiro do País, em especial como produtor de prancha de cortiça. Há no concelho cerca de 50 fábricas de cortiça, quase todas em plena laboração!

A estas actividades relacionam-se as comunicações e os transportes. Sobre o problema rodoviário, de interesse imediato, fomos esclarecidos:

— Pensa-se na construção, de grande importancia e utilidade, baseada nos antigos estudos, da ligação da Moita com o Pinhal Novo. Todavia, só poderá transformar-se em realidade de acordo com a Camara Municipal de Palmela, o que se espera em período de tempo relativamente curto.

Perguntámos se o concelho estava convenientemente servido. Eis a resposta:

— Está bem, quer por caminho de ferro, por camionetas ou por via marítima.

Principais aspirações

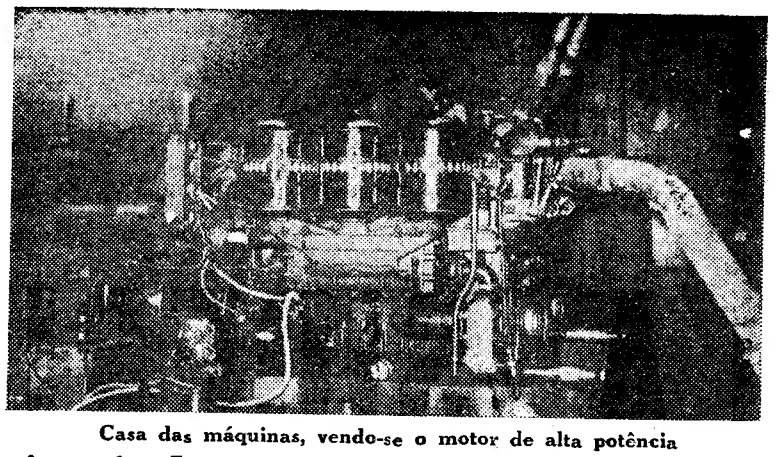
Todas as terras têm as suas aspirações e reivindicações, que pretendem ou se tornam realidades impulsionadoras de novos cometimentos. Quais são as do concelho da Moita?

— Aspirações, meu amigo, são estas — dise-nos o sr. José de Sousa Costa, que as foi enumerando: — Continuar, se não puder ser ultrapassado, o brilhantismo das festas em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, que se celebram na segunda semana de Setembro e que atraem dezenas de milhares de forasteiros. Começam no segundo domingo e prolongam-se até quarta-feira da mesma semana. E' uma festa encantadora que nos traz grandes receitas e pesa consideràvelmente na balança comercial e no movimento turístico do concelho. São milhares de pessoas que nos visitam e vêm beneficiar a vila e contribuir, de certo modo, para o seu progresso e desenvolvimento.

Após uma breve pausa, o presidente da Camara Municipal falou de outros melhoramentos em via de realização:

— Construção da estrada da Barra-Cheia, cujo projecto já foi comparticipado, Matadouro Municipal, etc. Muito e muito mais haveria a dizer, se a exposição não fosse já tão alongada. Contudo, a rede de esgotos, de importancia capital, em Alhos Vedros e na Baixa da Banheira, cujos projectos estão a ser devidamente estudados e elaborados por engenheiros especializados, competentes e esclarecidos, é um problema que prende, de momento, todas as atenções da Camara. Há, também, o plano dos arruamentos em Alhos Vedros, na Baixa da Banheira, etc., que não esquecemos e terá conclusão imediata. A ampliação do quartel da G. N. R. e a instalação dos novos serviços administrativos municipais estão em curso e merecem o nosso maior cuidado. Igualmente, e como é de justiça, não esquecemos, da mesma forma, o abastecimento de águas a Sarilhos Pequenos, Rosário e Gaio, para realização imediata, a seguir ao de Alhos Vedros.

Assim terminou a entrevista que constitui um documento esclarecedor da valiosa obra do presidente da Camara Municipal da Moita e durante a qual nos forneceu expressivos esclarecimentos o activo e esclarecido chefe da secretaria, sr. João Cabral, funcionário zeloso, competente e íntegro, que, tendo assumido as suas funções em Junho de 1950, se tornou no mais directo colaborador do presidente — trabalhando em perfeita cooperação, com outras decididas boas vontades, para um objectivo comum, que é o do engrandecimento da Moita e do seu importante concelho.



Casa das máquinas, vendo-se o motor de alta potência

A fábrica «Grancor»

impulsionada por um activo industrial ocupa plano de relevo *na indústria corticeira*

MANUEL RODRIGUES COTA

JOSÉ FRANCISCO VENANCIO

Na industria corticeira, de larga expansão no mercado mundial, marca posição de relevo a organização *Grancor*, impulsionada por um industrial activo, dinamico, simultaneamente, técnico de reconhecida competência, o sr. José Francisco Venâncio, que á frente daquela importante empresa tem desenvolvido acção notável, que pode ser apontada como exemplo.

Efectivamente, há anos á testa da *Grancor*, pode orgulhar-se do dever cumprido, com a satisfação de ver que a sua orientação tem obtido os êxitos previstos. Desenvolvendo trepidante actividade, sem se poupar a esforços e canseiras, dirige constantemente os multiplos serviços da sua fábrica, com pulso firme e larga visão do futuro.

Administrando, dirigindo, com esclarecido e esclarecedor espírito de iniciativa, sempre atento e vigilante, o sr. José Francisco Venancio honra a sua industria, prestigia a classe. A *Grancor*, unidade industrial que abrange 8.000 metros quadrados de superfície e onde trabalham cerca de 60 operários, está entregue a alguém que bem conhece esse ramo de actividade em toda a vasta complexidade, e nos mais pequenos pormenores.

E' ele a alma, o inspirador de uma grande realização, orientando uma fábrica modelo, que, pela excelência dos seus produtos, se ufana da fácil conquista de todos os mercados, merecendo absolutamente a confiança do sócio e de todos que privam com ele e são seus dedicados colaboradores.

Gerente da *Grancor*, tem provado á evidência que a industria que explora não tem segredos para ele.

A *Grancor* (Granuladora de Cortiças, Ld.ª), é uma sociedade constituida por dois homens cheios de qualidades, com posição de relevo no meio corticeiro. O sr. José Francisco Venancio é o gerente da fábrica do Barreiro; e o sr. Manuel Rodrigues Cota, o gerente dos escritórios em Lisboa, instalados na Rua de São Pedro de Alcantara, 63, 1.º

Ambos exercem as suas actividades com perfeita colaboração na maior harmonia e com reconhecida competência. E tanto a parte industrial como actividade, têm a orientá-las, com a máxima eficiência, dois homens de grandes méritos, contribuindo, assim, cada sócio com a sua inteligência e o seu esforço, para o prestígio e o desenvolvimento da sua empresa.

A *Grancor* dedica-se ao fabrico de pranchas, granulados, rolhas e seus derivados. Com uma produção esmerada, os seus produtos estão largamente acreditados, tanto no mercado interno como no externo.

Na Inglaterra, na Alemanha, na Holanda, na Dinamarca, no Chile, e noutros países, a *Grancor* tem um lugar de relevo e á parte, e o seu nome feito e conceituado.

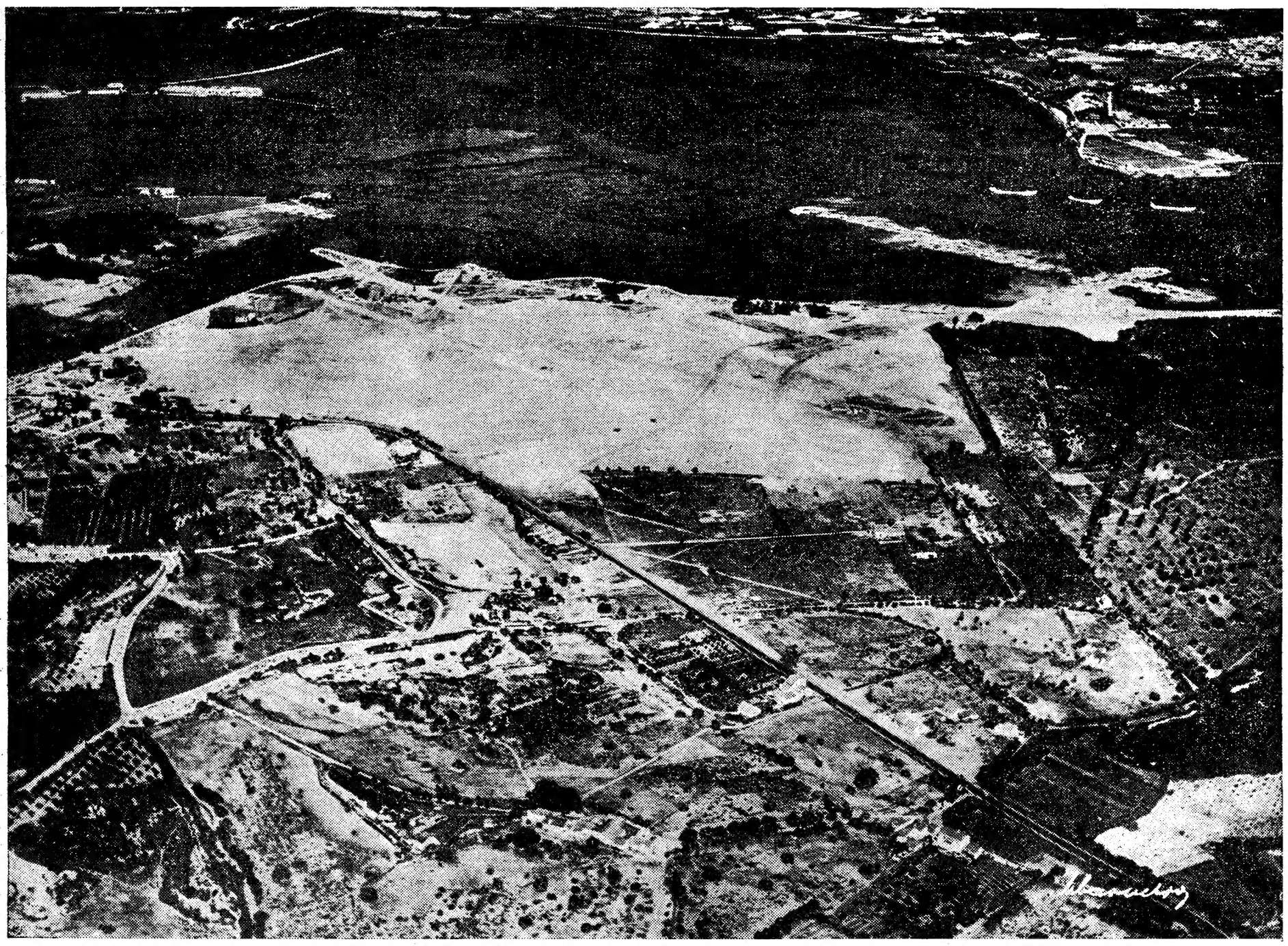
Uma rápida troca de palavras com o sr. José Francisco Venancio, principalmente sobre as suas viagens ao estrangeiro e as suas actividades, os seus projectos e planos para o desenvolvimento da *Grancor*, etc., esclareceu-nos quanto á sua competência de industrial e técnico excepcional — homem do seu tempo dinamico com largos anseios de progresso, compreensivo e de grande coração.

Um dos armazens, vendo-se o granulado pronto a seguir para exportação

A «SIDERURGIA NACIONAL»

vai numa primeira fase instalar no concelho do Seixal:

- [1] ALTO FORNO PARA A PRODUÇÃO DE MAIS DE 200.000 TONELADAS ANUAIS DE GUSA
- [1] ACIARIA MISTA DE CONVERTIDORES E FORNO ELÉCTRICO COM A CAPACIDADE DE 250.000 TON.
- [1] LAMINAGEM PARA A PRODUÇÃO DE FIO LAMINADO, PERFIS MEDIOS E LIGEIROS, ETC.
- DIVERSAS OUTRAS INSTALAÇÕES



Um aspecto da zona onde se iniciaram os trabalhos, os quais implicam :

- Dragar 1.000.000 m3 de lodos e areias no rio;
- Movimentar mais de 1.300.000 m3 de terras;
- Edificar uma área coberta de 80.000 m2;
- Construir um cais de 350 m. de comprimento;
- Montar cerca de 20 quilómetros de via férrea;
- Estabelecer uma rede interna de estradas.

Encontro com Pio XII

...Ouviu-se o timbre discreto de uma campainha, uns passos surdos, aveludados, á esquerda, e Pio XII, de hábito branco, com o *zuchetto*, alto e magro, como que modelado na seda imaculada das vestes, entrou repentinamente.

... ...

Então ele levantou-nos. Beijámos-lhe a mão descarnada, quase pergaminho e de uma cor de velho marfim. Estava quente. Parecia arder em febre. Do seu fulgido manto banhado de claridade como que caem bençãos e perdões. Deus parece estar mais próximo. Pio XII não é o terrível S. Paulo, com os três dedos erguidos, que Gregório Lopes pintou no célebre retábulo de Viseu. Não tinha a tiara das três coroas, o *triregnum* de Benedito XII; era a criatura pura, imaculada, de voz suave, frágil, ultimo apelo dos homens, entre a Terra e o Céu.

... ...

— Uma benção muito especial a Portugal! A todo o povo português! — sublinha.

Diz-nos:

— E para si também, e para o seu trabalho!

O mestre de camara prosterna-se. O Papa tem de atender outros peregrinos. Findou a audiência. A branca visão de prata vai dissipar-se. Não! Uns instantes ainda! Pio XII dirige-se ao meio da sala, e estendendo os braços admiráveis, que parecem, de compridos e imóveis, a própria cruz, tal como em S. Lorenzo, quando as bombas dos aviões destruiram a basílica, lança-nos a derradeira benção.

E sai da sala. Vêmo-lo atravessar todas as outras, a correr, mancha branca que vai esvoaçando entre as capas vermelhas dos cardeais e as casacas negras dos camaristas. Não pára, não olha. Desfilam maravilhas, prodigiosos tesouros, riquezas, empórios de arte, e nós, atrás, perseguindo-o; mas nisto um famulo, com um sinal imperativo, obriga-nos a estacar. Ainda divisamos um suiço de joelho em terra e alabarda ao alto, enquanto a guarda gritava, estentóricamente, no pátio de S. Damaso:

— *Evviva il Papa! Evviva il Papa!*

ROSAS DE ITALIA

ITÁLIA: «Veneza, ninfa de espumas, palpitava carnalmente de volupia. Havia febre nos olhos das raparigas que se dirigiam para a Praça de São Marcos, onde pavilhões trapejavam ao vento sobre as águas — nunca a bandeira italiana nos pareceu tão ridente! —; no que os rapazes, em grandes grupos, cantavam ébrios de juventude e de felicidade. Para cada lado que nos voltávamos, a harmonia das pilastras, das colunatas ogivais, dos balcões de mármore, parecia musical. Sucediam-se velhas igrejas, que na atmosfera láctea, opalescente, pareciam filigranas, tauxiadas de marfim; prédios altos cercados de água, que nos pequenos canais é paludosa e negra, de um vítreo espesso; pontes e mais pontes; e seguiamos sempre o fluxo da multidão, já descoroçoando, cansados de uma «terceira classe» apopléctica de gente que nos trouxera de Firenze numa tarde de calor infernal, quando, subitamente, numa mutação rápida, fantasmagórica, verdadeiro cenário de ópera, nos surgiu a Praça de São Marcos». (Do livro «Rosas de Itália»)

PAPINI

De repente sentimos atrás de nós uns passos, e um homem imensamente alto, de face glabra, pálida e escalavrada, como a mascara romana de um patrício dos tempos de Augusto, que o tempo e os homens tivessem delapidado, estava na nossa frente.

Era Papini. Uma enorme cabeleira descuidada, como juba áspera cai-lhe sobre o pescoço!.

Veste de claro, camisa branca, desabotoada no peito, e apoia-se sobre uma bengala. Uns óculos negros velam-lhe as pupilas que vimos depois serem azuis, e a boca escalavrada, sem dentes tem uma prega dominadora e arguta. Todo ele é enorme! Parece um rochedo, o tronco de um castanheiro centenário, um profeta da Bíblia, daqueles que não contavam os anos.

Senta-se sem custo, conservando, rigidamente o busto varonil. Através da sua meia cegueira deve querer-nos perscrutar intensamente.

.....

Então, o grande Papini, voltando-se para nós teve esta frase que nele revela um fino psicólogo:

— Diga, tinha receio de ser aqui devorado pelo dragão?

— Confesso que sim!

O gigante pôs-se de pé. Parecia maior. Sem uma hesitação, sabendo de cor o caminho, que os olhos mal viam, acompanhou-nos até á porta do «giardino» e, á despedida, disse-nos ainda:

— Espero que guarde de mim uma boa recordação!

(16-6-952).

ZWEIG: «Continua com a mesma serenidade, a mesma sobriedade. Retirou, apenas, os seus óculos de lentes brancas, para interrogar melhor, na vivacidade do olhar, os dois intrusos que lhe perturbam aquela hora calma de Primavera renascida. É um homem alto, fino, de uma elegancia natural, vestindo com a despreocupação de um «sportman». Sobre a camisa azul, de colarinho largo, a mancha vermelha de uma gravata. Um casaco amplo, ligeiramente esverdeado, e uns sapatos macios, subtis, que, poucos minutos depois, o ajudariam

ao longo dos corredores do «Atlantico», num fuga frustrada. O que impressiona no seu tipo é a penetração do olhar suavizado, quando conversa, por uma estranha doçura espiritual. Todo ele é compreensão interior, amorosa simpátia, delicada ternura». (5-2-938).

Contos

CONTO UCRANIANO

(Do livro «Batalha Humana»)

Na aldeia, a uniformidade das fachadas desertas e cerradas parecia um absurdo. Viam-se ainda, nos patios das granjas, na sua frágil construção, as grandes medas doiradas de trigo, que não houvera tempo de incendiar.

Uma ou outra sombra humana vagueava, na incerteza de ficar ou de fugir. Talvez a linha de fogo resistisse. Eram os irresolutos, os que não sabiam até onde chegava aquela imensa estrada, bordada de platanos, que já tinha visto passar as tropas do Corso num torvelinho desgrenhado de fuga.

De resto, para esses, a casa tinha qualquer coisa de sagrado, de inviolável. Das suas paredes silenciosas, segregava-se uma doce ternura humana, que os retinha, misteriosamente, no instante irrevogável da partida.

E não chegaria a guerra ainda mais longe? Tudo, então, seria inutil.

Quando a coluna motorizada atravessou a aldeia, já o inimigo tinha vadeado o rio. O fogo agora era mais intenso. Grandes relampagos abrasavam o solo, e as granadas, estremecendo, caíam, quais aerolitos, no meio do restolho da estepe, abrindo fundas crateras.

Além divisavam-se, em semi-círculo, pequenos pontos negros movediços. Eram os blindados do inimigo sobre os quais a artilharia, emboscada na colina, atirava, numa cortina rolante de fogo. Mas, apesar disso, os monstros de aço progrediam sempre, as cremalheiras cravadas bem firmes no terreno.

Quando duas granadas cairam na aldeia, foi o panico. Os ultimos habitantes fugiram á corta-mato até ao cabeço sobranceiro, a esconderem-se nas sombras da floresta. Outras explosões violentas se seguiram. Uma granja isolada ardia com uma fumaça negra e espessa. A divisão motorizada atravessou a unica rua do povoado, num relampago. Nas antenas dos monstros de aço sucediam-se as ordens:

— *Plano D.*

— *Dispersar! Trinta metros de distancia!*

— *Abordar, se for possivel!*

Fora da aldeia, o comboio disseminou-se, correndo os três quilómetros que ainda lhe faltava, para tomar contacto com o inimigo. Era preciso evitar que este atacasse de longe. Impunha-se aos defensores combater bem de perto, equilibrando assim a fraca tonelagem dos seus engenhos.

Avançavam por isso em leque, para logo, sucessivamente, os tanques, cortarem em diagonal o terreno, não cessando de vomitar metralha.

Atrás daquela muralha de ferro, flutuante, a infantaria lançou-se. Eram rapazes de dezoito anos, que faziam a guerra pela primeira vez. Subitamente, a vida deixara de lhes pesar. Nos seus musculos, a energia da juventude transfundia-se em heroismo. Nem eles sabiam o que isso era. Corriam sobre o ventre da terra mater, e isso dava-lhes um alento sobre-humano, como se dela nascessem outra vez.

Dois homens haviam-se atardado, e dobrados, mesmo correndo, um deles repartiu o seu pão com o camarada. Seguravam-no com os dentes, sem o comer, regalados daquele sabor acre e fresco que, como um aroma, lhes chegava ás narinas.

— Petrovich, além, á direita!

— Vamos a eles!

Era um ninho de metralhadoras que ceifava a vaga de assalto, pelo peito. Rareavam já mais os homens, caídos, espalhados pelo campo imenso, enquanto os mastodontes couraçados do inimigo, de torres oscilantes, rebentavam os pequenos e velozes blindados.

Mas alguns dos primeiros, sob o deflagrar das minas, empinavam quase verticalmente o dorso, tatuado pela cruz negra, caindo depois de flanco, os rodados a girar infinitamente, numa explosão brutal de fogo.

Outros ardiam, em chamas curtas e alanrajadas até que uma mais viva penetrasse na torre, fazendo explodir as granadas. Então, as chapas entreabriam-se, retorciam-se, vomitando as suas entranhas metálicas abrasadas.

Petrovich e Selikhow, com o naco de pão entre os dentes, arrojaram-se para o reduto das metralhadoras. Ficava a cem metros. Avançaram, regando o caminho com granadas de mão, em grandes saltos. Mas a violencia da corrida empolgou-os. Descobriram-se, e a morte chegou perfeita, telegráfica, em dois silvos agudos de que os tímpanos de ambos sentiram o alvo antes de serem atingidos.

(Continua na página seguinte)

Os melhores romances clássicos da LITERATURA UNIVERSAL

COLECÇÃO «OBRAS ESCOLHIDAS DE AUTORES ESCOLHIDOS»

27	**Fabiola**, de Wiseman	20$00
28	**David Copperfield**, de Charles Dickens	35$00
29	**Rob Roy**, de Walter Scott	25$00
30	**Tom Jones**, de Henry Fielding	30$00
31	**A Eterna Cegueira do Amor**, de Wilkie Collins	20$00
32	**A Aventura de Waverley**, de Walter Scott	25$00
33	**A vida era assim em Middlemarch**, de George Eliot	30$00
34	**O Diamante da Lua**, de Wilkie Collins	20$00
35	**O Romance da Família Chuzzlewit**, de Charles Dickens	30$00
36	**A Vitória de Montrose**, de Walter Scott	15$00
37	**O Mistério de Northanger**, de Jane Austen	15$00
38	**Encantamento nas Trevas**, de George Eliot	20$00
39	**Eveline, A Castelã**, de Walter Scott	20$00
40	**Amélia**, de Henry Fielding	30$00
41	**Na Corte da Rainha Isabel**, de Walter Scott	30$00
42	**Dois Destinos**, de Wilkie Collins	20$00
43	**O Mistério de Edwin Drood**, de Charles Dickens	30$00
44	**O Coração de Shirley**, de Charlotte Bronte	30$00
45	**O Noivado de Adam Bede**, de George Eliot	25$00

EDIÇÕES ROMANO TORRES — À venda nas livrarias e tabacarias

70, RUA ALEXANDRE HERCULANO, 76 — L I S B O A

AS VINDIMAS

(Continuação da página anterior)

toda a força á cabeça do adversário, que caiu, redondo, a jorrar sangue. Vencera o taberneiro.

—Homem, que te perdeste por causa deste malandro!

Ele encarou-a, sombriamente, desconfiado:

—Tens pena dele?

—E' por ti, homem!

—Então, trata-lhe da ferida; pode ser que ainda arribe! Depois, lava o chão.

A mulher despejou na cabeça do Januário uma garrafa de aguardente, mas ele já não dava acordo de si. Começara a grande viagem de onde não se volta mais.

Altas horas da noite, o cadáver desaparecia misteriosamente, com um baque surdo, nas águas negras do Douro. Quando deram pela falta do montanhês, á chamada da «roga», no dia seguinte — todos aventaram que o valdevinos, se calhar, fora para a terra. «Ave de arribação não tem poiso!»

O administrador é que não se conformou. Esculca daqui, pesquisa de acolá, foi direitinho á taberna, e, ao encarar a mulher com o avental á cinta, ainda manchado de sangue, disparou-lhe á queima-roupa:

—Isso de que é?

—E' da vindima!

—Vindima de morte, desgraçada!

O casal foi preso, mas ninguém da «roga» do Marão rezou uma «Ave-Maria» pelo falcão da serra. Só a velha Gertrudes, a quem ele dois anos atrás roubara a filha, lhe cobriu a nudez mutilada com uma mancheia de pampanos vermelhos, como se ardesse!

Isto nos conta, encostado a um cedro centenário, arquivô da linda Quinta do Noval, lá para as bandas do Pinhão, o sr. Vasconcelos Porto, um dos maiores vinhateiros da região duriense. O Sol deixou a sua coroa de espinhos sangrentos — Cristo na agonia! — no vértice mais alto das serranias.

O crepusculo vai caindo, e os homens e as mulheres perpassam, lentamente, entre tirsos virentes e olorosas cornucópias de uvas, cantando, em evoés ardentes, a báquica alegria da vinha vindimada.

Em frente, no dorso corcovado da montanha, quase a desprender-se da ribanceira, a aldeia de S. Cristóvão, onde bruxuleiam três fios de azeite, trémulos e escassos, parece um trágico catafalco. Para a direita, a quinta dos Cavadinhas desaparece nas trevas, suspensa e triste no seu altar agreste, como que perdida dos caminhos da terra.

Quem vai ali? Só Deus!

Ao fundo, o Douro, eterno e grandioso, corre, corre sempre — cavaleiro negro, á desfilada, que fosse até ao fim do Mundo.

(Do livro «Monges Negros»)

Artur Portela entrevistando

Artur Portela fora entrevistado, há alguns meses, por Igrejas Caeiro, para o seu programa «Perfil de um Artista». Dessa entrevista extraimos alguns passos.

Sobre a mocidade:

—Disse a meus filhos que nunca denunciassem ninguém. A mocidade tem ideias próprias, um estilo seu, não podemos nós, pessoas que já passámos o equador da vida, querer convertê-lo a formas obsoletas, que já tiveram a sua experiência. Nós, os velhos temos de passar o facho para os outros. A mocidade de hoje é completamente diferente. A angustia que sente é a consequência lógica do seu desespero. Está na vida uma mocidade que não sabe qual é o seu lugar, nem no trabalho, nem no amor, nem em nada... Nós não podemos modelar a mocidade. O nosso erro é exactamente querer incutir-lhe ideias que já passaram a época, quando ela tem outras, de renovação e transformação. Aliás, devo dizer-lhe que Portugal será o que é a sua juventude. E a juventude não é o que muitas pessoas julgam.

Sobre o jornalismo:

—Considero a «equipe» do «Diário de Lisboa» histórica dentro do jornalismo. Todos os seus elementos revelaram qualidades e, de facto, criaram, definiram uma escola de jornalismo, um jornalismo livre. Carlota Serpa Pinto disse um dia que os rapazes do «Diário de Lisboa» pareciam estar sobre um muro deitando pedras a quem passava. Deitávamos pedras mas não feriamos ninguém.

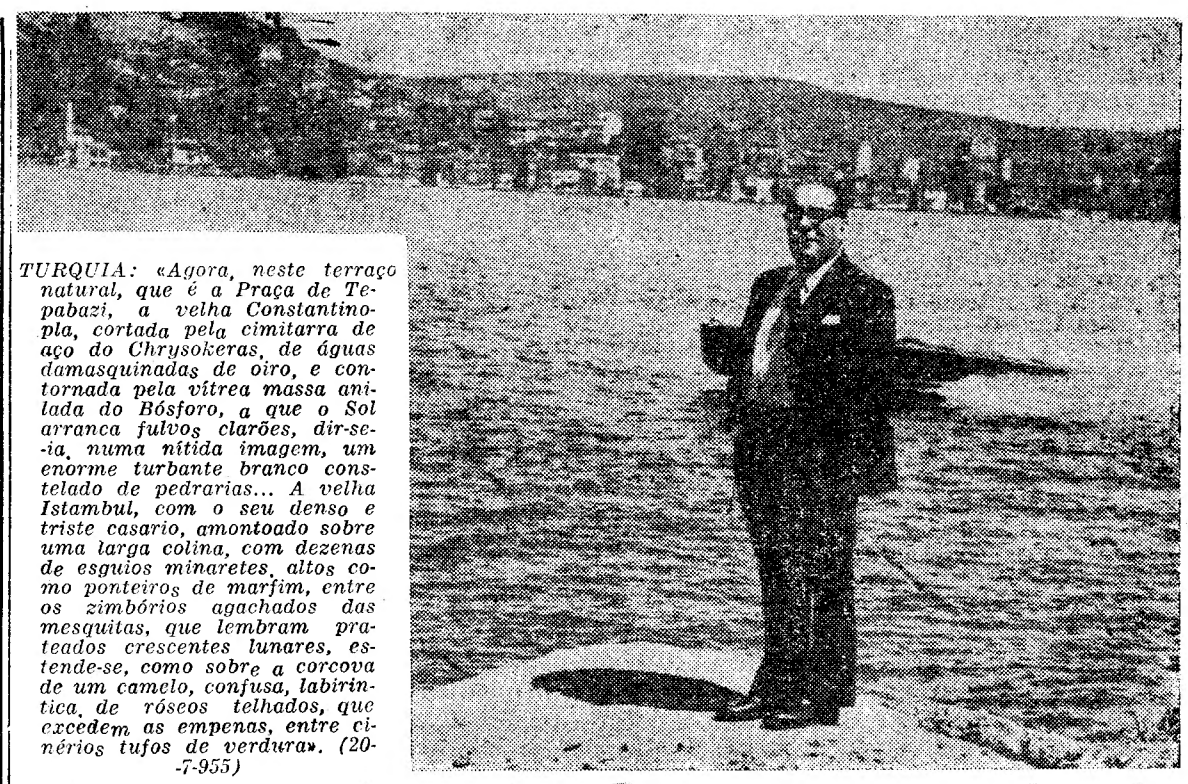
A missão:

—Eu não sou um pessimista, mas devo dizer-lhe que tenho lutado muito na vida e tenho muitos problemas de ordem económica para que deseje viver longo tempo. Considero a vida uma espécie de duelo ou de combate quase quotidiano com a morte. Isto é, uma sensação de fadiga e de pessoa que fez o que pôde, que não pôde muito, cumpriu, e que nada mais tem a fazer. Sobrevive, como tantos. A minha missão está terminada.

Ultima pergunta:

—Qual a sua grande ambição por realizar?

—A minha ambição seria morrer como nasci — livre.



TURQUIA: «Agora, neste terraço natural, que é a Praça de Tepabazi, a velha Constantinopla, cortada pela cimitarra de aço do Chrysokeras, de águas damasquinadas de oiro, e contornada pela vítrea massa anilada do Bósforo, a que o Sol arranca fulvos clarões, dir-se-ia, numa nítida imagem, um enorme turbante branco constelado de pedrarias... A velha Istambul, com o seu denso e triste casario, amontoado sobre uma larga colina, com dezenas de esguios minaretes, altos como ponteiros de marfim, entre os zimbórios agachados das mesquitas, que lembram prateados crescentes lunares, estende-se, como sobre a corcova de um camelo, confusa, labirintica, de róseos telhados, que excedem as empenas, entre cinérios tufos de verdura». (20-7-955)

CONTO UCRANIANO

(Continuação da página anterior)

No meio dos caules cortados do trigo, ficaram dormindo, como crianças, indiferentes ao resto da batalha. Sorriam ainda, como o pão entre os dentes alvos, agora manchado de um sangue muito fresco de uma cor de rubi.

Ás duas horas da tarde o invasor ocupava a aldeia. Primeiro entraram os tanques, de cupulas abertas, de onde emergiam rostos suados, enegrecidos de óleo e olhos azulíneos, friamente crueis, que cintilavam como aço polido. Fizeram ainda alguns tiros, cegando as ultimas vidraças das janelas.

Seguiu-se depois a soldadesca, mancha interminável de *feldegrau*, arrogante e maciça, martelando, rijamente, os tacões no asfalto e, por fim, em automóveis, os oficiais, de maxilas cerradas, imóveis como figuras de cera, para quem o episódia da manhã não valia sequer uma citação no comunicado de guerra.

Os aviões só, então, apareceram, inutilmente, como abutres negros, pairando no espaço, antes de se lançar na carnagem.

Tudo aquilo passava, sem se deter na aldeia em ruinas. Um entulho grosso, de onde irrompiam vigas, restos de madeira fumegante e tabiques despedaçados, desagregava-se em abatimentos contínuos, entre montões de pedra e uma avermelhada caliça da picadura do tijolo.

Para os invasores, o cenário era igual a tantos. Banalmente morto — e nem sequer interessante. Vulgar naquele avanço perfurante para o interior. Mas havia ainda algumas casas de pé no meio daquele terrível sismo — figuras geométricas de pedra, com a sua arquitectura normal.

Os soldados rápidamente inventariavam-nas, arremessando depois para dentro, á ponta da baioneta, volumosos feixes de palha a arder.

As chamas saltavam pelas janelas, subindo para os telhados, cortinados incandescentes trapejando ao vento, enquanto, em baixo, o sinistro, despejando cataratas de fogo, inundava tudo, levando á frente, como que boiando, os madeiramentos, que estalavam como ossos, até ao desmoronamento completo das edificações.

Um sargento que andava na faina da destruição, parou surpreendido á entrada de um desconjuntado casebre de madeira, um dos ultimos do povoado. Tudo estava como se a guerra não tivesse chegado ali, numa ordem doméstica tranquila, inabalável.

Uma velha, mumia pergaminhada, de desconforme gordura, fazia tranquilamente o chá num samovar fumegante.

Quando o invasor transpôs o limiar da isba, a mulher não fez um gesto de surpresa. Como que o esperava. Nas rugas da face espalhava-se-lhe uma luz sorridente. Sacudiu a cabeça, amarrada por um lenço, e pronunciou:

— Natacha!

A velha indicou-lhe o chá. O soldado bebeu-o, ávidamente, e, depois, por gestos, deu-lhe a entender que tinha de abandonar a casa. Ela assim fez, metendo num pequeno cesto de vime duas negras broas de semente ucraniana e uma rota e enxovalhada manta de lã.

Resignadamente, sem se voltar para trás, e seguida pela baioneta do invasor, pôs-se a caminho. Nem sequer reparava que o povoado desaparecera.

O achado de mulher foi uma alegre surpresa para os soldados. Natacha era o unico ser vivo que restava naquele montão de destroços.

O melhor seria evacuá-la para a retaguarda. E assim se fez. Dois soldados atravessaram com ela o campo de batalha, semeado de munições e de mortos.

Natacha parecia não dar por nada. Deixou-os mesmo adiantarem-se para observar os cadáveres de dois camaradas, atravessados de bruços, num charco que o sangue derramado irisara de reflexos avermelhados.

Obesa e trôpega, a velha marchava lentamente pelo terreno devastado. A certa altura pareceu tropeçar e, vivamente, por duas vezes, apanhou qualquer coisa do chão, que logo deitou no cesto, continuando a andar.

Os guardas tinham-na alcançado e, cautelosamente, apontavam-lhe as granadas de mão, por ali a esmo, e os buracos das minas, ainda quentes do rebentamento, receando uma imprudência fatal.

Natacha, como não entendia aquela linguagem bárbara e gutural, sorria-lhes amiude, e eles também, amistosamente, num divertimento fácil de rapazes ébrios de vida.

O posto militar estava instalado na estação do caminho de ferro. Os soldados entregaram solenemente Natacha ao primeiro agaloado que lhes apareceu, e ela ficou para ali no meio das idas e vindas dos militares, como uma mercadoria a que tivesse caído o rótulo do destino. Durante dois dias, comeu o negro rolão ucraniano, respondendo, invariávelmente, aos que a interogavam:

— Natacha! Natacha!

No terceiro dia, entrou na «gare» gens de luxo, a cujas portinholas os oficiais se debruçavam, trocando impressões ruidosas com os colegas do posto. Era tropa que regressava dos Balcãs. Nos vagões da cauda, os soldados, cabeças louras, um comboio enorme, com carruacamisas desabotoadas, cantavam, a plenos pulmões, um hino de guerra.

Foi, então, que Natacha conheceu um novo destino. O comandante do posto já estava farto de ver, rolando sobre os bancos da estação, aquela velha grotesca, rotunda como uma pipa, que só sabia sorrir e responder com o seu nome ás chufas da soldadesca.

Meteram-na, á falta de melhor, na plataforma da locomotiva, volume perdido entre dois apeadeiros. Içaram-na difícilmente, e ela, sempre agarrada ao cestinho, acocorou-se em frente da fornalha esbraseada.

O maquinista olhava, furiosamente, aquele montão de trapos e de gordura. Ouviu-se o sinal da partida. Um jacto de vapor, num silvo agudo, envolveu o cabeçote da locomotiva.

No cais, os oficiais uniram os calcanhares e, levantando o braço, gritaram:

— *Auf wiederschen!*

E o comboio partiu, ganhando velocidade, marcha livre nos «rails» luzidios, rasgando o crepusculo que encharcava de névoa a terra sem fim.

A goela rubra, chamejante, tornava suportável a Natacha aquele incómodo lugar. A noite caía rápida, densa, sem uma luz na terra, nem uma estrela no céu, através da estepe desértica.

Era monótono aquele ranger de aço na via; o resfolgar do vapor, nas entranhas torturadas da máquina; o zumbir frio do vento que, constantemente, dispersava o bafo ardente do fogo, alimentado ao máximo.

Natacha destapou o cesto já vazio de pão, como que a procurar a manta rota e enxovalhada, para se resguardar da frialdade nocturna.

Então, num supremo impulso, enclavinhando os dedos, agarrou as duas granadas que apanhara no campo de batalha, e de pé, o corpo a oscilar, na vertigem do comboio, lançou-as á fornalha incandescente, num gesto brusco, decisivo.

Entre os destroços fumegantes do comboio Natacha, abraçada á terra negra, sorria sempre.

A morte nada lhe roubara, senão a vida!

O jornalista na estrada. É necessária a rapidez

A emoção

Há uns bons anos, ainda em Coimbra, um companheiro que, comigo, dava os primeiros passos neste calvário da vida literária, ofereceu-me «A Batalha Humana» com estas palavras: «Vê o que um bom jornalista pode fazer da emoção». Assim me fizeram imaginar Artur Portela; assim, mais tarde, o conheci e quase o vi morrer — ardendo na fogueira de uma sensibilidade em permanente labareda. A morte rondava-o, mas não era da doença que nos falava: o que ele queria de nós eram novas do mundo lá de fora, um interlocutor para a sua ardente curiosidade humana. Se um jornalista, para ser grande, necessita de um homem cuja emoção por tudo sangra, grande, sem duvida, foi Artur Portela.

FERNANDO NAMORA

Homem de aventura

Artur Portela era a ironia, a fantasia, o superlativo dramático, o tumulto, a paixão, um coração sempre aberto (como o dos cavaleiros andantes, de que foi entre nós um dos ultimos exemplares) a todos os infortunios, a todas as aventuras em cujo termo houvesse uma estrela, um sorriso ou uma lágrima, ou medos e injustiças a combater. Tal ele viveu, humano, e inquieto, sondando os caminhos multiplos da existência, e assim escreveu e morreu, sempre enamorado da beleza, da liberdade, da clemência, da fraternidade entre os homens. Amava a humanidade e — o que é ainda mais importante, e mais raro — amava os seres humanos. Escritor, cintilante visualista, comovido observador de criaturas e paisagens, do anodino e do exótico, romantico no mais nobre e autêntico sentido da palavra, senhor de uma rica paleta cromática, de um impressionante poder de evocação e sugestão, legou-nos algumas das mais belas crónicas da sua época, ainda voltado para o esteticismo, para as personalidades originais e deslumbrantes. Homem de aventura e de experiência, jornalista modelar, prodigioso de facilidade na dificuldade, conversador sardónico e pitoresco ou arrebatado e explosivo, outras vezes suave e enternecido, tão pronto sempre a um repente de rebeldia como a um gesto de compreensão, de encorajamento, de simpatia calorosa, Artur Portela, de quem recebi estímulos que foram decisivos para a minha vocação e a cuja vida diária, simples e generosa, assisti durante anos, nunca me sairá da memória como um dos homens e artistas que mais gostei de «conhecer» e cuja perda mais dolorosa me foi.

URBANO TAVARES RODRIGUES